

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA**

PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

**UMA CIDADE NO CAOS:
AS ÁGUAS DE MARÇO E OS RELATOS DE PROFESSORES ACERCA DA
ENXURRADA DE 2011 NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL/RS**

JULIANO TORRES FRAGA

**RIO GRANDE/RS
2015**

JULIANO TORRES FRAGA

**UMA CIDADE NO CAOS: AS ÁGUAS DE MARÇO E OS RELATOS DE
PROFESSORES ACERCA DA ENXURRADA DE 2011 NO MUNICÍPIO DE SÃO
LOURENÇO DO SUL/RS**

Dissertação apresentada como requisito final para aprovação junto ao Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação do professor Dr. Daniel Porciúncula Prado.

**RIO GRANDE
2015**

“Sempre que ocorre uma catástrofe natural no Brasil, ela será seguida de uma catástrofe moral, que se transformará numa catástrofe processual, que não apurará absolutamente nada.”

Saint-Clair Mello

Dedico este trabalho ao meu falecido vô Jurandir Ferreira Torres, que foi o primeiro incentivador, a minha esposa Isamara Venturini, aos meus alunos, ao amigo e orientador professor Dr. Daniel Prado.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande, devido a minha formação em licenciado e bacharel em História.

À Unisinos, pela experiência em pós-graduação.

Ao amigo e orientador, Dr. Daniel Porciuncula Prado, um ser humano para todas as horas. Por ter aceitado a orientação, pela dedicação ao trabalho, pelo profissionalismo ímpar.

À minha esposa Isamara Venturini, que me apoia em tudo, sem cobranças.

Aos entrevistados que se propuseram a relatar e dividir uma parte difícil de suas vidas.

Ao saudoso professor Dr. Lauro de Brito Vianna, meu antigo orientador nas graduações de licenciado e bacharel, que foi o primeiro a afirmar que eu deveria seguir a vida acadêmica.

Agradeço aos meus alunos e ex-alunos nas escolas em que trabalhei e trabalho: Escola Municipal Armando das Neves, Escola Municipal Marina Vargas, Escola Municipal Castro Alves, Escola Estadual Padre José Herbst, Escola Estadual Vicente di Tolla, Escola Estadual Cruzeiro do Sul.

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de estudar o desastre ambiental ocorrido em março de 2011 em São Lourenço do Sul, uma enxurrada que afetou a parte sul do estado do Rio Grande do Sul. Em São Lourenço do Sul, mais da metade da cidade foi atingida, afetando bairros inteiros, deixando grande parte da população desabrigada, inclusive causando óbitos. As óticas dos professores das redes públicas da cidade, através de suas sofridas memórias sobre aquele momento, juntamente com outras fontes, serão de suma importância para que se aproxime ainda mais do fato. A História Ambiental, juntamente com a História Oral, dentro dos domínios da História do Tempo Presente, serão as diretrizes norteadoras do processo.

PALAVRAS-CHAVE: História Ambiental, História do Tempo Presente, Memória, Enxurrada, Professores.

ABSTRACT

This paper intends to study the disaster suffered in March 2011 in São Lourenço do Sul. A flood that affected the southern part of the state of Rio Grande do Sul, in São Lourenço do Sul, over half the city was hit, affecting whole neighborhoods, schools, leaving many people homeless and causing deaths. From public network teachers' point of view, suffered memories of that time, along with other sources, will be of extreme importance to get closer to the fact. The Environmental History with Oral History, within the fields of History of Present Time are the guiding principles of the process.

KEY-WORDS: Environmental History, History of Present Time, Memory, Runoff, Teachers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Desastres naturais ocorridos no mundo e seus respectivos prejuízos adaptada de Alcantara-Ayala.....	37
Figura 02: Fluxograma de Classificação dos Desastres Naturais quanto a sua natureza, modificado de Silvia M. Saito.....	38
Figura 03: Abordagem sobre vulnerabilidade, por Birkmann	44
Figura 04: Representação do ciclone e anticiclone, por António Miguel de Campos.....	46
Figura 05: Sistema frontal, em site da USP, ambiente de sinótica.....	47
Figura 06: Representação do ciclo da água traduzido por Maria Helena Alves	48
Figura 07: Características dos leitos de um rio, por Tucci.....	50
Figura 08: Localização de São Lourenço do Sul, por Reichert, Padilla, Gomes e Cáceres.....	54
Figura 09: Bioma Pampa, por Marcela Caetano	55
Figura 10: O começo do desastre, por METSUL.....	64
Figura 11: Precipitação dia 10/03/11 às 02h30min, por REDEMET.....	65
Figura 12: Precipitação dia 10/03/11 às 16h30min, por REDEMET.....	65
Figura 13: Bloqueio na BR 116, por Jornal Zero Hora	66
Figura 14: Como aconteceu a Enxurrada (1) por Jornal Zero Hora	67
Figura 15: Como aconteceu a Enxurrada (2) por Jornal Zero Hora	68
Figura 16: Como aconteceu a Enxurrada (3) por Jornal Zero Hora	69
Figura 17: Como aconteceu a Enxurrada (4) por Jornal Zero Hora	70
Figura 18: Como aconteceu a Enxurrada (5) por Jornal Zero Hora	70
Figura 19: Pontes Destruídas, por Jornal Zero Hora.....	71
Figura 20: Ruas de São Lourenço do Sul, por Jornal Zero Hora.....	71
Figura 21: Situação Pós Enxurrada (1), por Itapema FM/RS	72
Figura 22: Situação Pós Enxurrada (2), por Itapema FM/RS	72
Figura 23: Produtores de Tabaco (1), por Jornal O Globo	74
Figura 24: Produtores de Tabaco (2), por Jornal O Globo	75
Figura 25: Rio São Lourenço desembocando na Lagoa dos	

Patos, por Popa – motivos náuticos.....	77
Figura 26: Alfaces d'água no rio São Lourenço (1), por Juliano Torres Fraga.....	80
Figura 27: Alfaces d'água no rio São Lourenço (2), por Juliano Torres Fraga.....	81
Figura 28: Rio São Lourenço depois da enchente, por Eduardo Seidl.....	82
Figura 29: Bola de água atinge residência, por Globo	107
Figura 30: Resgate (1), por Ultimo Segundo.....	111
Figura 31: Resgate (2), por FAB	112
Figura 32: Resgate (3), por Cavok, blog	113
Figura 33: Resgate (4), por Cavok, blog	114
Figura 34: Trapiche pós-enxurrada, por Popa – motivos náuticos	115
Figura 35: Ponte sobre o Arroio Pinto, por Zero Hora	116
Figura 36: Ponte sobre o Arroio Pinto, por notícias, site uol.....	116
Figura 37: Vista Aérea da zona urbana em São Lourenço do Sul por Itapema FM/RS	117
Figura 38: Situação pós Enxurrada (3), por notícias	117
Figura 39: Situação pós Enxurrada (4), por Itapema FM/RS.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ponderação dos Prejuízos.....	39
Tabela 2: Diferenciação de Termos relativos a Desastres Ambientais.....	41
Tabela 3: Agrupamento dos tipos de inundações.....	51
Tabela 4: Prejuízos pós-enxurrada.....	121

**UMA CIDADE NO CAOS: AS ÁGUAS DE MARÇO E OS RELATOS DE
PROFESSORES ACERCA DA ENXURRADA DE 2011 NO MUNICÍPIO DE SÃO
LOURENÇO DO SUL/RS**

JULIANO TORRES FRAGA

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Membro Interno - Prof. Dr. Daniel Porciúncula Prado - Orientador – FURG

Membro Interno - Dr. Luiz Henrique Torres – FURG

Membro Externo - Prof. Dr. Paulo Martinez - Unesp

Membro Interno - Prof. Dr. Paulo Roberto Armanini Tagliani – FURG

Membro Interno - Profª Drª Carmem B. G. Schiavon - FURG - suplente

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1 TEMPO PRESENTE: COMEÇO DE UM DESASTRE AMBIENTAL	30
1.1 Problemas Ambientais Globais	30
1.1.2 Crise Ambiental	30
1.1.3 Desastres Naturais	36
1.1.3.1 Definições	38
1.1.3.2 Classificação dos Desastres Hidrometeorológicos	38
1.1.4 Definições De Perigo E Risco	40
1.1.5 Definições de Vulnerabilidade	42
1.1.6 Clima e Tempo	45
1.1.7 Chuva	48
1.1.7.1 Inundações	49
1.2 Breve História de São Lourenço do Sul.....	53
2 DESASTRE AMBIENTAL: A ENXURRADA EM SÃO LOURENÇO DO SUL	62
2.1 História Ambiental Urbana de São Lourenço do Sul.....	64
2.2 Breve Comentários Sobre o Meio Ambiente Local.....	74
2.2.1 O Rio São Lourenço.....	77
2.2.2 Lagoa dos Patos e Hidrografia Local.....	82
2.3 Os Professores Atingidos.....	85
2.4 A Destruição e os Efeitos.....	109
2.5 O Recomeço.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS.....	129
ANEXOS.....	138

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem a intenção de apresentar uma análise da enxurrada ocorrida em São Lourenço do Sul no mês de março do ano de 2011, através de relatos de entrevistas com professores da rede pública escolar e da comunidade lourenciana envolvida na enchente, além da mídia eletrônica e jornalística local. A vivência de quem sofreu com o trágico mês de março de 2011 é um dos focos da pesquisa, destacando-se quem prestou socorro e quem passou pelas perdas materiais.

Como questões orientadoras do trabalho, destacam-se: como os professores conviveram com aqueles primeiros dias de crise; como enfrentaram o problema; quais os impactos da catástrofe ambiental. Através dos relatos será possível rever os demais problemas dos segmentos da comunidade escolar, como alunos, pais, professores e funcionários, os quais foram afetados, psicologicamente e materialmente, incluindo as seguintes questões: as particularidades e resultados de uma catástrofe ambiental; até que ponto esta poderia ter sido evitada pelas autoridades competentes; qual a contribuição de todos como sociedade, perante a natureza; que respostas a natureza oferece à sociedade; a enxurrada poderia ser evitada por todos nós? Qual a parcela de culpa em diferentes proporções? Como a sociedade Lourenciana reagiu? Como as escolas trabalharam com esta adversidade da natureza? O que foi feito para as escolas e para a cidade de uma forma geral?

A pesquisa tem como alicerce a História Oral e História Ambiental. Conta com fontes diversas, tais como jornais locais, jornais estaduais, sites, institutos de meteorologia e estatísticas, além das entrevistas das memórias dos professores das escolas públicas de São Lourenço do Sul. Metodologicamente, a história oral é uma importante ferramenta, apropriada para o uso das entrevistas, devidamente espontâneas e autorizadas por seus entrevistados. Foram entrevistados quatro professores, sendo três colaboradores em atividades de classe e na escola exercendo suas funções e um responsável pela única mídia local que funcionou nos momentos de crise. As entrevistas objetivam identificar a percepção dos entrevistados com relação as angústias, a solidariedade, o clima tenso de uma

cidade no caos e os primeiros passos para a reconstrução; o que foi feito, o que supostamente foi escondido e o que deve ser lembrado. A educação, o meio ambiente e a história se fundem naturalmente no trabalho, propondo reflexões: como foram as aulas neste período de crise? Quais as ações múltiplas e de solidariedade que atingiram os estudantes e a comunidade escolar? Quais perdas materiais mais sentidas? Como ficou a cidade após a enchente? Como ficou o “*orgulho da cidade*” após a ação das águas na vida das pessoas? De onde tirar forças para esquecer, se reerguer e ir adiante?

Tem-se a intenção de analisar e descrever a enxurrada em São Lourenço do Sul depois do ocorrido em março de 2011. Espera-se que tais relatos sirvam de alguma forma como alerta, uma reflexão para um futuro onde não ocorram mais catástrofes ambientais do tipo. A vivência dos sujeitos é de suma importância para que se estabeleça uma política preventiva de desastres ambientais na região. Neste contexto, tenta-se verificar o recomeço destes professores no ambiente escolar, no seu trabalho diário pós-tragédia, as dificuldades encontradas para recomeçar etc.

A primeira constatação é a de que equipes de psicólogos da FURG e UNISINOS estiveram no local, auxiliaram e procuraram encontrar meios para estancar e diminuir os problemas psicológicos causados pelo trauma, pela perda de bens materiais e, em alguns casos, de familiares. Inúmeras famílias de baixa renda foram atingidas em alguns perímetros da cidade. Difícil tentar conceber em alguns casos as dificuldades encontradas pós-catástrofe ambiental.

O autor deste trabalho foi um dos inúmeros moradores atingidos pela enxurrada, tendo a própria moradia imersa em água até o teto. Optou pela espera do passar do tempo e certo distanciamento para escolher o tema e aproveitar a oportunidade de trabalhar com esta história, tão presente ainda na população e em especial nos objetos deste estudo: professores, alunos e comunidade escolar. A escolha deu-se por ser uma reflexão emergente e necessária que traz uma contribuição futura para a comunidade e o pensar sobre seus problemas, embora seja angustiante trabalhar com o caos (onde o desastre ambiental se imbrica com perdas, angústias, medo, solidariedade e reflexão).

A fundamentação e coluna dorsal do trabalho amparam-se na História Ambiental. Esta se constitui em um campo relativamente recente e que vem se

estruturando no emaranhado das fundamentações teóricas da historiografia a partir da década de 1970, em diferentes países. Entende-se com pertinência a sua abordagem analítica para o ocorrido em março de 2011.

A História Ambiental, ainda com poucas obras e pesquisas no Brasil, desperta interesse há poucas décadas entre historiadores brasileiros, entretanto, estes têm se empenhado em desbravar tal campo do conhecimento histórico. Neste campo, destacam-se os nomes de José Augusto Pádua (2010), Paulo Henrique Martinez (2006), José Augusto Drummond (1991), Daniel Prado (2008), Regina Horta Duarte (2005), José Luiz de Andrade Franco (2009), dentre outros. Algumas Universidades brasileiras e grupos de trabalho em História têm procurado aumentar a abrangência deste campo, como por exemplo, os trabalhos de ensino, pesquisa e extensão elaborados no âmbito da FURG.

Na década de 1990 no Brasil, as questões ambientais ganham maior visibilidade.

[...] É o que podemos observar no caso do ensino, fundamental e médio, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, desencadeando a necessidade de preparação profissional dos professores para a abordagem das problemáticas ambientais já nos cursos de graduação e licenciatura de disciplinas escolares, entre elas a História. Outra manifestação, nesse sentido, foi a valorização da Educação Ambiental no ensino formal, definida pela Política Nacional de educação Ambiental (Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999) no ensino formal, em uma perspectiva transversal, e não como disciplina específica, gerando também novas necessidades no campo do ensino e da aprendizagem. (MARTINEZ, 2006, p.12)

É necessário entender que para estudar uma catástrofe natural é imprescindível uma modalidade teórica adaptada ao meio ambiente, respaldando e filtrando com uma maior exatidão os acontecimentos naquele março de 2011.

Não se poderia fugir da Educação Ambiental e da noção de tempo. O tempo para refletir, para reagir, para retomar a vida, o cotidiano, assimilar as perdas materiais e humanas. As ferramentas da Educação, do Meio Ambiente e da História funcionam para suprir as indagações levantadas: Como ficou o ambiente escolar após a enxurrada? Qual foi o impacto? Como seria conviver numa comunidade escolar pós-trauma?

O objetivo geral deste trabalho é interpretar através das entrevistas, as memórias dos professores do ensino público que sofreram o processo catastrófico, os primeiros dias de aula, o impacto em reconstruir a escola, suas casas, sua vida, os diferentes aspectos da realidade perante a fúria do meio ambiente e num plano menor, evidenciar-se as causas e resultados dos problemas da região.

Acredita-se que o trabalho se enquadra perfeitamente na proposta do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em História – FURG, dentro da linha de pesquisa “campos e linguagens da História”, onde este eixo afirma que:

[...] Campos e linguagens da História, os estudos serão centrados em torno da pesquisa nos diferentes campos do conhecimento histórico e suas múltiplas linguagens, assim como o papel dos saberes da história regional, ambiental, afro-brasileira, indígena, cartográfica e da cultura material para o ensino de História. A presente linha se estrutura a partir da percepção de que no processo geral de produção dos saberes históricos, segundo Marcos Silva (2000), deve articular a historiografia existente (acadêmica) e o conhecimento produzido por professores e alunos em seu dia-a-dia escolar, os quais são dotados de outros saberes e tradições capazes de explicitar ‘interpretações de historicidades. (GUIA ACADÊMICO 2013, p.5-6).

[...] No entanto, não se propõe aqui uma linha para a discussão apenas dos tradicionais campos do conhecimento histórico como a história econômica, demográfica, política, cultural e social, mas, dos novos campos que têm se solidificado nas últimas décadas, como a história e suas relações com a cultura material, História e cultura indígena, História e cultura afro-brasileira, assim como a História regional, campos de pesquisa e construção do conhecimento. (GUIA ACADÊMICO 2013, p.6).

Com isto, acredita-se que seja necessário analisar a enxurrada de março de 2011 na cidade de São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, através de relatos, com base na história oral, além de utilizar fontes diversas, dando ênfase para a situação dos professores da rede pública escolar no momento de crise.

Investigaremos as lembranças dos professores do ensino público que sofreram com aqueles primeiros dias de aula, a reconstrução das perdas materiais e imateriais e os diferentes aspectos da realidade perante a fúria do meio ambiente, apoiados na História ambiental e na História do Tempo Presente.

A enxurrada em São Lourenço do Sul foi um desastre natural. O aumento na quantidade de desastres naturais, em escala mundial, nos últimos tempos tem sido considerável. Citamos aqui alguns destes desastres: enchentes de Moçambique (2000); onda de calor europeia (2003); terremoto e tsunami do Japão (2011); furacão Katrina (2005); queimadas do Sábado Negro (2009)¹. Fatores como o aumento da população, a ocupação desordenada e o intenso processo de urbanização e industrialização contribuem para tal. Estes fatores somam para a ocorrência dos desastres ambientais nas áreas urbanas e afetam a impermeabilização do solo, o adensamento das construções, a conservação do calor e a poluição do ar. Já nas áreas rurais afetam a compactação o solo, o assoreamento dos rios, os desmatamentos e as queimadas.

Os desastres têm se intensificado historicamente pelo mau gerenciamento das bacias hidrográficas, considerando-se principalmente a falta de planejamento urbano. Também, o aquecimento global amplia a frequência e intensidade das intempéries climáticas, como precipitações extremas, vendavais, granizos entre outros, aumentando a ocorrência de catástrofes.

Considerando-se Alcantara-Ayala (2002), a ocorrência dos desastres ambientais está também relacionada à vulnerabilidade do sistema social sob impacto, isto é, o sistema econômico-social-político-cultural. De uma forma geral, países em desenvolvimento não têm boa infraestrutura, sofrendo muito mais que os países desenvolvidos, com os desastres ambientais, destacando-se aí o grande número de vítimas. Áreas de risco, menos propícias à agricultura e aumento populacional, são habitadas pela população de baixa renda, forçadas pelo desenvolvimento econômico e pressão populacional. Embora seja sabido que a enxurrada em São Lourenço do Sul tenha atingido diferentes camadas sociais dentro da cidade, o fator social e econômico no Brasil, de uma forma geral, pesa e os menos favorecidos sofrem mais.

Os países menos desenvolvidos são os mais atingidos, exatamente por ainda não possuírem uma maior desenvoltura em políticas sustentáveis de prevenção e que realmente se faça presente em todas as regiões. Neste sentido, a enxurrada de

¹ OCTOPUS Publishing Group. 501 desastres mais devastadores de todos os tempos. Trad. Catharina Pinheiro. São Paulo: Editora Lafonte, 2012. Passim.

São Lourenço do Sul é definida tecnicamente como um “desastre natural hidro meteorológico” de característica hidrológica².

Repensando os possíveis desastres ambientais que o Brasil poderia ter e tendo a necessidade de se precaver, foi realizado o *Seminário Nacional de Desastres Ambientais* realizado em 7 e 8 de novembro de 2000 em Curitiba/PR³. Tentava-se, na época, buscar alternativas para a prevenção de futuros problemas ambientais para o país. No trabalho, será utilizada a história oral para as entrevistas. Para Haguette (1987) a História Oral é uma técnica de coleta de dados que tem como base o depoimento oral gravado, que se obtém por meio de interação entre pesquisador e entrevistado. O autor afirma também que a entrevista é um movimento da própria história se fazendo. Com Thompson (1992), entrevistar é habilidade. No entanto, afirma que existirão diferentes tipos de entrevistas, onde o entrevistador descobre e se adapta a cada um, até achar uma forma que se adapte melhor ao entrevistado e ao tema proposto.

A metodologia aplicada toma por base a história oral de vida. Na transcrição das entrevistas, respeitando, em todos os sentidos, a íntegra das perguntas e resposta, deixando-se assim as entrevistas com a maior fidelidade possível.

² De acordo com Silvia M. Saito. **Desastres Naturais**: conceitos básicos. I Escuela de Primavera sobre Soluciones Espaciales para el Manejo de Desastres Naturales y Respuestas de Emergências-Inundaciones. Instituto Nacional Pesquisas Espaciais (INPE), dados do ano de 2007.

³ Este Seminário fez parte do programa de “Fóruns Temáticos” que o Confea (Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia), através da CAN (Comissão de Assuntos Nacionais) desenvolveu naquela gestão, buscando discutir e apontar soluções para os assuntos de interesse da sociedade em algumas áreas com a intensão de responder vários desastres ambientais, ocorridos nos diversos pontos do país no ano de 2000. Entre outros, foi debatido o acidente do Rio Iguazu, que recebeu quatro milhões de litros de petróleo vasados da Refinaria Presidente Getúlio Vargas, em Araucário, Paraná, no dia 16 de julho de 2000. Dentre tantas outras preocupações, a temática do Seminário foi dividida em dois enfoques: 1. Proteção ambiental e 2. Desastres Ambientais: Mecanismos de Proteção. Assim foi confeccionada uma publicação que o Confea disponibilizou aos profissionais interessados. Também foi elaborada e aprovada a “Carta de Curitiba” que consiste em lançar um alerta a nação brasileira sobre o número crescente de empreendimentos caracterizados por altos potenciais de risco, cujas atividades não vêm sendo adequadamente pesquisadas, avaliadas e prevenidas, tendo como consequência o surgimento de novos desastres ambientais, que ameaçam seriamente a vida, nas suas mais diversas manifestações, constituindo-se em elementos permanentes de preocupação social. Além disso, a preocupação em empreendimentos públicos e privados, saindo em defesa de uma atuação voltada a proteção da vida e a defesa dos excluídos. Procurou-se propugnar pela definição e aprovação de uma política nacional que efetivamente crie mecanismos de avaliação, controle e gerenciamento dos empreendimentos considerados como de risco, como também apurar as causas e responsabilidades envolvidas nos desastres ambientais e suas consequências.

No presente trabalho foi utilizado a História Oral de Vida como método. Conforme MEIHY (1996: pag. 35-39) a História Oral de Vida é muito mais subjetiva que objetiva. O sujeito é o depoente que tem liberdade para dissertar o mais livremente possível a sua experiência pessoal, sendo esta o relato oficial do depoente. O narrador é soberano em revelar ou ocultar caos, situações e pessoas. Meihy revela a necessidade de registrar na gravação a ficha técnica do depoente (nome completo, estado civil, local e data do encontro). A participação do entrevistador deve ser sempre estimuladora, nunca de confronto. O trabalho teve este formato e seguiu estas concepções para que se tivesse uma maior proximidade do entrevistado com “seu mundo real”, com seus pensamentos e lembrança dos fatos. Ainda sobre História Oral de Vida, Meihy destaca cinco formas principais de narradores, ainda que haja múltiplas variações em cada tipo de depoente: 1) Narrativas de vidas públicas; 2) figuras que leem a própria história contada de forma épica; 3) Narradores que contam suas vidas expressas de maneira trágica; 4) Narradores cômicos que relatam experiências com uma dose exagerada de humor; 5) Narradores que contam a própria história mesclando várias formas. Além disto, Meihy destaca que todos os agentes sociais têm história e configuram-se como potenciais colaboradores para a história oral.

Para Thompson (2002) o movimento moderno de História Oral se constituiu em meados do século XX.

Apesar desses prenúncios, de outra direção é que veio o passo essencial na direção do movimento moderno: a história política. “A história oral” declarou a *Oral History Association* (norte-americana), “foi instituída em 1948 como uma técnica moderna de documentação histórica, quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana.” A abordagem de Colúmbia, o projeto de gravação com os “grandes homens”, com financiamento privado, mostrou-se extremamente atraente para fundações nacionais e para financiadores locais, especialmente para políticos que se aposentavam. De fato, durante duas décadas pelo menos, isso foi a “história oral” nos Estados Unidos – e somente a partir da década de 1970 o método foi vigorosamente revivido em relação à história dos índios, à história dos negros e ao folclore, e estendido a novos campos, tal como a história das mulheres (THOMPSON, 2003, p.89).

Além dos Estados Unidos, Thompson destaca “*Canadian Oral History Association*”, constituída em 1974, que possui sua própria revista especializada. Nos dois países em conjunto, já havia em 1971, 100 mil horas gravadas de entrevistas. Isto se dá por grande parte dos historiadores orais norte-americanos serem documentalistas, demonstrando a força da história oral e já em seu começo nas Américas.

Thompson destaca a relevância da história oral para o historiador e a produção da mesma, indo do real ao imaginário:

Finalmente, a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estarão sujeita a serem descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” e estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. E essa é a razão por que é justo que terminemos mencionando *All God’s Dangers*, de Theodore Rosengarten, a autobiografia de Nate Shaw, um lavrador analfabeto do Alabama, nascido na década de 1880, baseada em 120 horas de conversas gravadas: uma das histórias de vida mais comoventes, e certamente a mais completa, de uma pessoa “insignificante”, conseguida a partir da história oral. Gostaríamos muito que o método fosse julgado por frutos como esse (THOMPSON, 2003, p. 137).

Para a realização das entrevistas para esta dissertação, foram utilizados a *webcam* de um *notebook Dell* e a gravação de áudio de um celular *Motorola*. Todas as entrevistas foram guardadas com sigilo, escutadas e observadas várias vezes, dando a condição para serem realizadas as transcrições da forma mais fiel possível.

A História Ambiental surgiu como campo historiográfico na década de 1970, nos Estados Unidos da América, com a *American Society For Environmental History*, sendo esta a primeira sociedade científica de fato a estudar a História Ambiental. O primeiro curso universitário que repercutiu no meio acadêmico foi ministrado pelo historiador cultural *Roderick Nash* na *Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara*. Talvez neste primeiro momento a História Ambiental tenha sido influenciada ou até alimentada, de certa forma, pelas teorias ambientais e o ambientalismo.

Com a História baseada na *concepção dos Annales*, com *Marc Bloch* e *Lucien Febvre*, na França, solidificou-se uma linha historiográfica marcante a partir daquele

momento. A revista ocasionou uma forma, uma concepção de História Científica, trazendo um novo paradigma para a forma de se escrever a história, rompendo com a história descritiva e por assim dizer narrativa, para trazer indagações, hipóteses, criando a “*História – Problema*” com esta forma “*inovadora*” para aquele momento de se fazer história. A História Política tradicional e factual começa a ser superada, dando-se ênfase a outras formas de pesquisa e narrativa histórica. Nesse momento, são valorizados a população, costumes, “*paisagens*” e “*natureza*”. Há uma crença na construção de conexões, influências desta corrente historiográfica junto ao fazer história ambiental⁴.

Com a nova *ótica dos Annales*, a gama de fatores, objetos, sujeitos e fontes se ampliam no ofício do historiador. Também a História passa a buscar formas interdisciplinares de ver essas novas concepções para melhor tentar justificar e ver “o todo ao seu redor”. Mais tarde a forma de “*História Problema*” adentra a História Social e as Ciências Sociais de forma mais consistente. As várias gerações dos *Annales* se perpetuam e se solidificam mais e mais através do tempo.

Nessa primeira geração dos *Annales*, todo e qualquer documento é fonte. Seu interesse estava um pouco mais centralizado em perceber os processos a média e longa duração. As rupturas, vivências, tradições e heranças são fenômenos observados de forma mais intensa.

Com a *morte de Marc Bloch em 1944*, *Febvre* dá seguimento ao movimento e à revista, vindo a falecer em 1956. Logo *Fernand Braudel* assume como diretor efetivo a Revista Francesa. Ao assumir, solidifica e constitui a segunda geração dos *Annales* e passa a ser o mais influente Historiador Francês.

Braudel começa a investir em jovens historiadores com talento como *Jacques Le Goff*, *Emmanuel Le Roy Ladurie* e *Marc Ferro*.

Com a obra “*O mediterrâneo*”, *Braudel* toma prestígio internacional e constitui a ideia de integrar o meio, o social, o político, o cultural, a economia, tendo a amplitude de notar os acontecimentos de forma totalizante. É neste momento que concede a noção de “*História Total*”. Sendo assim, a História Ambiental não poderia

⁴ Burke, Peter: **A Revolução Francesa da Historiografia**: e a *escola dos Annales* 1929-1989. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

ser deixada de lado, nem deixar de ter a mesma importância e ênfase que os demais “*Domínios da História*”, título da obra importante de *Vainfas e Cardoso*⁵.

É certo afirmar que a História Ambiental se firma em métodos e conceitos da história, contudo com este teor de interdisciplinaridade, sua diferente abordagem faz com que se permita elaborar uma historiografia própria.

É inegável que a experiência humana desde os primeiros hominídeos se desenvolveu, através dos tempos, pela necessidade do homem junto ao meio natural que habitava, a reflexão de “entender como os seres humanos foram afetados pelo ambiente natural e inversamente como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (WORSTER, 1991, p. 01). Impossível deixar de ressaltar que a História necessitaria de uma análise mais profunda sobre o aspecto ambiental dentro de um estudo antropológico mais amplo, mais ligado às Ciências Biológicas e as relativas à natureza e ao estudo do homem⁶.

Portanto, é impossível separar o homem do seu meio. Com isso, os estudos de história Ambiental aparecem no contexto mundial em boa hora. Visto as inúmeras complexidades que o homem globalizado vive em seus dias atuais, assim como as problemáticas diante dos reflexos que a natureza tem respondido nos últimos tempos. A natureza e humanidade estão sempre em movimento e em constante transformação:

Para o entendimento humano, se é que se pode falar de forma tão generalizada, o conceito de Natureza apresenta uma clara ambiguidade, que passou por várias metamorfoses ao longo da história. De um lado, a ideia de natureza serve como uma espécie de eixo conceitual que dá sentido ao nosso entendimento do universo. Ela fundamenta a construção conceitual que dá sentido ao nosso entendimento do universo. Ela fundamenta a construção conceitual da experiência de que existe coerência ontológica no mundo em que

⁵ CARDOSO, C.F.S., VAINFAS, R. (Orgs.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 17ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

⁶ “A antropologia biológica (designada antigamente sob o nome de antropologia física) consiste no estudo das variações dos caracteres biológicos do homem no espaço e no tempo. Sua problemática é a das relações entre o patrimônio genético e o meio (geográfico, ecológico, social), ela analisa as propriedades morfológicas e fisiológicas ligadas a um meio ambiente, bem como a evolução destas particularidades. O que deve, especialmente, a cultura a este patrimônio, mas também, o que esse patrimônio (que se transforma) deve a cultura? Assim, o antropólogo biólogo levará em consideração os fatores culturais que influenciam o crescimento e a maturação do indivíduo”. (LAPLANTINE, p. 9, 1994).

vivemos. Por sua vez, a imagem de ser humano e de história humana se construiu em grande parte por oposição à natureza: arte versus natureza etc. em outras palavras, um conjunto de oposições que procuram demarcar, por diferenciação ou por identificação, a especificidade do fenômeno humano em relação à natureza (seja afirmado uma oposição e ruptura radical entre ambos, seja entendendo o humano como uma qualificação especial no contexto do mundo natural)(PÁDUA, In FRANCO, J.L de A.; SANDRO, D.; DRUMMOND, J.A; TAVARES, G (Orgs.) 2012, p.24).

Essa compreensão apresentada por Pádua acerca de natureza e homem vem ao encontro de uma outra concepção, não contrária, nem equiparada, mas diversa em outro aspecto fundamental no processo de entender e fazer História Ambiental, que é o pensamento de Worster sobre ecologia:

Mas é acima de tudo a Ecologia, que investiga as interações entre os organismos e entre estes e os seus ambientes físicos, quem mais pode ajudar o historiador ambiental. Isto se explica em parte porque, desde Charles Darwin, a ecologia se preocupa tanto com interações passadas quanto presentes; ela tem sido parte fundamental do estudo da evolução. Igualmente importante é o fato de que a ecologia se preocupa visceralmente com a origem, a dispersão e a organização[...]Em toda sua história a humanidade tem dependido crucialmente das plantas, para alimento, remédio, material de construção, habitat de animais de caça e escudo contra o restante da natureza. As plantas tem sido, quase invariavelmente, aliadas dos humanos na luta para sobreviver e prosperar. Assim, quando homens e plantas se encontram, nascem mais temas de história ambiental do que em qualquer outra circunstância. Sem o conhecimento ecológico da vegetação, a história ambiental perde os seus alicerces, a sua coerência, o seu primeiro passo. (WORSTER, 1991, p. 203)

O autor estadunidense renomado, *Aldo Leopold*, considerado o pai do estudo da ecologia e vida selvagem, professor e autor da obra "*A Sand Country Almanac*" foi um dos precursores da fusão da história com a ecologia.

Outras aplicações e ensaios neste sentido, partiram de outro historiador estadunidense, *James Malin*. Seus estudos e abordagens começaram com a vontade de estudar sua terra natal. Worster cita muito bem esses dois, realçando sua significativa importância neste aspecto da história com a ecologia, como também trata em "*Para fazer história ambiental*"⁷, as reflexões antropológicas entre o

⁷ WORSTER, D. **Para fazer História Ambiental**. In estudos históricos. Vol. 4. Nº 8. 1991.

homem e a natureza dentro da sociedade neste processo de relação entre ambos, são definidos como pertencentes a uma escola ecológica, por John Bennet, em sua obra “ *The Ecological Transition*”, também citado por *Worster*.

A complexidade de diálogo entre a história e as ciências naturais não é tão simples, pois não se trata de situações estáticas, paradas no tempo. Os sistemas naturais mudam, necessitando de constantes observações analíticas.

Dito de outra maneira, ao dialogar hoje com as ciências naturais, a história ambiental se situa em um contexto teórico muito diferente daquele que alimentou as formulações deterministas do passado. Sem falar na herança teórica de toda a crítica interna produzida nas ciências sociais em relação aos riscos dos reducionismos geográfico, biológico etc. As ciências naturais adquiriram maior sofisticação teórica, calcando-se em finas metodologias ecológicas, radicalmente abertas e interativas. Os sistemas naturais se auto organizam por meio da constante interação entre todos os seus elementos, bióticos e abióticos. O caminho é feito ao andar(para lembrar o belo verso de Antônio Machado). As consequências de tal interação, por sua vez, são abertas, podendo, no limite, levar ao colapso, ou então à emergência de formas mais resilientes de organização. A presença do caos, do acaso e da contingência ganha força nas análises (PÁDUA, 2012, p. 28).

A história ambiental no Brasil também é um processo recente e aos poucos o campo vem crescendo. As condições climáticas de biodiversidade e o meio em que se vive no país propiciam aos estudiosos, cientistas e historiadores, adentrar mais na área. O Brasil é um imenso laboratório.

A história ambiental cada vez mais tem despertado interesse, assim como as questões de ordem ambiental. O meio ambiente tem despertado a atenção de diferentes pesquisadores, de áreas diversas e distintas. Inúmeros projetos e estudos têm aparecido buscando compreender a origem dos problemas ambientais atuais e globais, relacionados a uma crise ecológica resultante da industrialização, da revolução técnico-científica, da urbanização acelerada e da desenfreada utilização dos recursos naturais que vem, através dos tempos, se agravando pelo modo de vida do homem moderno e da globalização.

Herança do pensamento renascentista e humanista, como também do iluminista no século XVIII, a diferença e o complemento entre homem e natureza orientaram as pesquisas científicas até o início do século XX. Hoje, essa ótica tem

sido superada por historiadores através de diálogo constante com outras áreas do conhecimento, buscando a redução de riscos e anacronismos.

Têm se visto formar novas hipóteses e novas paisagens, construídas de acordo com estes historiadores, através da contribuição das sociedades que ao longo dos tempos e em diferentes lugares usufruíram de distintas formas dos recursos naturais. Ao longo da história, portanto, se estabelecem relações complexas e recíprocas entre homem e natureza que carecem de investigação. O que pode ajudar a superar a visão fatalista de que a ação do homem sobre a natureza é maléfica independente de tempo e lugar. A História Ambiental, então, vem para completar e constituir um campo sólido de pesquisa.

Pesquisar as relações entre homem e natureza supõe um diálogo intenso com outras áreas do conhecimento, sem abandonar as especificidades de cada uma, onde cada qual tem sua relevância e todas são vistas e revistas num processo dialético, constituindo objetos de estudo, de abordagem e de metodologias comuns entre estas, numa visão unificada das sociedades, do passado e do presente.

A história ambiental é caracterizada de forma sucinta, nestas palavras do historiador Paulo Henrique Martinez:

Trata-se, fundamentalmente, de reconstituir e explicar as formas de extração, utilização e regulamentação do uso dos produtos naturais, incluindo, além disso, as representações simbólicas dos elementos naturais na vida humana. A própria natureza pode ser pensada, aqui, como uma 'construção cultural'. Uma das peculiaridades mais destacadas da história ambiental seria, assim, o exame das relações entre os seres humanos e, dentro e a partir delas, a análise das relações que se estabelecem com o mundo natural. (MARTINEZ, 2006. p.19).

O historiador *Paulo Henrique Martinez* trouxe uma importante contribuição: "História Ambiental no Brasil – Pesquisa e Ensino." Embora a história ambiental tenha raízes estadunidenses, no aspecto teórico-metodológico esta obra permite pensar e repensar a história ambiental no Brasil e não apenas seguir as diretrizes e modelos da história ambiental norte-americana. O autor propõe que se faça uma história ambiental brasileira, com suas peculiaridades, sem perder as raízes brasileiras de seu passado colonial e sua formação étnica. Desta maneira, construiu um diálogo próprio, em pesquisas identificadas com as necessidades reais do país,

sem esquecer este mesmo passado escravista e a forma como o Brasil supria sua metrópole e a economia mundial mais tarde. Assim, conseguiu traçar uma forma específica, única e local de fazer história ambiental, sem esquecer a historiografia estrangeira na área, mas criando possibilidades de restabelecer um diálogo crítico da realidade brasileira do passado e do presente.

Esta pesquisa também passa pela ótica da história do tempo presente, considerando-a um norte, isto é, uma direção em que não se pode fugir no momento. Não há intenção de distanciamento, pelo contrário, a aproximação com a história do tempo presente é necessária e inevitável. Vista ainda com um certo preconceito e com enormes dificuldades para ser vivenciada e executada por alguns historiadores. O ato de se fazer história tão próximo de seu objeto necessita redobrada atenção. Ao lidar com o tempo presente, a história está viva e quente, sendo que as alternativas de debate, prospecção e possibilidades são múltiplas.

Dentro do trabalho, serão utilizadas as possibilidades que a História do Tempo Presente apresenta, pois esta se manifesta com peculiar pertinência. Esse domínio aproxima-se do real imediato que é inerente a todo trabalho histórico. Mostra o que existe entre a ficção e o real presente, vivo. Consiste também na ambição da história de ser um discurso capaz de se aproximar realmente do fato, além de tratar-se de uma forma de escrever a História pautada no presente, com uso de fontes orais.

Ricoeur (2007)⁸ afirma que o historiador não se deve limitar ao estabelecimento dos fatos, que o todo da história consiste em construir, mas deve criar novas formas que são sempre sujeitas a revisões constantes em função das novas informações, hipóteses que vão ressurgindo do passado. Para Ricoeur o retorno do passado é impossível, portanto, não se pode ter reconhecimento do passado a não ser mediante relatos (oral, visual, escrito).

Em um mundo cada vez mais rápido e de mudanças, o uso dos depoimentos faz parte das fontes para a História do Tempo Presente. Tal denominação está associada à criação do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP - *Institut*

⁸ Cf. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

d'histoire du temps présent)⁹, onde o objetivo era trabalhar sobre a história contemporânea e o passado próximo. É onde o historiador investiga um tempo que é seu próprio tempo, com testemunhas vivas e oculares dos fatos. O historiador trabalha, então, com uma história que também é sua. *Henry Rousso* afirma que o historiador do tempo presente faz uma história inacabada, onde os acontecimentos futuros podem mudar esta história que está sendo trabalhada.

Impossível não adentrar nos estudos sobre memória e sobre os domínios da História do Tempo Presente. Sobre memória poderíamos citar os estudos do historiador francês *Jacques Le Goff* que foi membro da *Escola do Annales*. E também citamos *Michael Pollak* (1992) que afirma o seguinte: “A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa.”

Como a Memória sofre flutuações, pode-se entender que ela é dividida entre o conhecimento, a bagagem de vida do indivíduo e se mistura com o tempo, ideologias, posicionamentos e funções diversas. Sobre a construção de memória, fonte oral que utilizamos para esta pesquisa, *Pollak* afirma o seguinte:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. O trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte. É evidente que a construção que fazemos do passado, inclusive a construção mais positivista, é sempre tributária da intermediação do documento. Na medida em que essa intermediação é inescapável, todo o trabalho do historiador já se apoia numa primeira reconstrução. Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária. Não acredito que hoje em dia haja muita gente que defenda essa posição. (POLLAK, 1992, p. 207).

O trabalho do historiador não deve em primeira instância descartar qualquer fonte que possa servir à pesquisa, embora ela possa mais tarde ser descartada após

⁹ Ver: <http://www.ihtp.cnrs.fr/>

passar pelo olhar do historiador, dentro de uma sequência de hipóteses e aproximação de uma metodologia apropriada para o objeto de estudo. Nisso, os domínios da História do Tempo Presente não fogem ao processo aqui pesquisado.

Segundo Pollak (1992): *“A história oral permite fazer uma história do tempo presente e essa história é muito contestada. Há vários tipos de hostilidades. Por exemplo, há uma oposição entre fontes clássicas, legítimas, e fontes que estão adquirindo nova legitimidade”*.

Seguindo os ensinamentos, entrevistas e raciocínios de Michael Pollak, nas entrevistas de história oral, sobretudo em entrevistas de história oral de vida é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou se for o caso, de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas. O certo é que a *memória é seletiva*, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado.

Michael Pollak seria, então, a mais indicada referência para esta investigação, pois suas colocações sobre memória dentro da história oral e sua experiência de trabalho no Institut d'Histoire du Temps Present, onde fez diversas pesquisas, ajuda a fortificar, completar e preencher os eixos temáticos que o trabalho exige.

Sobre as memórias de grupo, Pollak destaca não somente os grupos mais formais como partido políticos e sindicatos, mas também os informais, quando se refere aos grupos pós 2ª guerra mundial na França, isto é, pós-crise e sofrimento. Nesse ponto, é estabelecida uma ligação do grupo com os professores na enxurrada de São Lourenço do Sul, quanto ao sofrimento e quanto a ser um grupo heterogêneo, em formação, em vivências e até de valoração perante diferentes indivíduos na sociedade.

Quando a memória está relativamente construída na pessoa, ela efetua um trabalho de manutenção, com uniformidade, continuidade, coerência e certa organização.

Ao que se refere à história oral como método, apoiado na memória, é preciso ressaltar sua capacidade de produzir representações, não reconstituições do real. A memória é socialmente construída, logo a documentação também o é. Para Pollak a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Todo trabalho do historiador é apoiado na reconstrução e a tendência da história oral é valorizar o subjetivo.

Neste ponto, são tratadas as narrativas que estão vivas, onde a memória se aproxima do tempo real, passando a ser um desafio para o historiador, que trabalha com a proximidade de tudo. A facilidade em lidar com diferentes pesquisas dentro deste ponto é enorme. Fotos, obras, relatos orais, jornais e músicas são fontes que podem ser perfeitamente incorporadas.

Não de forma distante, tecem habilidades em se adentrar na história, trazem ao entendimento do grande público uma vontade coletiva ainda viva, um interesse ainda não apagado, não morto e enterrado, assim como problemas e dúvidas em um primeiro momento. Mesmo assim, a História do Tempo Presente é necessária para que crie uma ruptura da forma tida como tradicional de se fazer história, onde havia a crença de que era necessário o historiador estar distante, alijado do objeto. Dessa forma, o pensamento era da necessidade de a “*História esfriar*” para que se pudesse manipular os documentos e as fontes. No presente vivo, a história necessita da oralidade como possibilidade investigativa. O trabalho sobre a enxurrada em São Lourenço do Sul usará a história oral para melhor visualizar, como uma espécie de prumo da pesquisa.

Residindo em São Lourenço do Sul há 11 anos, onde o autor trabalha como professor desde 2003, este vivenciou as angústias, o sofrimento, as alegrias, paixões e tristezas dos cidadãos e dos alunos, quase que diariamente em sala de aula e, muitas vezes, fora da sala de aula em conversas informais com ex-alunos, em mercados, bares e lugares públicos.

O investigador teve sua casa atingida na enxurrada, com água à poucos centímetros de atingir o teto, na região centro-sul da cidade, a mais atingida em volume de água. A residência ficava na Rua Humaitá, duas quadras e meia do arroio. Na residência houve perda quase total de móveis, utensílios e material de uso pessoal que lá se encontravam. Por si só, esta justificativa é suficiente para a realização deste trabalho.

São de suma importância as memórias deste ocorrido, devido a perdas humanas, materiais e o sofrimento. É necessário trazer para o tempo presente memórias dos professores da rede pública, que com sua ótica peculiar de ver o mundo e as coisas, elucidarão e trarão relatos de feitos e trajetórias de uma época triste, mas que precisa ser lembrada, discutida e analisada.

Assim, a dissertação está dividida em Considerações Iniciais, Capítulo 1 – Tempo Presente: começo de um desastre ambiental, Capítulo 2 – Desastre Ambiental: A enxurrada em São Lourenço do Sul e Considerações Finais.

Nas Considerações Iniciais se encontra a metodologia empregada, os campos de história a serem abordados, os domínios da história, assim como as hipóteses, problematizações, objetivos. Podemos destacar a história ambiental, a história oral e memória.

No primeiro capítulo são abordados os problemas ambientais globais, a crise ambiental mundial, os desastres naturais e suas definições, assim como a classificação dos desastres. São destacadas ainda, as definições de perigo e risco, além de definições de vulnerabilidade, clima, tempo e chuva. No que se refere às chuvas, são elucidados os diferentes tipos de inundações. Finalizando este, há uma breve, porém substancial, história de São Lourenço do Sul.

Já no capítulo dois, são tratadas as questões referentes ao processo que os professores sofreram com a enxurrada, a própria enxurrada, a história ambiental urbana de São Lourenço do Sul, o meio ambiente local, a destruição e os efeitos, além do recomeço pós desastre ambiental. Neste capítulo é apresentado um volume de fotos e infográficos que auxiliam a compreensão do início ao fim do desastre ambiental.

Capítulo 1

TEMPO PRESENTE:

COMEÇO DE UM DESASTRE AMBIENTAL

1.1 PROBLEMAS AMBIENTAIS GLOBAIS

1.1.2 Crise Ambiental:

É perceptível, na atualidade, a gravidade dos problemas ambientais. A análise do passado aponta que esta dinâmica é crescente. Anteriormente, a opinião pública ignorava as problemáticas de cunho ambiental. Porém, apenas identificar a gravidade das questões ambientais não representa aproximação em direção à Sustentabilidade¹⁰.

Os problemas ambientais não provêm de uma dinâmica natural do meio, mas de uma consequência da ação humana com o meio ambiente, que em consequência disto perde a capacidade de equilíbrio natural. Tal ação sobre o ambiente é resultado das relações sociais que constituem um meio de produção e que promove

¹⁰ Considerando o “*prima principium*” do Direito Ambiental, o desenvolvimento sustentável tem como pilar a harmonização das seguintes vertentes: Crescimento econômico; Preservação ambiental e Equidade social. Importa frisar que o desenvolvimento somente pode ser considerado sustentável quando as três vertentes acima relacionadas sejam efetivamente respeitadas de forma simultânea. Ausente qualquer um desses elementos, não tratar-se-á de desenvolvimento sustentável. Ainda sobre este, o autor informa que segundo a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (*World Commission on Environment and Development*) significa “**um desenvolvimento que faz face às necessidades das gerações presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras na satisfação de suas próprias necessidades**”. As gerações presentes devem buscar o seu bem-estar através do crescimento econômico e social, mas sem comprometer os recursos naturais fundamentais para a qualidade de vida das gerações subsequentes (THOMÉ, Romeu: 2012).

um modelo de desenvolvimento, existindo uma forma de relação entre sociedade e natureza.

Em tal relação, as visões sobre o mundo podem ser diversas, separando as partes do todo, destacando algumas partes que podem simplificar e reduzir a complexa realidade. Assim, consegue-se construir a separação entre natureza e seres humanos. A relação de seres humanos em sociedade como degradadores da natureza se construiu historicamente, com uma visão social do mundo, resultado dos paradigmas da sociedade atual.

No século XV, durante os grandes “descobrimientos”, na época das grandes navegações marítimas, se constatava a formação de uma visão de mundo que distanciou os seres humanos da natureza, como se não pertencessem à mesma. Nos dias atuais, há um reconhecimento com o artificial, o ficcional, o imaginário e o virtual da modernidade. Questiona-se, pois, esta visão de mundo, que em escala evolucionista, só admite a existência animal com a condição dos humanos como racionais, portanto, superiores. É necessário considerar a destruição que tal pensamento está produzindo em escala mundial. Nesse caso, aqui se reafirma:

[...] numa perspectiva etnocentrista (centrada no referencial europeu), classificavam de primitivos os povos que viviam mais próximos da natureza, como os nossos indígenas. Já os civilizados, os colonizadores, eram aqueles que já não “dependiam” da natureza, e sim a “dominavam” e a “exploravam” segundo os interesses econômicos dessa sociedade que se autoproclama civilizada. (GUIMARÃES: 2006 p.17).

O território brasileiro foi ocupado segundo essa perspectiva ao longo da idade moderna, onde as riquezas naturais foram dominadas e exploradas por vários ciclos econômicos dentro do pacto colonial. Esse modelo de desenvolvimento mais tarde retém e direciona as riquezas, vendo a natureza como um recurso natural para ser explorada, disseminando e sendo implantado em todo o planeta, no processo chamado de globalização¹¹.

¹¹ Cf. a discussão ressaltada por PRADO, Daniel Porciúncula. A **Figueira e o Machado: Raízes da Educação Ambiental no Sul do Brasil** - Práticas Educativas e Militância Ambiental na Perspectiva do cronista Henrique Luiz Roessler, FURG/Rio Grande. Tese de Doutorado. 2008.

O modelo de desenvolvimento atual, por não apresentar sustentabilidade ambiental está em processo de esgotamento. Analisando dados do relatório Sinais Vitais (2003), realizado pelo *Worldwatch Institute* com o apoio do PNUMA/ONU – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente constata-se que “com menos de 5% da população mundial, os Estados Unidos consomem 26% do petróleo, 25% do carvão mineral e 27% do gás natural mundial. Os automóveis que rodam nos EUA representam um quarto da frota mundial e emitem mais carbono do que todas as fontes – indústria, transporte, agricultura, energia – do Japão, o quarto país na lista mundial de emissões”.

Em 2006, pessoas no mundo todo gastaram 30,5 *trilhões* em bens e serviços. O consumo teve um enorme crescimento nos últimos 50 anos, registrando um aumento de 28% em relação aos 23,9 *trilhões* gastos em 1996. Este gasto é seis vezes maior que os 4,9 *trilhões* gastos em 1960 em consumo. Parte desse aumento é resultante do crescimento populacional. Mas a população cresceu apenas 2,2% entre 1960 e 2006. Assim, os gastos calculados por pessoa triplicaram. Em 2006 os 65 países de maior renda, isto é, os que possuíam o maior PIB, representavam 78% de gastos de consumo, mesmo representado 16% de toda população do planeta¹².

É evidente a incapacidade de sustentação socioambiental desse modelo de sociedade, que se percebe na atualidade com a crise ambiental do Planeta, vivenciada por todos.

Em busca de adaptação à nova realidade, os sistemas sociais tentam fugir das possíveis catástrofes ambientais através de mudanças no rumo da civilização. Com variações, o modelo econômico globalizou as relações entre economia e meio ambiente. A tecnologia busca eficiência na economia e em todos os recursos de energia, por exemplo. Na política, surgiu o Partido Verde¹³, com intenção de defesa da causa ambiental. Outras áreas também voltaram seus olhos às questões ambientais, a exemplo da área do Direito que fez surgir o ramo do *direito ambiental*, com novas leis e normas.

¹² ASSADOURIAN, Erick (Org.). **Estado do Mundo, 2010: Ascensão e Queda das Culturas de Consumo**. Worldwatch Institute. Salvador, BA: Uma Ed., 2010.

¹³ No Brasil a primeira manifestação político partidária com o nome de Partido Verde ocorreu no Estado do Paraná em 1982. O Partido Verde veio a ser criado em 1986 no Rio de Janeiro.

O destino da história humana tem como mudança de maior importância, a mudança ambiental. Esta apresenta relativo consenso quanto a sua necessidade. Os ambientalistas tentam modificar a relação entre natureza e ser humano trabalhando para reverter a crise ambiental, que se apresenta no mundo globalizado.

Diferentes mudanças são requeridas pelos defensores do meio ambiente. Para alguns destes, elas devem ser profundas, em âmbito de paradigmas e ética. Outros se satisfazem com mudanças superficiais e amenas de forma que sejam feitos e reestruturados os sistemas sociais de maneira gradual, contudo permaneçam intactos seus mecanismos de reprodução, sem modificar as relações de poder, confundindo estes com as forças desenvolvimentistas.

A questão ambiental ganha espaço e desperta interesse de governos e sociedade civil quando se analisam dados, como os apresentados¹⁴:

A população mundial quadruplicou em 100 anos, passando de 1,6 bilhões em 1900 para 6 bilhões de pessoas no ano 2000;
 Aumento vertiginoso da desertificação e solos degradados, que geraram 815 milhões de pessoas malnutridas pelo mundo;
 Escassez de água, poluição de rios, aquíferos e mananciais, excesso de consumo e chuva ácida acentuam a dificuldade para acesso a este mineral, que hoje não se encontra disponível para mais de mil milhões de pessoas;
 Destruição da biodiversidade: estima-se que a destruição atual é da ordem de 0,2% das espécies do planeta por ano;
 Aquecimento global: com a destruição da camada de ozônio e o aumento da temperatura, com alterações climáticas drásticas;
 Estima-se que três milhões de crianças no mundo morrem devido à má qualidade ambiental (água, químicos, poluição atmosférica);
 Cinco milhões de pessoas/ano morrem devido a má qualidade da água ou por problemas sanitários;
 Aproximadamente três milhões de pessoas morreram por problemas relacionados com a poluição atmosférica. (ALHO, 2004, p. 277-278).

Após a Revolução Industrial, que tem seu início na Inglaterra (momento chamado de Primeira Revolução Industrial), assim como quando se espalha para os demais países (momento chamado de Segunda Revolução Industrial), foi que o volume de produção se intensificou e modificou o cotidiano das pessoas devido ao trabalho. Criando regras de comportamento, enaltecendo o trabalho como algo vital

¹⁴ ALHO, José Manuel. Ambiente, cidadania e futuro: in: BECKERT, Cristina; VARANDAS, Maria José (Org.). **Éticas e Políticas Ambientais**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2004.

para a sociedade. É neste momento que alguns grupos começam a pensar no modo de vida e no meio ambiente, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. Mais tarde, com estas ideias já amadurecidas, parte dos países desenvolvidos começam a discutir a temática ambiental. Depois, no século XX, após o fim da Segunda Guerra Mundial, com as bombas que atingiram Hiroshima e Nagasaki e as problemáticas e a política armamentista nuclear da Guerra Fria, as discussões sobre os prováveis perigos atômicos e a periculosidade da produção de armas químicas, os temas ambientais se intensificam em vários meios mundiais.

Através, especialmente, das Nações Unidas e de órgãos internacionais, os problemas ambientais foram inseridos na agenda mundial, examinados pela óptica de uma política de conservação. Contudo, a exagerada utilização dos recursos naturais fez surgir um número de cientistas que acreditavam no esgotamento destes, principalmente para os americanos, sendo necessário um plano racional para o consumo.

No mundo do pós-guerra, a grande questão ambiental foi o debate relativo ao advento da era atômica. O medo de uma guerra mundial nestas condições, aliado à pressão da sociedade civil, fez com que os países desenvolvidos assinassem vários tratados que proibiam os testes nucleares em lugares específicos além da tentativa de desarmamento nuclear.

Durante a década de 60, ocorreram muitas discussões polêmicas relativas às contaminações dos recursos naturais, pela produção de alimentos e poluição. A preocupação com os problemas ambientais cresce a partir da obra de Rachel Carson¹⁵ e começaram a serem produzidas obras e documentos, resultados de conferências internacionais sobre o tema:

* Fundação do Clube de Roma em 1966.

* I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em 1972;

* Relatório Brundtland, publicado em 1987, com o nome Nosso futuro comum, elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e

¹⁵ A Revolução Verde foi evidenciada pelo uso intensivo e abusivo dos agrotóxicos e Rachel Carson, na obra **A Primavera Silenciosa**. São Paulo. ED. Melhoramentos, 1962, apresentou uma crítica feroz ao uso dos pesticidas. Seu trabalho resultou, em torno de dez anos depois, à proibição total do uso de inseticidas clorados (como o DDT) nos EUA.

Desenvolvimento (CMMAD), liderada pela primeira-ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland;

* II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, denominada Rio 92 ou ECO-92;

* Agenda 21, elaborada durante a, ECO-92, que estabelecia o comprometimento dos governos e da sociedade civil de diversos países em cooperar no estudo de soluções para os problemas socioambientais locais e globais;

* Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), elaborada durante a, ECO-92, que visava promover uma estratégia para o desenvolvimento sustentável do planeta, tendo como objetivos principais: a conservação da biodiversidade, seu uso sustentável e a repartição justa e equitativa dos benefícios resultantes do acesso aos recursos genéticos;

* Princípios para a Administração Sustentável das Florestas, elaborado durante a, Eco-92, que buscou um consenso global sobre o manejo, a conservação e o desenvolvimento sustentável das florestas;

* Convenção sobre Mudança do Clima, preparada e redigida em 9 de maio de 1992, na sede das Nações Unidas, em Nova York, e assinada durante a ECO-92, que tratou dos problemas relativos à mudança do clima da Terra;

* Protocolo de Kioto, fruto da Convenção sobre a Mudança do Clima, que resultou em documento elaborado em 1997, em Kioto, Japão, fixando normas mais claras sobre a redução de emissões de gases de efeito estufa, metas a serem atingidas por países que emitiram mais gases no passado, e o implemento de políticas públicas para mitigação das mudanças climáticas nos países signatários;

* Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança, documento elaborado em 2000 para estabelecer uma instância internacional que discutiu procedimentos sobre movimentação e manuseio de organismos vivos modificados por biotecnologias (SOUZA in SCHIMANSKI, E. BRONOSKY, M. E. (Org.).2011, p.45-46).

Considerando a importância da questão ambiental, o reconhecimento, no Brasil, das leis ambientais, é assegurado pela Constituição Federal de 1988. A partir deste momento, o meio ambiente surge vinculado à cidadania, como direito e bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida.

Entre 1989 e 1990, alterações são realizadas nas orientações constitucionais regulamentando a Política Nacional de Meio Ambiente. A partir daí, são criadas várias instituições, como o IBAMA (*Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis*). A problemática ambiental se institucionaliza no Brasil, a partir deste ponto, fruto de uma maior clareza política, pós-regime militar, visível na constituição de 1988, através da Lei de Crimes Ambientais (Lei 9605), na

Política Nacional de Educação Ambiental (Lei 9795) em 1999, e no estabelecimento em 2000 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (lei 9985).

1.1.3 Desastres Naturais:

A vontade humana de domínio sobre a natureza quase sempre é derrotada pela própria reação natural que se impõe. Ainda, quando os desastres não têm seus efeitos reduzidos, há probabilidade de uma maior magnitude, intensidade e frequência de seus impactos. Assim, desastres naturais de grande magnitude influenciaram grande parte da história da humanidade. A proposta do presente trabalho destaca algumas enxurradas que marcaram a história: Enchente do rio *Huang He* (Amarelo), na *Província de Henan*, China¹⁶, Grande enchente do *Mississipi*, de *Illinois a Nova Orleans*, EUA¹⁷, Enchentes na China Central¹⁸, Inundações na Romênia¹⁹, Enchente de *Saguenay*, Quebec Canadá²⁰, Enchente do Texas²¹, Enchentes de Moçambique²², Enchentes Europeias (Europa Central,

¹⁶ OCTOPUS Publishing Group. **501 desastres mais devastadores de todos os tempos**. Trad. Catharina Pinheiro. São Paulo: Editora Lafonte, 2012, p. 19. Ocorrida em 28 de setembro de 1887, com cerca de 900 mil mortos no primeiro fluxo e mais de 1,3 milhão de afogados. Outra estimativa é que de 3 a 4 milhões morreram de doenças causadas pela água da enchente.

¹⁷ Ibid., p. 30. Aconteceu de abril a julho de 1927, onde oficialmente 500 morreram e 700 mil ficaram desabrigados.

¹⁸ Ibid., p. 33. Maior desastre natural do século XX, em 1931, de 3 a 4 milhões de mortos e de 50 a 80 milhões de desabrigados.

¹⁹ Ibid., p. 49. Com consequências desastrosas, de maio a junho de 1970, onde 209 pessoas morreram e em torno de 250 mil ficaram desabrigadas.

²⁰ Ibid., p. 64. Desastre que atingiu a região entre 19 e 20 de julho de 1996, com sete vítimas fatais e mais de 16 mil pessoas evacuadas.

²¹ Ibid., p. 67. Catástrofe ocorrida entre 17 e 18 de outubro de 1998, com 31 mortes e 10 mil pessoas evacuadas.

²² Ibid., p. 70. Devastado de fevereiro a março de 2000, 800 mortes e 1 milhão de desabrigados.

Oriental e Rússia)²³, Enchente de *Manila*, Filipinas²⁴, Enchentes de *Queensland*, Austrália²⁵. É relevante aqui evidenciar a enchente de 1941 em Rio Grande²⁶, visto fazer parte da história dos desastres naturais acontecidos na mesma região atingida pela enxurrada que afetou São Lourenço do Sul em 2011.

A distribuição temporal dos desastres ambientais do mundo no século XX é demonstrada na figura:

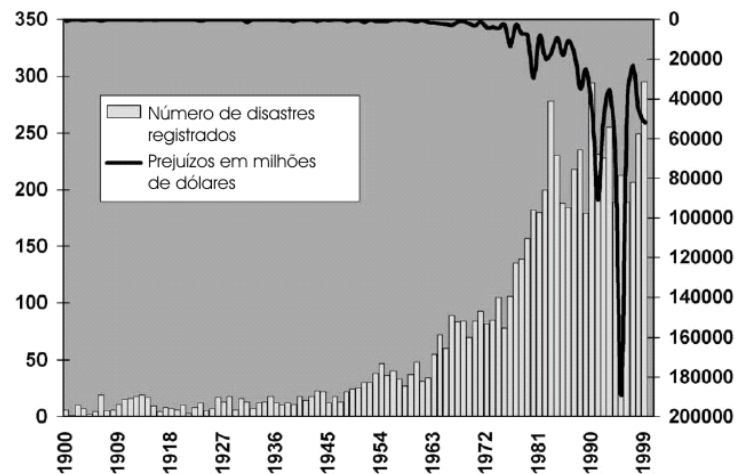


Figura 1: Desastres naturais ocorridos no mundo e seus respectivos prejuízos. Adaptada de Alcántara-Ayala (2002).

Considerando-se Alcántara-Ayala (2002), a ocorrência dos desastres ambientais está também relacionada à vulnerabilidade do sistema social sob impacto, isto é, o sistema econômico-social-político-cultural. De uma forma geral, países em desenvolvimento não têm infraestrutura necessária, sofrendo muito mais com os desastres do que os países desenvolvidos, destacando-se o número de vítimas. Áreas de risco, menos propícias à agricultura e aumento populacional, são habitadas pela população de baixa renda, forçadas pelo desenvolvimento econômico e pressão populacional.

²³ Ibid., p. 71. Ocorreu entre 11 e 17 de agosto de 2002, registrando 109 mortes e milhares de pessoas evacuadas.

²⁴ Ibid., p. 82. Devastação em 26 de setembro de 2009, com 464 mortes e cerca de 300 mil desabrigados.

²⁵ Ibid., p. 84. Repentina e violenta enchente que aconteceu de dezembro de 2010 a janeiro de 2011, 35 mortes e mais de 250 mil pessoas afetadas.

²⁶ Descrita no livro **Águas de Maio**, de Luis Henrique Torres (2011).

1.1.3.1 Definições:

Desastres naturais são resultados do impacto de um fenômeno natural extremo ou intenso (Inundações, escorregamentos, secas, furacões, entre outros) sobre um sistema social, causando sérios danos (materiais e humanos) e prejuízos (socioeconômicos) que excedem a capacidade dos afetados em conviver com o impacto.

Na definição de Castro (1998), desastre é definido como resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema (vulnerável), causando danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais.

1.1.3.2 Classificação dos Desastres Hidrometeorológicos:

Quanto à classificação, os desastres naturais podem ser identificados de acordo com sua natureza, intensidade, evolução e prejuízos:

Natureza Hidrometeorológica:



Figura 2: Fluxograma de Classificação dos Desastres Naturais quanto a sua natureza
Modificado de Sílvia M. Saito (INPE) Desastres Naturais: conceitos básicos.

Intensidade

Existem quatro níveis de desastres naturais, de acordo com sua intensidade, segundo Silvia M. Saito (2007):

- Desastres de nível IV: não são superáveis e suportáveis pelas comunidades e o restabelecimento da situação de normalidade depende da mobilização, junto à ação coordenada dos três níveis do Sistema Nacional de Defesa Civil – SINDEC e, em alguns casos, de ajuda internacional;
- Desastres de nível III: os danos causados são importantes e os prejuízos vultosos; a situação de normalidade pode ser restabelecida, mas com o aporte de recursos estaduais e federais;
- Desastres de nível II: os danos causados são de alguma importância e os prejuízos, embora não sejam vultosos, são significativos;
- Desastres de nível I: prejuízos pouco vultosos são mais facilmente suportáveis e superáveis pelas comunidades afetadas.

Evolução

Existem três tipos de desastres quanto à evolução, segundo Castro (1999):

Súbitos: aqueles que se caracterizam pela rápida velocidade com que o processo evolui. Exemplos: inundações bruscas e tornados.

Graduais: evoluem em etapas de agravamento progressivo. Exemplos: inundações graduais e secas.

Somação de efeitos parciais: ocorrência de numerosos acidentes semelhantes, cujos impactos, quando somados, definem um desastre de grande proporção. Exemplo: acidentes de trânsito e de trabalho.

Prejuízos:

Tabela 1: Ponderação dos Prejuízos

NÍVEL	PREJUÍZO
IV	> que 30% PIB
III	10% <, prejuízo < ou = 30% PIB

II	5% <, prejuízo < ou = 10% PIB
I	Prejuízo < ou = 5% PIB

Fonte: Brasil, Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. Situação de Emergência ou Calamidade Pública.

1.1.4 Definições de Perigo e Risco:

Sendo os efeitos da crise ambiental já sentidos na vida humana, onde algumas pessoas são mais vítimas que outras, surgem novos conceitos para definir esse fenômeno.

A literatura disponível sobre desastres e riscos tem como uma de suas discussões presentes os conceitos básicos. Há um consenso em diferenciar um perigo ou ameaça como resultados de um determinado processo ou evento (de qualquer origem ou composição) do risco (consequência ou produto deste perigo ou ameaça) a que estão submetidas pessoas, bens ou recursos. Existe uma enorme variação, contudo, na formulação e tradução dos termos.

Segundo *Philippi Junior et al.* (2004, p. 791), apesar da preocupação com o risco estar aumentando em todo o mundo, as raízes dessa inquietude podem ser detectadas já nas antigas civilizações egípcia, helênica e romana. Vários significados para o termo risco têm sido apresentados ao longo do desenvolvimento da civilização ocidental, principalmente a partir da Idade Média: a expressão *rozik*, que na língua persa significa destino; a palavra latina *resecum*, que pode significar perigo; e o vocábulo grego *rhiza* (penhasco) está ligado às origens desta palavra.

Os termos perigo (*hazard*) e risco (*risk*), embora sejam algumas vezes utilizados como sinônimos, não o são. Perigo é um fenômeno natural que ocorre em épocas e regiões conhecidas podendo causar sérios danos nas áreas impactadas. Portanto, perigos naturais (*natural hazards*) são processos ou fenômenos naturais que ocorrem na biosfera, podendo constituir um evento danoso e serem modificados pela atividade humana, tais como a degradação do ambiente e urbanização. Já risco

é a probabilidade de perda esperada para uma área habitada em um determinado tempo, devido à presença iminente de um perigo (UNDP, 2004).

Assim, em se tratando de risco, devem ser considerados o perigo e a vulnerabilidade (densidade demográfica, infraestrutura, pobreza, etc.) do sistema que está por ser impactado. Ademais, dois tipos de perigos geram situações de risco diferentes em uma mesma região, em função da época em que ocorre (estação do ano), a intensidade e abrangência dos mesmos (estiagem e tornado). À vista disso, percebe-se que a grandeza do perigo não acompanha a do risco. De outra forma, o valor do perigo não tem uma relação linear com o do risco.

Rocha (2005) lança mão das definições seguintes para caracterizar a diferenciação dos termos:

Tabela 2: Diferenciação de Termos relacionados a Desastres Ambientais

RISCO	Combinação de frequência e consequência de eventos de indesejáveis, envolvendo perda. Os riscos podem ser individuais, sociais, ambientais ou financeiros.
FREQUÊNCIA	O número de ocorrências por unidade de tempo.
CONSEQUÊNCIA	O impacto de um acidente nas pessoas, no ambiente ou no investimento.
ACIDENTE	Evento não intencional que pode causar ferimentos, pequenos danos materiais e/ou ambientais, mas é prontamente controlado pelo sistema de gestão (exemplo: incêndio em uma indústria controlado pelos bombeiros).
DESASTRE	Evento não intencional que pode causar ferimentos médios a graves, danos materiais/ambientais razoáveis e que é parcialmente controlado pelo sistema (exemplo: vazamento e explosão de material inflamável, com contaminação de curso d'água e solo).

CATÁSTOFRE	Evento não intencional que pode causar mortes, danos ambientais/materiais significativos e não é controlado pelo sistema de gestão (exemplo: vazamento e explosão de material inflamável, com contaminação de curso d'água e solo).
PERIGO (HAZARD)	Uma situação com o potencial de ameaçar a vida humana, a saúde, propriedade ou ambiente.
VULNERABILIDADE	Grau de fragilidade dos elementos (receptores) de uma comunidade.
ACEITABILIDADE DO RISCO	Estabelecimento de níveis de risco que podem ser aceitos pela sociedade.
ANÁLISE DE RISCO	Análise de perigos potenciais, possíveis eventos acidentais e medidas de segurança para determinar frequência e consequência de eventos acidentais.

Fonte: Modificado de Geraldo César Rocha (2005)

1.1.5 Definições de Vulnerabilidade:

A etimologia de vulnerável vem do latim *vulnerabilis* que significa “*que causa lesão*” e é semanticamente conexo com o grego *traûma*, atos. Logo, constata-se que o sentido de vulnerabilidade tem uma conotação negativa e está relacionado sempre com perdas.

De acordo com Castro (2001), o termo vulnerabilidade define a probabilidade de que uma comunidade exposta ao impacto de uma ameaça natural possa sofrer danos, segundo o grau de fragilidade de seus elementos (infraestrutura, construções, atividades produtivas). Estes, representados pelo impacto sobre o

desenvolvimento, economia e sobre os meios que produzem e melhoram a qualidade de vida.

Ainda, quanto ao conceito de vulnerabilidade, o sumário do terceiro relatório do IPCC (2001, p.5) para os formuladores de política apresenta a seguinte definição: “o grau de suscetibilidade ou de incapacidade de um sistema de enfrentar aos efeitos adversos da mudança climática, incluindo a variabilidade e os extremos do clima”. Segundo o mesmo relatório: “vulnerabilidade é uma função do caráter, magnitude e velocidade da mudança do clima e da variação a qual um sistema está exposto, de sua sensibilidade e de sua capacidade de adaptação”.

O Ministério das Cidades (2006) define vulnerabilidade como: “Grau de perda para um dado elemento, grupo ou comunidade dentro de uma determinada área passível de ser afetada por um fenômeno ou processo”.

Em se tratando de vulnerabilidade, é necessário considerar que:

A vulnerabilidade é uma condição prévia que se manifesta durante o desastre, ao não se investir, suficientemente em prevenção e ao se aceitar níveis de risco muito elevados, os quais são representados pelo número de mortos e feridos como consequência do desastre, assim como o custo total de reposição ou manutenção da infraestrutura e produção de bens e serviços. Então, o primeiro passo, para definir uma política preventiva é a redução da vulnerabilidade, pois não é possível enfrentar as forças naturais e anulá-las, porém é possível responder a pergunta: o que ou quem é vulnerável e por quê?

Embora se possa admitir que os países tenham avançado um pouco na capacidade de responder aos desastres, uns mais que os outros, muito pouco se têm conseguido com relação à redução da vulnerabilidade, pois até agora este não tem sido considerado como um tema prioritário. Por outro lado, têm se adotado estratégia que repousam sobre a redução da vulnerabilidade a partir das capacidades de um sistema de manejo de emergências, divorciados da gestão ambiental e da coordenação entre instituições (ROCHA, 2005, p. 17).

Existem fatores que potencializam a vulnerabilidade. Dentre eles, os aspectos socioeconômicos (densidade populacional, distribuição de renda e educação), os aspectos estruturais (redes de infraestrutura, tipologia das edificações, falta de planejamento, uso e ocupação do solo) e a percepção do risco.

Pobreza e vulnerabilidade são condições sociais que se reforçam mutuamente, mas não representam sinônimos. Parte significativa da população não considerada pobre pelos critérios estabelecidos pela linha de pobreza é vulnerável.

Os grupos mais vulneráveis aos desastres naturais de acordo com Morrow (1999) são:

- Os mais velhos;
- Os impossibilitados física e mentalmente;
- Famílias chefiadas por mulheres;
- Residentes recentes como imigrantes e migrantes;
- Crianças.

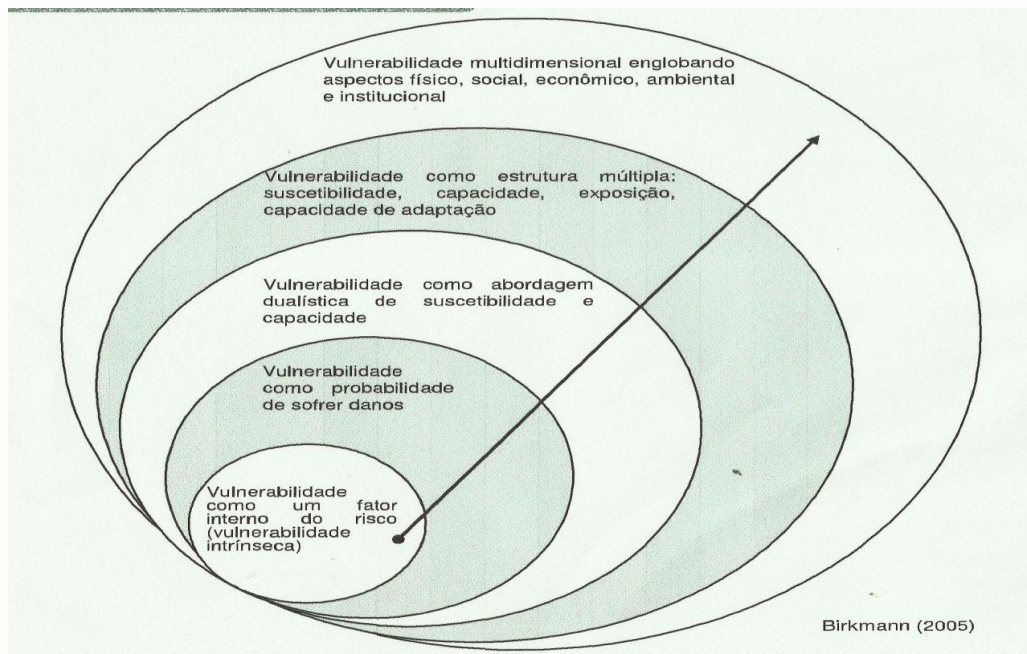


Figura 3: Abordagem sobre Vulnerabilidade por Birkmann (2005)
Traduzido Por Saito(INPE).

A melhor forma de reduzir a vulnerabilidade é aumentar a resiliência das populações, indicando áreas de risco e proibindo a ocupação, mantendo edificações e infraestrutura preparada para os perigos, criando a cultura de prevenção de riscos na população e desenvolvendo sistemas de alerta.

Dentro desse quadro, algumas ações vêm sendo desenvolvidas ao longo do tempo no intuito de reduzir situações desastrosas, dentre elas:

- Década de 1990: Década Internacional para a Redução de Desastres Naturais;
- 1994: Estratégia e *Plano de Ação de Yokohama*;
- 2000: Estratégia Internacional de Redução de Desastres (EIRD);
- 2005-2015: *Marco de Ação de Hyogo*, com o objetivo de reduzir até 2015 as perdas ocasionadas pelos desastres, em termos de vidas humanas e bens sociais e ambientais das comunidades e dos países.

Entre as medidas não estruturais de prevenção e mitigação de desastres ambientais, podem ser citadas a educação, as políticas públicas e o planejamento territorial.

1.1.6 Clima e Tempo

Tempo é definido como estado momentâneo da atmosfera em relação à temperatura, umidade, nebulosidade, precipitação e outros fenômenos meteorológicos (CONTI, 2011-p. 13).

Clima, segundo Conti (2011), é uma sucessão habitual dos tipos de tempo sobre determinado lugar. É a observação, durante um longo período, de dados de estações meteorológicas que baseiam sua classificação. Para estabelecer uma correta caracterização de clima em uma região a OMM (*Organização Mundial de Meteorologia*) recomenda pelo menos 30 anos de dados.

A maioria dos desastres naturais, que ocorrem no Brasil é causada pela dinâmica externa da Terra, que por sua vez é conduzida pelos processos atmosféricos. Buscando entender a relação entre desastres ambientais e fenômenos atmosféricos, é importante conhecer os sistemas que produzem o tempo: ciclones, anticiclones, sistemas frontais e áreas de instabilidades regionais e locais.

A distribuição desigual de energia na superfície terrestre, que se inicia pela movimentação da energia acumulada nos trópicos em direção aos polos,

desencadeia a circulação geral da atmosfera. Formando estas três células de movimentação em cada hemisfério: tropical, temperada e polar.

Devido à diferença de aquecimento entre terras e águas, que formam centros de baixas e altas pressões sobre continentes e oceanos, formam-se as faixas de altas e baixas pressões. Como as terras aquecem e resfriam de forma mais rápida que as águas, há uma alteração na posição dos centros de pressão em função das estações do ano.

Ciclone é o termo usado para descrever uma baixa pressão central, em relação às áreas circundantes, com características de tempo instável e tempestuoso. Sua circulação dá-se no sentido horário no Hemisfério Sul e anti-horário no Hemisfério Norte. Já o anticiclone ocorre quando existe uma alta pressão central, em relação às áreas circundantes, cuja circulação ocorre no sentido inverso ao do ciclone, e o tempo que o acompanha é geralmente estável (céu claro), (HOLTON, 1992; VAREJÃO-SILVA, 2001).

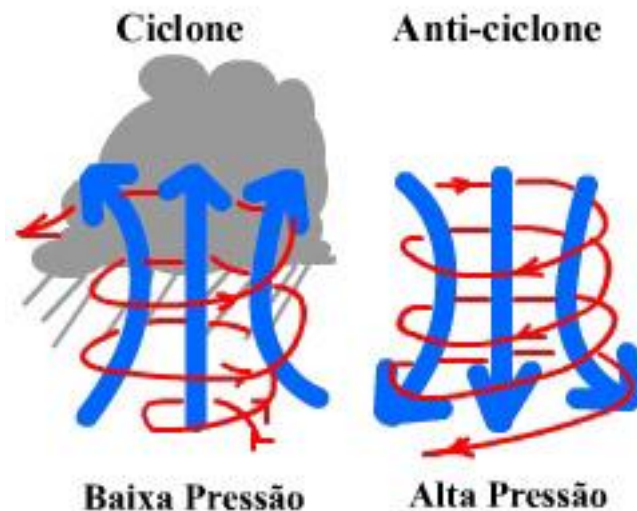


Figura 4: Representação do ciclone e anticiclone.

António Miguel de Campos –

[em: User:Tó campos](#) - Obra do próprio

Os ciclones e anticiclones são centros de circulação atmosférica, onde o ar adquire características próprias, sendo individualizado para formar as *massas de ar* quentes ou frias, úmidas ou secas. Geralmente o ar que sai das altas pressões é

atraído para as baixas pressões, dando origem a uma sequência de tempos dos mais estáveis aos mais tempestuosos.

Muitos são os sistemas atmosféricos que causam desastres naturais. Dentre estes, há o Sistema Frontal (SF), definido pelo encontro de duas massas de ar com características diferenciadas, gerando tempo instável. A instabilidade produz muita chuva, podendo desencadear inundações, inundações bruscas (enxurradas), além de vendavais, granizos e tornados.

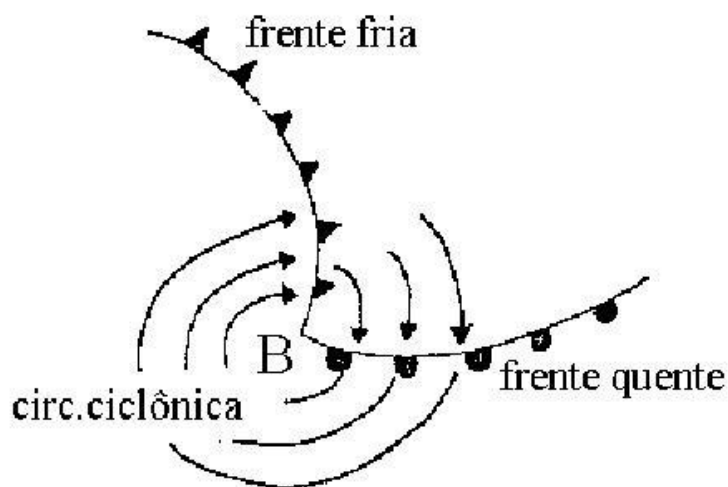


Figura 5: Sistema Frontal
<http://www.master.iag.usp.br/ensino/Sinotica/AULA09/AULA09.HTML>

Os ciclones extratropicais (CE) são circulações atmosféricas de baixa pressão que se formam pela convergência de massas de ar e se propagam junto com frentes polares (VAREJÃO-SILVA, 2001). No oceano atlântico estas perturbações são comuns, podendo causar ressacas, chuvas e ventos fortes.

Sistemas Convectivos Isolados (CI) predominam no verão e têm poder de gerar fenômenos adversos. Formam-se devido ao aquecimento diurno que provoca grande evaporação, formando assim nuvens profundas (cumulo-nimbos) por meio de processos convectivos (ascensão de ar quente e úmido). Associados aos SF podem gerar muita chuva, vendavais e granizos.

1.1.7 Chuva:

A chuva é parte constituinte do elemento fundamental para a vida no planeta: o ciclo da água. De acordo com Silveira (2004), a energia que produz o ciclo da água vem do sol, que inicia provocando a evaporação de lagos, mares, rios, etc. A água evaporada (vapor d'água) é acumulada na atmosfera, subindo e expandindo-se pela diminuição da pressão atmosférica. A expansão provoca o resfriamento do ar que perde gradativamente a capacidade de conter umidade (vapor d'água), começando o processo de volta ao estado líquido (condensação) sob a forma de pequenas gotículas de água. O resultado são as nuvens, quando ocorre em altitude, e a neblina (cerração), quando próximo ao solo. Para a formação de uma única gota de chuva é necessário, em média, de aproximadamente um milhão de gotículas de água formadas pela condensação (processo lento) ou pela captura (processo rápido), (VIANELLO e ALVES, 2000). A partir da formação das gotas de chuva, ocorre a precipitação que poderá ocorrer no estado líquido (chuva) ou sólido (granizo ou neve).

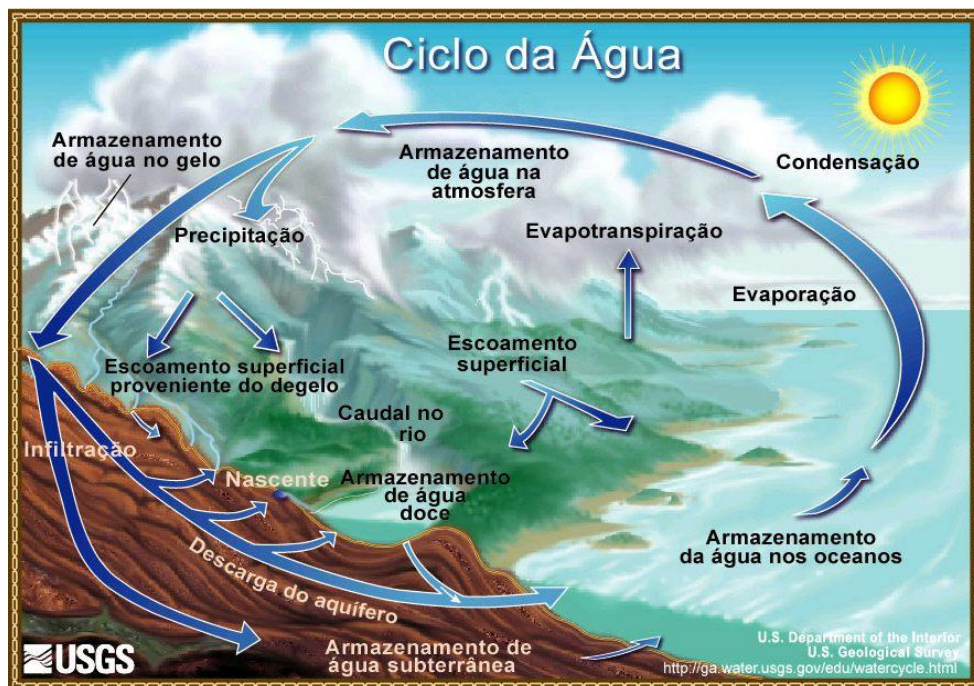


Figura 6: Representação do Ciclo da Água
<http://water.usgs.gov/edu/watercycle.html> traduzido por Maria Helena Alves

1.1.7.1 Inundações:

O termo *inundação*, de acordo com a *Secretaria Nacional de Defesa Civil* (SEDEC) recebe a seguinte definição:

inundações são causadas pelo afluxo de grandes quantidades de água que, ao transbordarem dos leitos dos rios, lagos, canais e áreas represadas, invadem os terrenos adjacentes, provocando danos. As inundações podem ser classificadas em função da magnitude e da evolução (BRASIL, 2007, p. 45).

Já Kobiyama, refere-se às inundações da seguinte forma:

A inundação é o resultado de uma grande quantidade de chuva que não foi suficientemente absorvida por rios e outras formas de escoamento, causando transbordamentos. A situação é pior nas cidades, porque os prédios, casas e o asfalto recobrem áreas antes cobertas por vegetação, que em um momento anterior seguravam a água no solo e também absorviam parte da chuva (KOBİYAMA, 2008, p. 8).

Há de ser salientado que a alta impermeabilização do solo de uma região, onde existam muitas construções, dificulta o escoamento da água das chuvas, o que frequentemente provoca alagamentos em determinadas áreas das cidades.

Conforme Tucci (2005, p.18), os rios geralmente possuem dois leitos: o leito menor, onde a água escoar na maioria do tempo e o leito maior. O leito maior é conhecido como várzea, uma área que não é alagada com frequência sendo, muitas vezes ocupada por populações de baixa renda. Contudo, quando o volume de água do leito menor aumenta, o seu nível sobe, atingindo o leito maior, considerado uma área de escape reserva para altos volumes de água.

As inundações ocorrem quando o escoamento alcança níveis superiores ao leito menor, chegando ao leito maior. As costas do leito maior identificam a magnitude da inundação e seu grau de risco. Os impactos ambientais devido à inundação acontecem quando esta área de risco é habitada.

Em consequência do ciclo hidrológico das águas, a inundação do leito maior dos rios é um processo natural. Quando a população ocupa áreas de risco, ou seja,

o leito maior, os impactos são frequentes, sendo que essas condições ocorrem devido às seguintes ações:

- No Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano das cidades geralmente não existe nenhuma restrição quanto à ocupação das áreas de risco de inundação, a sequência de anos sem enchentes é razão suficiente para que empresários desmembrem estas áreas para ocupação urbana;
- Invasão de áreas ribeirinhas, que pertencem ao poder público, pela população de baixa renda;
- Ocupação de áreas de médio risco, que são atingidas com frequência menor, mas que quando o são, sofrem prejuízos significativos (TUCCI, 2005, p.18).

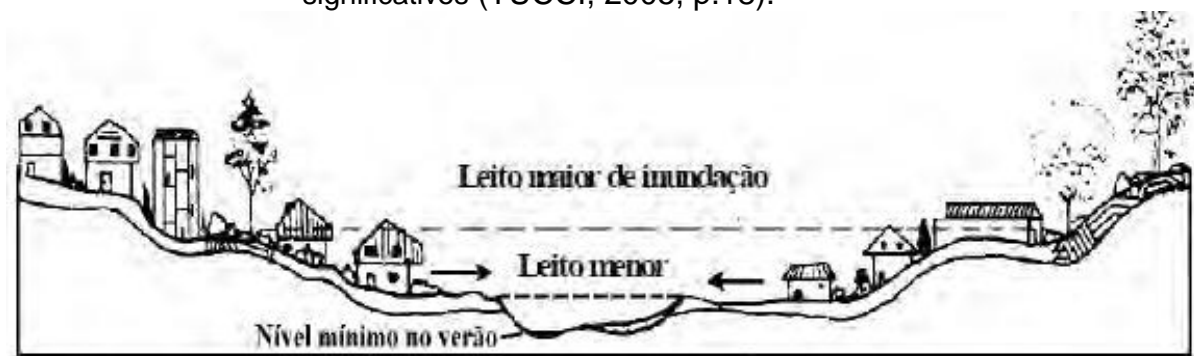


Figura 7: Características dos leitos de um rio.
Tucci (2005, p. 18).

As inundações afetam milhões de pessoas todos os anos. O desastre é provocado por elementos naturais, em conjunto com ações antrópicas, passando a ser caracterizado como um desastre misto relacionado com a geomorfologia, o intemperismo e a erosão.

As enchentes urbanas podem ser lentas ou rápidas, mas normalmente se avolumam ao longo dos dias, principalmente quando repentinas, podendo provocar altos prejuízos materiais e mortes. São causados por tromba d'água, maremoto, chuva torrencial ou rompimento de barragens. Outras causas das enchentes são as enxurradas em decorrência de chuvas nas cabeceiras de rios de grande declividade. Caracterizam-se estas enxurradas pela alta velocidade das águas e grande poder de destruição.

No Brasil, em função das consequências das inundações, muitas vidas são perdidas todos os anos. Pessoas perdem seu patrimônio familiar conquistado com trabalho e esforço. Pode ser observada a combinação de dois fenômenos – a enxurrada e o alagamento – em áreas urbanas acidentadas. Já em cidades

litorâneas, que se desenvolveram em cotas baixas²⁷, a coincidência de marés altas contribui para piorar o problema. Em relação aos efeitos adversos, os alagamentos nas áreas urbanas normalmente provocam danos materiais e humanos maiores que os das enxurradas por suas características de magnitude e intensidade. (SEDEC, 2009).

As inundações não atingem todos os locais da mesma maneira, devido às particularidades do terreno e variáveis como a quantidade de vertentes, a alta impermeabilização do solo, o sistema de drenagem inexistente ou comprometido por falta de manutenção, a retificação de cursos de rios, dentre outros fatores. Mediante características diferentes que originam o mesmo fenômeno, a Secretaria Nacional de Defesa Civil (SEDEC) classifica as inundações em três grupos, com características próprias, de acordo com a tabela a seguir:

Tabela 3: Agrupamento dos tipos de inundações:

<p>Grupo 1 – Inundações repentinhas, bruscas ou enxurradas.</p>	<p>Ocorre em regiões de relevo acentuado, montanhoso, como na região Sul do País. Acontecem pela presença de grande quantidade de água num curto espaço de tempo.</p> <p>São frequentes em rios de zonas montanhosas com bastante inclinação, vales profundos e muitas vezes as águas de chuva arrastam terra sem vegetação devido aos deslizamentos nas margens dos rios. A grande quantidade de água e materiais arrastados representa, à medida que escoar, grande poder destruidor.</p> <p>Chuvvas fortes ou moderadas, mas duradouras (intensas), também podem originar inundações repentinhas, quando o solo esgota sua capacidade de infiltração.</p>
---	--

²⁷ Cota altimétrica, termo da Geografia e Cartografia, que indica uma marcação de nível ou altitude de um terreno ou do relevo de uma região acima do nível médio do mar. Possui valor em cartas topográficas, mapas de relevo, morfologia e produção de esquemas baseados em curvas de nível. (Ferreira, G. M. L. Atlas Geográfico - Espaço Mundial. São Paulo: Moderna, 2004).

<p>Grupo 2 – Inundações lentas ou de planície.</p>	<p>Nas enchentes, as águas elevam-se de forma paulatina e previsível; mantêm-se em situação de cheia durante algum tempo e, a seguir, escoam-se gradualmente.</p> <p>Normalmente, as inundações são cíclicas e nitidamente sazonais. Exemplo típico de periodicidade ocorre nas inundações anuais da bacia do rio Amazonas. Ao longo de quase uma centena de anos de observação e registro, caracterizou-se que, na cidade de Manaus, na imensa maioria dos anos, o pico das cheias ocorre em junho.</p>
<p>Grupo 3 – Inundações em cidades ou alagamentos.</p>	<p>São águas acumuladas no leito das ruas e nos perímetros urbanos, por fortes precipitações pluviométricas, em cidades com sistemas de drenagem deficientes.</p> <p>Nos alagamentos, o extravasamento das águas depende muito mais de uma drenagem deficiente, que dificulta a vazão das águas acumuladas, do que das precipitações locais.</p>

Fonte: BRASIL, 2009 a.

Conhecida popularmente como enxurrada, a inundação brusca ocorre devido a chuvas intensas e concentradas, principalmente em regiões de relevo acidentado. A elevação dos caudais é súbita e seu escoamento é violento (CASTRO, 2003). Esta acontece próxima ao evento da chuva que a provoca. O aumento do nível das águas ocorre repentinamente, provocando mortes, apesar da área de impacto ser bem menor do que as inundações graduais.

De acordo com Amaral e Ribeiro (2009), enxurradas são definidas como o escoamento superficial concentrado e com alta energia de transporte, que pode ou não estar associado a áreas de domínio dos processos fluviais. É comum a ocorrência de enxurradas ao longo de vias implantadas sobre antigos cursos d'água com alta gradiente hidráulica e em terrenos com alta declividade natural.

O escoamento superficial tende a crescer com o aumento da intensidade, assim como a duração da precipitação e da área abrangida pela precipitação, que constitui a principal forma de entrada de água no ciclo hidrológico.

Além disso, as enxurradas podem ser intensificadas pelo processo de urbanização da cidade, uma vez que esta provoca modificação no ciclo hidrológico, cujos efeitos influenciarão na infiltração e velocidade do escoamento superficial.

Quando ocorre uma precipitação sobre a bacia hidrográfica, a parte que não se infiltra pelo solo, ou é retida por algum elemento interceptador, escoam superficialmente até alcançar um curso d' água. Neste, a vazão aumenta de instante a instante até atingir um valor máximo, decrescendo em seguida, de modo mais lento (OSTROWSKY, 1991). Este acréscimo na descarga por certo período de tempo pode vir a ocasionar as enchentes e conseqüentemente às inundações e os alagamentos na área urbana. Pruski et al. (2003) afirmam que quanto maior a área e a declividade da bacia, maior deverá ser a vazão máxima de escoamento superficial que ocorrerá na seção de deságue da bacia.

À medida que a água superficial escoam nas zonas montanhosas, vai carregando juntamente grande quantidade de material de variadas dimensões representando alto poder destrutivo. Essas áreas apresentam um escoamento de alta velocidade em função da inclinação acentuada, o que contribui de forma significativa no carreamento dos materiais. Dessa maneira, as enxurradas provocam muitos estragos, como erosão das margens, arrastamento de veículos e destruição de casas e estradas (Santos 2007).

1.2 BREVE HISTÓRIA DE SÃO LOURENÇO DO SUL

São Lourenço do Sul é uma cidade localizada na região Sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, na encosta sudeste e margem ocidental da Lagoa dos Patos²⁸. Conhecida pelo seu turismo, pela “Praia das Mães” que é bem arborizada,

²⁸ É a maior lagoa de tipo estrangulado (choked lagoon) do mundo, estendendo-se na direção NE-SW entre as latitudes 30°30'S e 32°12'S. Está localizada na planície costeira do Rio Grande do Sul e recebe grande volume de água doce dos rios ao norte da planície costeira e dos rios afluentes da Lagoa dos Patos. Cinco unidades biológicas a constituem: Rio Guaíba, Enseada de Tapes, Lagoa do Casamento, Corpo Central Lagunar e Estuário. Junto a Barra de Rio Grande, ocorre o escoamento de água doce e o ingresso de água salgada neste sistema de mais de 250km de extensão. Suas margens fazem parte os municípios de Viamão, Capivari do Sul, Palmares do Sul, Barra do Ribeiro,

pela “Praia das Ondinas” e “Nereidas” ou “Praia das Crianças” e a “Praia da Barrinha”. Passando pelas ruas da cidade se observa inúmeras casas para alugar e vender. No verão e em datas especiais, principalmente em datas comemorativas de final de ano, como Natal e Ano Novo, a cidade aumenta seu fluxo demográfico. Inúmeras quedas de luz em bairros demonstram a fragilidade na sustentação de energia elétrica que abastece. O lugar também é muito procurado por turistas no carnaval e nessas épocas as casas aumentam seu valor comercial. Dessa forma os aluguéis aumentam substancialmente de preço.

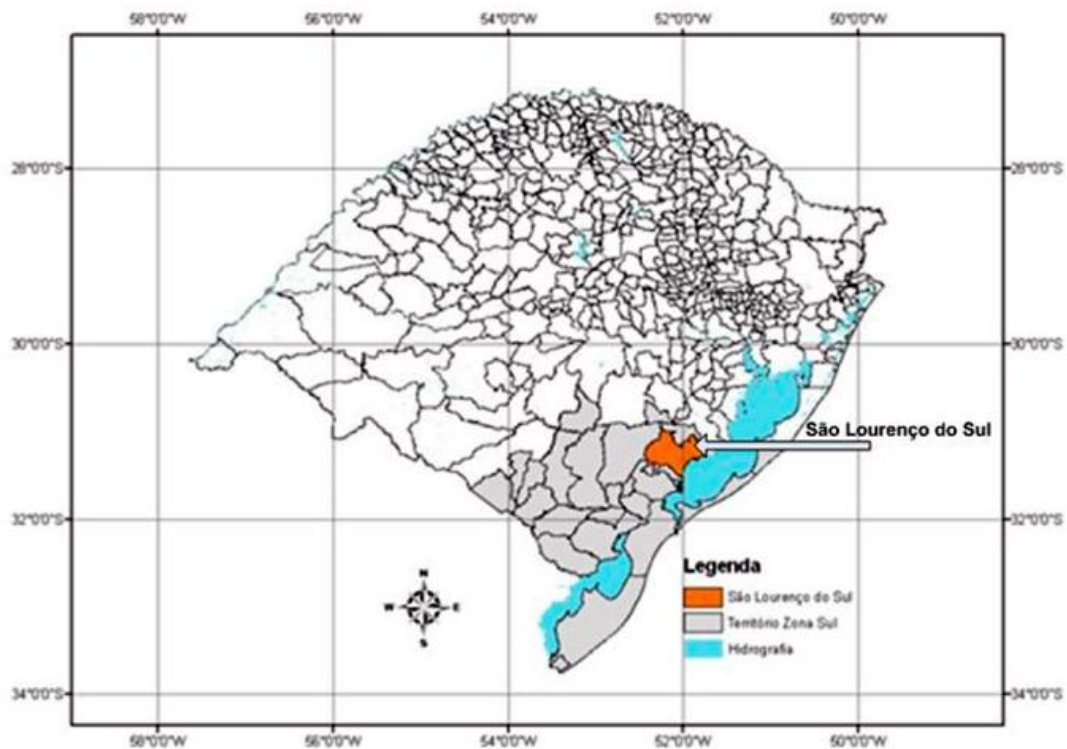


Figura 8: Localização de São Lourenço do Sul por Reichert, Padilha, Gomes e Cáceres
Revista de Ciências Agrárias, vol.35, nº.1, Lisboa, jun. 2012.

A cidade sofreu uma enorme catástrofe ambiental em 2011. Com dados do IBGE a população estimada em 2013 era de 44.498. Em 2010 esta população era de 43.111. São Lourenço do Sul é uma área que ocupa 2.036.125 Km² da unidade

Tapes, Arambaré, Camaquã, Turuçu, São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande, Mostardas, Tavares e São José do Norte. TORRES, Luis Henrique. **Lagoa dos Patos: história e natureza**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2013. p. 10.

territorial com uma densidade demográfica de 21,17 habitantes por Km², fazendo parte também do bioma Pampa.

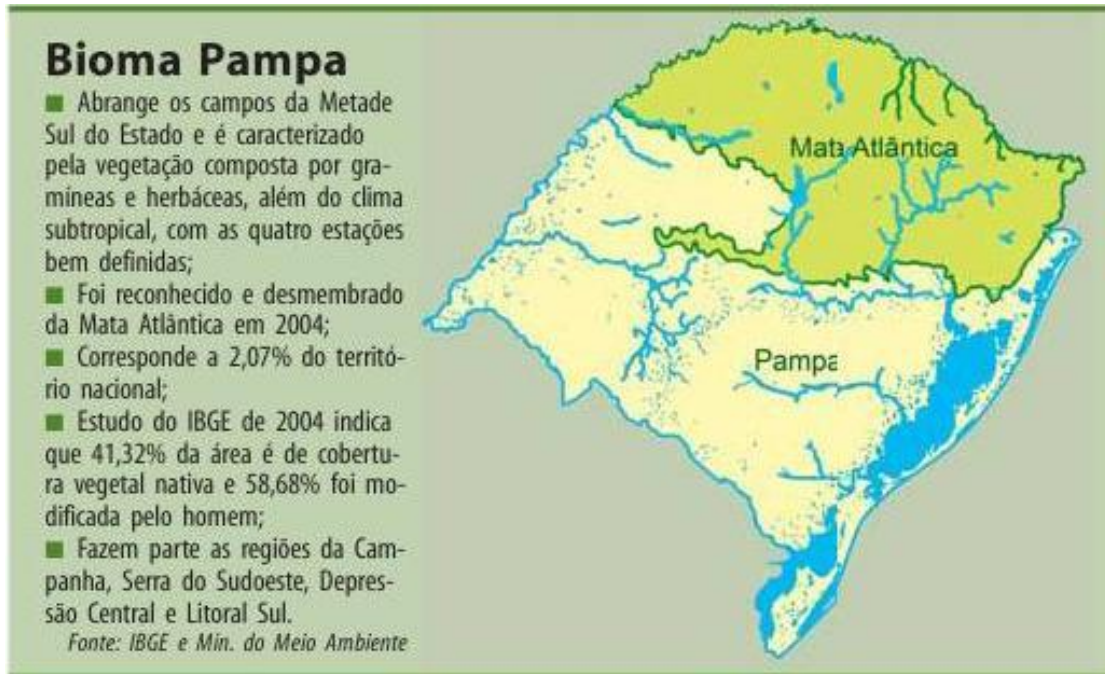


Figura 9: Bioma Pampa por Marcela Caetano
Jornal Correio do Povo - ano 115 nº 193 - Porto Alegre, domingo, 11 de abril de 2010.

A historiografia do município foi relatada em algumas obras, por estudiosos municipais, memorialistas locais que descrevem a origem da localidade. Seu início data no final do século XVIII, no momento em que a coroa Portuguesa distribuiu terras nas margens da Lagoa dos Patos para os militares que se destacavam nas guerras contra os espanhóis. Após o recebimento destas terras, os proprietários começam a residir de forma efetiva no local, erigindo capelas em devoção aos seus santos prediletos²⁹.

Os primeiros agentes históricos do lugar foram os Guaranis, que ao entrarem em contato com os portugueses e luso-brasileiros de forma gradual começam a desaparecer na região, devido à opressão luso-brasileira. Os luso-brasileiros começam a se situar no litoral do Brasil inteiro. Da mesma forma, acontece em São

²⁹ CALDAS, Pedro Henrique, **História real de São Lourenço**, Gráfica Hoffstatter, São Lourenço do Sul, 2008.

_____, **Simões Lopes Neto e São Lourenço do Sul**, In: Jornal Diário Popular, Pelotas, 30 de abril de 2007.

Lourenço do Sul, onde partes desses lusitanos ficavam próximo da água, isto é, próximos a Lagoa. O governo Imperial do Brasil incentivou e concedeu concessões de grandes áreas de terra para que se desenvolvesse a criação de gado, e que consolidasse uma população nessas regiões.

Algumas pesquisas sobre São Lourenço do Sul são destacadas. Dentre elas, a maioria trata da parte da imigração pomerana, das quais há que salientar a de *Patrícia Bosenbecker*, intitulada “*Uma Colônia cercada de estâncias: Imigrantes em São Lourenço/RS (1857-1877)*” em 2011. Outro trabalho relevante apresentado por *Eduardo Iepsen* em 2008, intitulada “*Jacob Rheingantz e a Colônia de São Lourenço: Da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história*” e a monografia de conclusão de curso de *Moacir Böhlke*: “*A colônia particular de São Lourenço: seu contexto dentro do Processo colonial do Rio Grande do Sul*”, de 2003. As três pesquisas de suma relevância para o município tratam da imigração pomerana como parte fundadora da constituição cultural, étnica, econômica, religiosa e de demais aspectos de estudos da história. Nesse contexto, também são citados obras e artigos de *Pedro Henrique Caldas* e a obra de meados do século XX do autor *Vivaldo Coaracy*, “*A colônia São Lourenço do Sul e seu fundador Jacob Rheingantz*”.

São Lourenço do Sul fica na região litorânea conhecida como costa doce, onde predomina a vegetação de campos alagadiços e palmeiras, tendo suas praias banhadas pela água da Lagoa dos Patos.

No interior do município de São Lourenço do Sul os pomeranos ergueram colônias, sendo predominantemente de religião protestante. Com o tempo aumentou a população de luteranos, que no passado optavam por fugir do centro da cidade, muito devido a suas crenças, visto o número bastante grande de salão de festas, cemitérios e capelas nas colônias onde estes ficam próximos uns dos outros, identificando cada comunidade.

O centro urbano era predominantemente católico e no passado era comum o conflito religioso entre indivíduos e comunidades, mesmo que de forma silenciosa e não declarada. Pesava muito a religião e a forma de costumes ao agirem em determinadas situações, isto acontecia com relações afetivas, festas, refeições, jogos. Atualmente, conforme dados do IBGE, o município possui 19.200 pessoas

católicas apostólicas romanas, em contraposição a religião evangélica chega atualmente a 20.892 pessoas³⁰.

Os imigrantes que chegaram ao município vieram da região da Pomerânia e da Renânia, ambas as províncias que faziam parte do já não existente Império Prussiano (Prússia). Na época, a imigração que se estabeleceu nas terras onde hoje é São Lourenço do Sul fazia parte do município de Pelotas. As levas de pomeranos chegaram da sua forma, do seu jeito e com total influência cultural europeia. Germânicos e pomeranos somaram-se aos negros das charqueadas, dos índios guaranis, já estabelecidos na localidade, além da chegada dos lusos portugueses e dos espanhóis que frequentemente cruzavam a fronteira. Mais tarde, outras etnias foram chegando e todos esses grupos ajudaram a construir a identidade do local.

A identidade local é representada por uma mistura étnica. Os pomeranos na Primeira e principalmente na Segunda Guerra Mundial sofreram perseguições e represálias por parte dos demais cidadãos locais. Era comum num boteco, armazém, e em festas religiosas os pomeranos serem observados pelos demais. Era difícil não se viver os ares de uma guerra mundial que atravessava oceano e países. Os questionamentos tradicionais como “quem sou?” e “Onde vivo?” Voltavam naquela época sombria da história do Brasil. Os comentários dos mais velhos de etnia germânica são bem fortes sobre a época. Por outro lado, estabeleceu-se um conflito entre o “*ser alemão*” ou “*ser pomerano*” e talvez por algum receio ou vergonha, era preferível se chamar “*alemão*” a “*pomerano*”. Estes fatores poderão ser mais estudados e pesquisados em futuros trabalhos de história e ciências sociais. São Lourenço do Sul, não se constitui a partir de uma identidade única para a sua formação histórica, embora seja reconhecida a importância que teve a vinda dos imigrantes pomeranos.

Até 1700, os indígenas que predominavam na região eram da etnia guarani. Após a chegada de portugueses, espanhóis e luso-brasileiros, a figura do negro africano começa a se tornar comum na região. Mais ainda com a formação das charqueadas na região onde se situa atualmente a cidade de Pelotas.

³⁰ IBGE, disponível no <http://cod.ibge.gov.br/1372>, no <http://cod.ibge.gov.br/2503x> e no <http://cod.ibge.gov.br/2rxru>.

Pedro Caldas, historiador municipal, aponta que o primeiro a escrever sobre a cidade de São Lourenço do Sul foi o pelotense João Simões Lopes Neto, escritor e empresário. Chegou a escrever um texto sobre a cidade de São Lourenço do Sul na revista Centenário de Pelotas.

A historiografia local e oficial destaca com enorme fascinação e interesse a figura de “*Jacob Rheingantz*”. Estudos, leituras, indagações e interesses diversos voltados à sua figura, seu mito, e sua relevância na construção de São Lourenço do Sul e a leva de imigrantes pomeranos que chegaram ao município. Outra figura que aparece na historiografia local, contudo, seu nome foi suprimido por interesses locais, político, econômicos e turísticos foi o de “José Antônio de Oliveira Guimarães”. Caldas ressalta isto, quando trata do texto escrito por Simões Lopes Neto.

No quarto bloco das notas organizadas por Simões Lopes Neto temos apenas um pequeno parágrafo, o que sobrou de um texto maior sobre a colonização”. ‘Conjuntamente, ao norte sobre a serra, Jacob Rheingantz esforçava-se por aí localizar a colonização alemã; os esforços conjugados dos dois beneméritos cidadãos vieram a ser cordados de sucesso. A chamada colônia S. Lourenço foi fundada por ambos, em sociedade regida por um contrato lavrado em 15 de março de 1957, na cidade de Rio Grande’. Embora escasso, o texto não deixa dúvida: a colônia de São Lourenço teve dois fundadores, o que até consta de um contrato legal. “Os dois beneméritos cidadãos” que conjugaram seus esforços eram Jacob Rheingantz e José Antônio de Oliveira Guimarães. “Ao longo dos anos, porém, publicações facciosas encarregaram-se de omitir o nome de Guimarães (CALDAS, 2008, p. 15).

José Antônio de Oliveira Guimarães foi estancieiro e charqueador, chegou a doar uma parte de sua estância para o que então se chamava área de servidão pública. Esta parte de terra se localizava à margem esquerda do Arroio São Lourenço, próximo ao primitivo porto, onde uma lei de 1861 designava para a sede da freguesia. Caldas afirma que em 1850 e 1860, a economia regional estava em alta. Havia uma necessidade de se recuperar dos graves prejuízos provocados pela Guerra Farrapa (1835-1845).

O porto de São Lourenço já escoava cargas de lenha, carvão, trigo, mandioca, couros e charque. Depois, o loteamento e a criação de Colônias na região atraíram muitos comerciantes como Ritter, Engler

e Timm, que abriram armazéns para a compra e venda de produtos coloniais (CALDAS, 2008, p.15).

Em se tratando de áreas mais internas do município, fora dos limites das grandes propriedades, consta na historiografia local que uma das primeiras povoações aconteceu na localidade de Campos Quevedos, por espanhóis. Teria supostamente surgido em Boqueirão, que se localiza entre as planícies litorâneas e a serra dos Tapes, um povoado, formado em sua maioria por escravos alforriados. Diversos quilombos se formaram no interior do município, antes da Lei Áurea de 1888. Dentre algumas localidades estão: *Faxinal, Coxilha Negra, Canta Galo*.

Assim a constituição da formação do município de São Lourenço do Sul não é uma formação unicamente alemã ou pomerana. Diferentes grupos étnicos ajudaram na formação local. Contudo as figuras de *Jacob Rheingantz* e *José Antônio de Oliveira Guimarães* são as mais lembradas na formação do município, no que tange à leva de grupos de alemães e pomeranos que atravessaram o Oceano Atlântico para se instalar no meio rural, erguendo pequenas colônias que se mantêm até hoje no interior dos municípios de São Lourenço do Sul e Canguçu. Nesse processo histórico de formação, ambos tiveram devida relevância, embora *Jacob Rheingantz* tenha seu nome mais propagado e lembrado. Guimarães teve participação decisiva para a história de São Lourenço do Sul, não só na formação municipal, mas também em aspectos econômicos e políticos, por ser um grande empresário.

José Antônio de Oliveira Guimarães é a principal figura na formação urbana da cidade de São Lourenço do Sul. Porém a historiografia local tende a enaltecer somente Rheingantz, talvez com a intenção de valorar a colonização germânica local para uma ampla exploração turística e econômica. Ambos foram figuras com sua devida importância para formação do município. Conforme *Pedro Henrique Caldas* analisa em sua obra, através das citações de Simões Lopes Neto no jornal:

... Em seguida, Simões Lopes Neto cita uma série de leis que indicam uma disputa entre Boqueirão e São Lourenço, duas povoações com origens e perfis políticos diferentes. Bem antes da Revolução Farroupilha (1835-1845) o Porto de São Lourenço já despontava graças ao comércio e transporte do charque, couros e produtos agrícolas como trigo e mandioca. O núcleo do Boqueirão perdia importância e isso incomodava suas lideranças, monarquistas ligados ao Partido Conservador. No Porto predominavam as

influências de líderes liberais como Bento Gonçalves e Guimarães (CALDAS, PEDRO HENRIQUE- História real de São Lourenço do Sul, Gráfica Hoffstatter, São Lourenço do Sul, 2008, p.7).

Com um longo processo histórico e de formação administrativa, o município de São Lourenço do Sul passou por inúmeros atos municipais até chegar à formação administrativa da cidade dos dias de hoje³¹.

A historiografia local mais capacitada de dados empíricos e maior número de fontes citam o *Coronel José Antônio de Oliveira Guimarães*, como o fundador da moderna São Lourenço. A historiografia local afirma que no final do século XVIII, já haveria registros do “*Distrito de São Lourenço da Vila do Rio Grande de São Pedro*”. Já os primeiros registros de casamento, surgiram no começo do século XIX, no oratório de São Lourenço, que se localizava na estância homônima, onde havia

³¹ Freguesia criada com a denominação de São João da Reserva, por Lei Provincial n.º 1.031, de 29-04-1876 e por ato municipal n.º 11, de 30-09-1892.

Elevado à categoria de vila com a denominação de São João da Reserva, pela Lei Provincial n.º 1.449, de 06-04-1884. Sede na povoação de São João da Reserva. Constituído do distrito da sede. Instalado e 07-03-1890. Pelo Decreto Estadual n.º88, de 15-02-1890, transfere a sede da povoação de São João da Reserva para a de São Lourenço.

Por Ato Municipal n.º 11, de 30-09-1892, foram criados os distritos de Boqueirão, Quevedos e Taquaral e anexados ao município de São Lourenço.

Por Ato Municipal n.º 1, de 02-01-1903, foram criados os distritos de Evaristo e Pinheiros e anexados ao município de São Lourenço.

Por Ato Municipal n.º163, de 20-07-1909, é criado o distrito de Harmonia e anexado ao município de São Lourenço.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município de São Lourenço é constituído de sete distritos: São Lourenço, Boqueirão, Evaristo, Harmonia, Quevedos, Pinheiros e Taquaral.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído de cinco distritos: São Lourenço, Boqueirão, Bom Jesus (ex-Taquaral), Pinheiros e Harmonia, menos os distritos de Evaristo e Quevedos que não aparecem nesta divisão.

Pelo Decreto Estadual n.º 7.199, de 31-03-1938, o distrito de Bom Jesus voltou a denominar-se Taquaral. Sob o mesmo decreto os distritos de Pinheiros e União (ex-Harmonia) foram extintos, sendo seu território anexado ao distrito de Boqueirão.

Pelo Decreto-lei Estadual n.º 720, de 29-12-1944, o município de São Lourenço passou a denominar-se São Lourenço do Sul. Sob o mesmo decreto o distrito de Taquaral é extinto sendo seu território anexado ao distrito de Boqueirão.

No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de dois distritos: de São Lourenço do Sul e Boqueirão.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o município é constituído de dois distritos: São Lourenço do Sul e Boqueirão.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1960.

Para a Lei Municipal foram criados os distritos de Boa Vista, Esperança, Faxinal, Harmonia, Prado Novo, e Taquaral e anexado ao município de São Lourenço do Sul.

Em divisão territorial datada de 1995, o município é constituído de oito distritos: São Lourenço do Sul, Boa Vista, Boqueirão, Esperança, Faxinal, Harmonia, Prado Novo e Taquaral.

Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Fonte: [HTTP//cod.ibge.gov.br/23164](http://cod.ibge.gov.br/23164)

plantações, o pequeno Porto local e as charqueadas. Estas últimas são identificadas na região, visto São Lourenço estar próximo de Pelotas, cidade reconhecida por ser um dos Polos Charqueadores do século XIX. Assim sendo, o número de escravos na região também há de ser considerado. Pois era a mão do negro escravo que sustentava a produção do charque.

José Antônio de Oliveira Guimarães era filho da sobrinha de *Bento Gonçalves*, *Teresa da Silva Santos*, que era filha de *Ana Joaquina Gonçalves da Silva*, irmã de *Bento Gonçalves*. Após a morte de seu pai *Inácio José de Oliveira Guimarães*, *José Antônio* assumiu a estância São Lourenço e casou com a prima irmã *Ana Joaquina dos Santos Abreu*. A sociedade com Rheingantz começou em 1857 e durou cinco anos, prezando a intenção de estabelecer uma colônia agrícola na região da Serra dos Tapes. O prazo poderia ter sido prorrogado por mais tempo, caso houvesse entendimento de ambas as partes, mas após os cinco anos de contrato, *Guimarães* desfaz a sociedade e passa a administrar e povoar a região do Porto, onde hoje seria zona urbana de São Lourenço do Sul³².

³² A estimativa era que somadas, juntas as famílias estabelecidas antes do começo do século XIX, reinavam 250 famílias.

Capítulo 2

DESASTRE AMBIENTAL:

A ENXURRADA EM SÃO LOURENÇO DO SUL

Desastres ambientais de uma forma ou de outra acompanham a humanidade através dos tempos. Muitos cientistas e estudiosos são pessimistas quanto ao futuro do planeta Terra e ao futuro da humanidade devido à exploração acima da capacidade de suporte, do homem para com o seu planeta. Nesse contexto, o pensamento de Martin Rössler comunga com a ideia trágica sobre a existência humana e a durabilidade dos ecossistemas.

A existência e subsistência do homem no planeta, a exploração ambiental, consumismo exagerado globalizante, as intempéries; as dificuldades humanas em climas hostis e inóspitos, a produção e o que fazem com os resíduos, as catástrofes, as mudanças de clima; a destruição da flora e da fauna, todos esses quesitos são importantes para se refletir, dialogar e buscar alternativas de compreensão, além de ajustes viáveis ao mundo moderno e pós-moderno.

Mas a história ambiental do homem na Terra, junto ao espaço e tempo de sua existência, merece melhores estudos. O respeito pela natureza sempre foi algo distante, desde o começo da exploração do homem pelo planeta inteiro. As necessidades biológicas o fizeram assim. Sem a natureza como sustento, não haveria “homem” na Terra.

Decorrente de muitos anos de exploração, a natureza hoje necessita de cuidados bem maiores que teve ao longo de toda a sua história. O homem em contato com o planeta traz a certeza de que a relação entre ambos é algo muito

mais proveitoso ao próprio ser humano, que necessita da natureza para subsistir. Não deixa de ser um discurso ideológico ou fantasioso acreditar que as possibilidades de melhoria e cuidado com os recursos naturais possam evoluir com o tempo. A natureza se vê explorada desde a época em que os primeiros homínídeos se relacionam com a terra. O capitalismo e a exploração da natureza em prol do enriquecimento de multinacionais e interesses acabaram toda e qualquer noção de uma exploração racional e equilibrada.

O pensamento de *Martin Rees* vem ao encontro disso e de uma forma severamente crítica expõe de maneira assustadora e até fatal o que poderá ocorrer neste século XXI.³³ Alerta sobre a responsabilidade que toda humanidade tem de fiscalizar e evitar que a massificação tecnológica moderna não cause o fim da espécie humana da face da Terra. Afirma que nunca em toda história da humanidade o homem esteve tanto a perigo. Segundo seus alertas e teorias, a busca por vida fora da Terra seria de suma importância, assim como a expansão para o espaço pode ser nossa única possibilidade.

Rees deixa claro que até o momento tivemos sorte de o planeta não ter sofrido casos catastróficos e de proporções de destruição imensa:

A época em que o relógio indicou perigo máximo foi na verdade a década de 1950: naquela época ele exibia um período de tempo que equivalia a dois ou três minutos para a meia-noite. Em retrospecto, essa avaliação parece correta. Tanto os Estados Unidos como a União Soviética adquiriram bombas H durante aqueles anos, assim como um número ainda maior de armas atômicas (de fissão). Também em retrospecto, a Europa teve sorte em escapar da devastação nuclear nos anos 1950. A manutenção das bombas nucleares de batalha (uma delas conhecida como “Davy Crockett”) era feita pelos batalhões; as salvaguardas eram menos sofisticadas do que se tornariam mais tarde e havia perigo real de uma guerra nuclear explodir por erro de cálculo ou por inadvertência: uma vez desencadeada, ela poderia sair de controle. O mundo parecia estar com um pavio ainda mais curto quando bombardeiros foram suplementados com mísseis balísticos muito mais rápidos, capazes de atravessar o Atlântico em meia hora, dando ao outro lado somente uns poucos minutos para tomar a decisão fatídica de retaliar

³³ Martin Rees é professor da sociedade real na *Universidade de Cambridge*, membro do *King's college* e astrônomo real do Reino Unido, publicou inúmeros artigos e livros acadêmicos, contudo no Brasil ainda é pouco conhecido. Em sua obra “*Hora Final – Alerta de um Cientista: O Desastre Ambiental ameaça o Futuro da Humanidade*” Rees, diz que a chance da humanidade sobreviver até o fim do século XXI é de 50%, colocação assustadora.

em massa antes que seu próprio arsenal fosse destruído (RESS, 2005, p.38).

Em se tratando de guerra fria, os riscos de um conflito nuclear tomaram proporções inimagináveis.

Rees também aborda os perigos do século XXI, chamando a atenção para o “Bioterror” que as “Bioameaças” podem trazer. Citando várias ameaças e produção de armas biológicas como o antraz, toxinas diversas e armas químicas. Outra parte importante em sua obra é o capítulo que dedica as “ameaças humanas a Terra” com bastante pessimismo em seus textos afirma que a biodiversidade está sendo erodida e que os avanços biotécnicos estão agravando as ameaças à biosfera. (RESS: 2005, p. 112-115).

2.1 HISTÓRIA AMBIENTAL URBANA DE SÃO LOURENÇO DO SUL: O COMEÇO DO DESASTRE AMBIENTAL

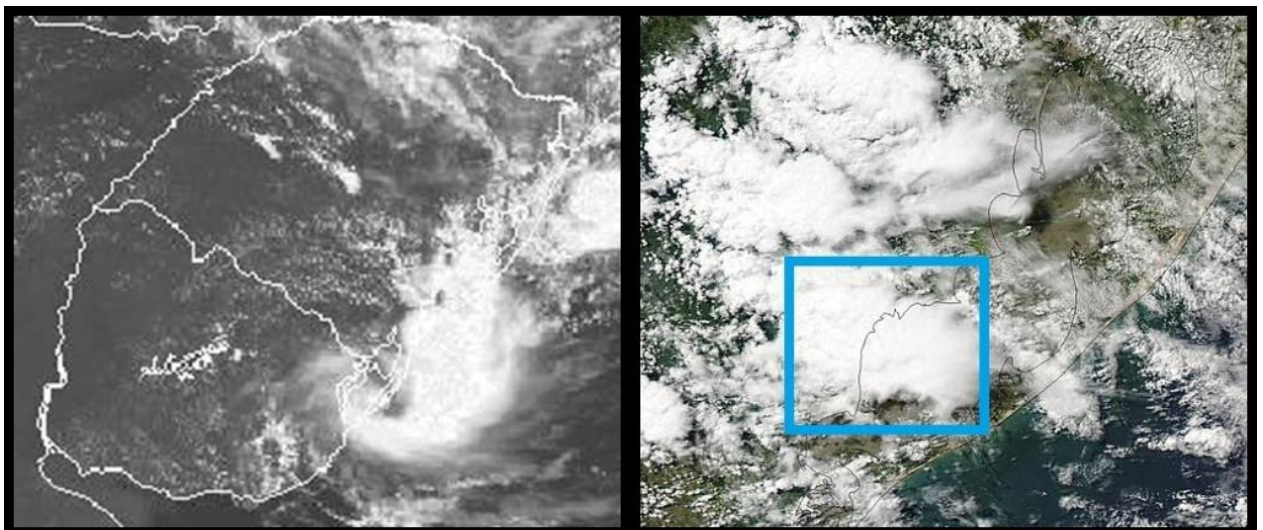


Figura 10: O começo do Desastre por METSUL meteorologia

Acima, fontes da METSUL e abaixo, o radar de Canguçu/RS datando do dia 10/03/11 as 02h30min da manhã. Embora no dia anterior já tenha havido muita chuva, o radar na primeira foto não indicava precipitações de chuvas fortes. Salvo

num micro ponto vermelho nesta primeira foto do radar. A coloração vermelha forte indica Risco meteorológico extremo.

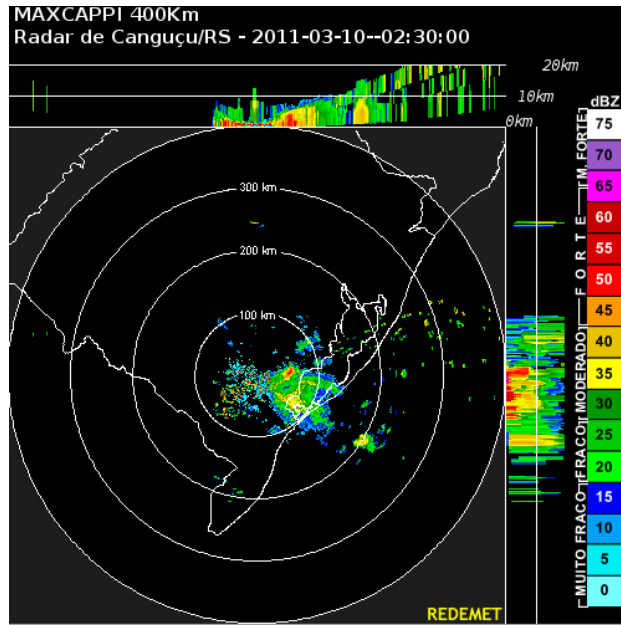


Figura 11: Precipitação dia 10/03/11 às 02h30min por REDEMET Radar de Canguçu/RS

Após algumas horas o radar de Canguçu demonstra a seguinte variação às 16h 30min da tarde. Indicando melhoras:

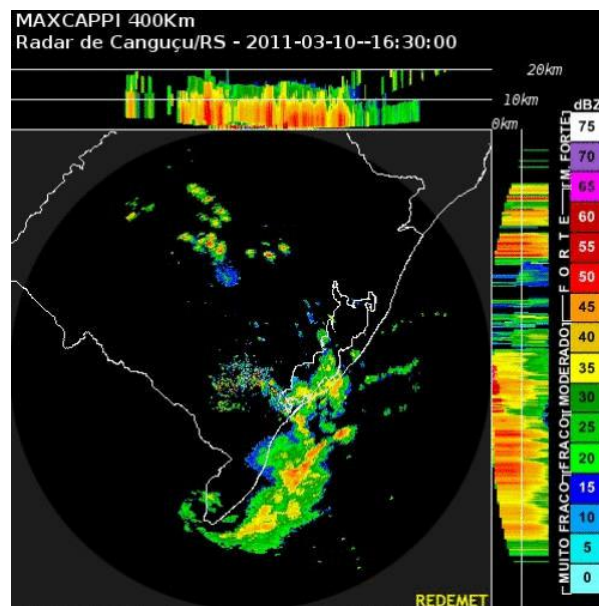


Figura 12: Precipitação dia 10/03/11 às 16h30min por REDEMET Radar de Canguçu/RS

Um dia após o término do Carnaval, em março de 2011, no exato dia 09, às 16h da tarde, uma chuva torrencial atinge a região sul do Estado do Rio Grande do Sul. As cidades de Rio Grande, São Lourenço do Sul e Turuçu são afetadas.

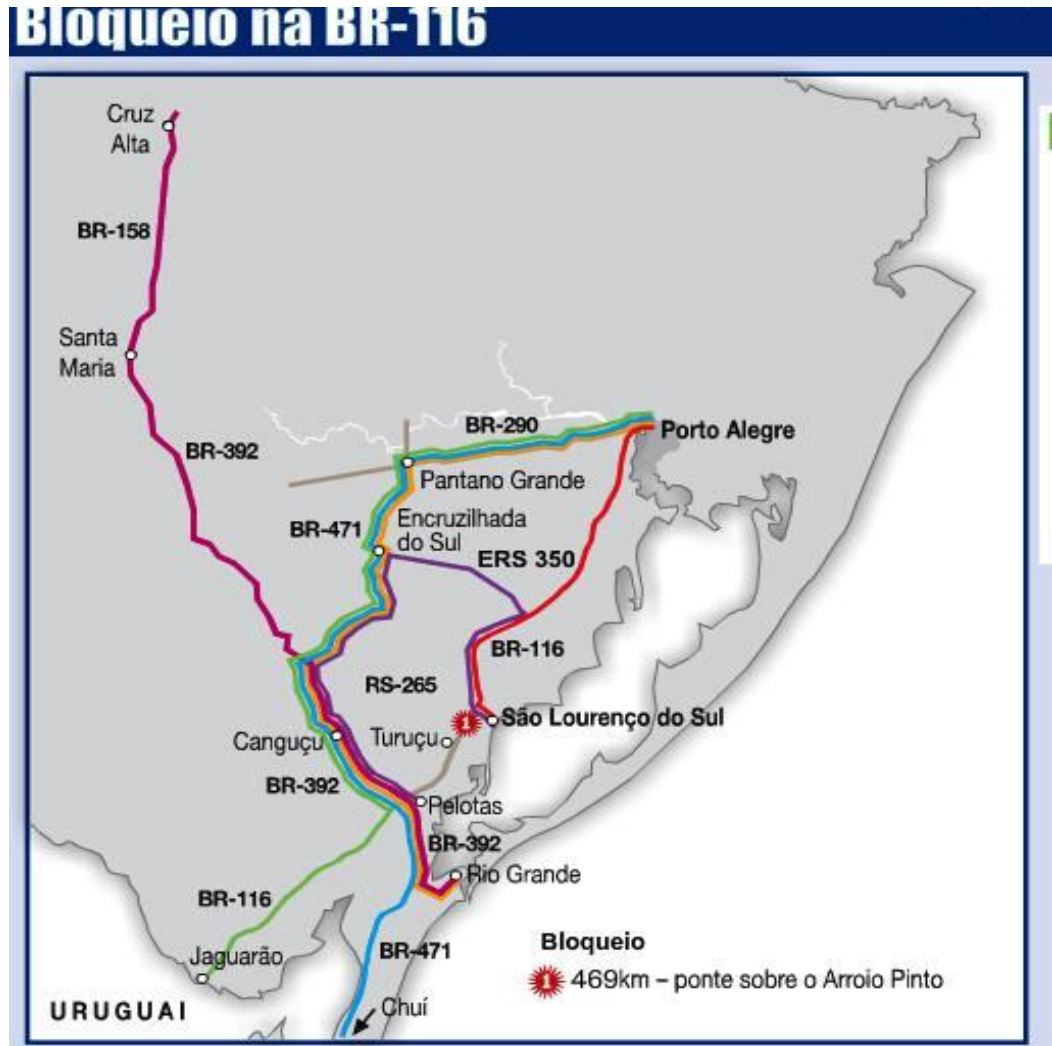


Figura 13: Bloqueio na BR 116 por Jornal Zero Hora

Por volta das 23h da noite do mesmo dia a rodovia Porto Alegre – Pelotas, conhecida como BR-116 foi bloqueada no Km 471,4 por causa do imenso alagamento na pista.

Como aconteceu a enxurrada



Figura 14: Como aconteceu a enxurrada (1) por Jornal Zero Hora

Segundo os meteorologistas, o dilúvio que levou à inundação de São Lourenço do Sul era imprevisível. Alguns agricultores, que costumam fazerem medições com pluviômetros caseiros em suas propriedades, afirmam que estes mesmos atingiram 500 mm em torno de 8h.   provável que considerem este volume por mais horas de chuva, pois em toda primeira metade do século XX no Rio Grande do Sul o maior volume medido foi na cidade de São Luiz Gonzaga, em 21 de junho de 1920, onde marcou 310 mm. Este volume de 500 mm é quase o dobro da chuva que ocorreu em Porto Alegre, em 1941, nos meses de abril e maio, quando houve uma grande enchente.



Figura 15: Como aconteceu a enxurrada (2) por Jornal Zero Hora

Segundo demonstram as tecnologias mais avançadas no planeta para projeção de chuva, seria quase impossível indicar 500 mm então em somente 24h. Esta medida foi à média encontrada em inúmeras propriedades no interior do município. Medido pelos próprios agricultores em seus pluviômetros. Isto jamais ocorreu no Brasil. Para a tarde e noite de quarta-feira de cinzas, um modelo de medição norte americano GFS, indicava não mais que 30 mm para a área de Turuçu, São Lourenço do Sul e Rio Grande.

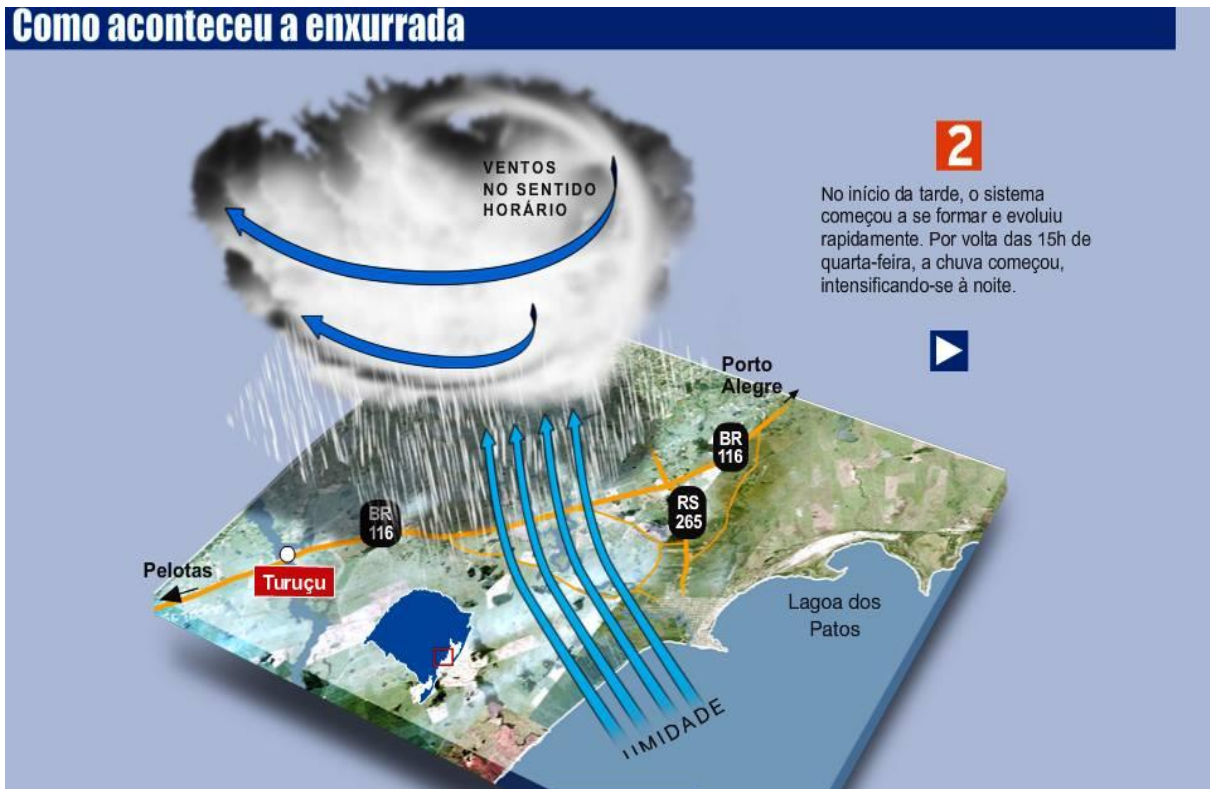


Figura 16: Como aconteceu a enxurrada (3) por Jornal Zero Hora

O evento que culminou com a tragédia de São Lourenço do Sul, ao que tudo indica por estudos meteorológicos, foi absurdamente isolado. Na área urbana do município veio a chover torrencialmente somente após o Rio São Lourenço vir com toda a sua força, com águas acumuladas desde o dia anterior, proveniente do interior do município, e inundar a cidade. Trata-se, portanto de uma ocorrência única e em microescala.



Figura 17: Como aconteceu a enxurrada (4) por Jornal Zero Hora

Poucas horas depois, na madrugada do dia 10, a Polícia Federal (PRF) executa o bloqueio de mais dois trechos da BR 116 na ponte do Km 480 e no Km 468.

No mesmo momento, a PRF recomenda que os veículos utilizem a BR-290 e a BR-392 como rotas alternativas para quem necessitasse se deslocar a Porto Alegre e Pelotas.



Figura 18: Como aconteceu a enxurrada (5) por Jornal Zero Hora

É o começo do terror para os municípios de Turuçu e São Lourenço do Sul. Por volta das 07h da manhã às cabeceiras das pontes do arroio Viúva Tereza no Km 471 e do arroio Pinto no Km 469 são destruídas pela pressão das águas.



Figura 19: Pontes destruídas – por Jornal Zero Hora

A ponte sobre o arroio Viúva recebeu um dano menor enquanto a do arroio do Pinto desmoronou cerca de 5m no sentido Pelotas – Camaquã.

É neste momento que as águas se deslocam com rapidez levando tudo pela frente, chegando à região urbana de São Lourenço do Sul e cobrindo várias casas, prédios, escolas, árvores, animais. É um fim trágico para algumas pessoas, animais, plantas e árvores. Muitas pessoas saíam em desespero de suas residências não sabendo para onde se deslocar, buscando abrigo nos tetos de suas casas.



Figura 20: Ruas de São Lourenço do Sul – por Jornal Zero Hora

Outros andavam alguns metros e entravam nas casas próximas de dois pisos ou mais. Pais carregavam seus filhos no colo, idosos tentavam se movimentar e se deslocar. Alguns não acreditavam, não queriam sair de suas casas, mesmo com inúmeras pessoas gritando na rua e um único carro de som alertando as pessoas para que saíssem de suas casas. Cenas de terror, de força da natureza, de um desastre natural que muitos querem esquecer.



Figura 21: Situação pós enxurrada (1) por Itapema FM/RS



Figura 22: Situação pós enxurrada (2) por Itapema FM/RS

No começo da manhã a PRF decidiu liberar parcialmente o Km 471 da BR 116 no sentido Porto Alegre – Pelotas, apenas para os veículos que permaneceram a madrugada parados no trecho tivessem a oportunidade de seguir viagem em direção a Pelotas. Já neste começo de manhã no Km 468, a rodovia seguia totalmente bloqueada nos dois sentidos. Em São Lourenço do Sul o desastre já era enorme. Segundo informações do Prefeito em exercício na época, *José Daniel Raupp Martins*, concedidas para a mídia da capital do Estado, naquele momento pelo menos 20 mil pessoas haviam sido afetadas na cidade, e a enxurrada atingido cerca de 50% da zona urbana.

As 10h da manhã do dia 10 de março de 2011, em São Lourenço do Sul, confirma-se a primeira morte: *Afonso Beiersdorf* de 80 anos, que teria acordado durante a madrugada assustado com a chuva e tido um mal súbito. Embora tenha sido encaminhado ao Hospital da Santa Casa do município, acabou não resistindo. Em poucas horas mais mortes viriam a ser confirmadas.

2.2 BREVES COMENTÁRIOS SOBRE O MEIO AMBIENTE LOCAL

São Lourenço do Sul, embora com uma visão turística e um calendário municipal voltado para uma tradição alemã e pomerana, é formada por outras etnias também, que constam nas carteiras de identidade produzidas na cidade e de certa forma ficam excluídas do processo de comemorações e festas da comunidade exclusivamente germânicas.

Com a chegada de diversos polos de Universidades Federais para o município, nota-se o interesse maior de estudantes pelas questões ambientais. Cursos de Gestão Ambiental e de formação para professores na área da Educação Ambiental têm estado presentes na comunidade ou deveria estar. Pois existe um campo enorme ambiental a ser explorado. Desde o contato imediato com a Lagoa dos Patos e o bom número de pescadores artesanais que vivem na cidade, e por outro, devido à grande produção de fumo no município, onde empresas como a

Souza Cruz têm investido seriamente no agricultor local para que exista um “controle adequado” para a produção e venda deste fumo até chegar ao consumidor final os maços de cigarro. Entretanto ao afirmar que exista um “controle adequado” na produção de fumo, não quer dizer que exista um controle sistemático e devido que proteja o meio ambiente. Pelo contrário o uso de produtos químicos na região é tão forte que precisaria de estudos aprofundados em diversos campos e áreas para tentar elucidar e medir o impacto que esta produção tem causado na comunidade.



Figura 23: Produtores de Tabaco (1) por Jornal O Globo

Sendo assim, da mesma forma que o choque da plantação de fumo na vida das pessoas e no meio ambiente é bastante preocupante, também não se sabe o tamanho do impacto ambiental que os produtos químicos estocados e levados pela enxurrada causaram de impacto ambiental nos rios, córregos, nascentes e pessoas no momento do desastre natural. Uma pesquisa:

“Perigos e Consequências” sobre a plantação de fumo no município foi divulgada pelo jornal O Globo, e postado no seu site com o título: “Produtores de tabaco enfrentam doenças físicas e psíquicas no RS – Contato com folha de fumo faz nível de nicotina no sangue deles ser até 700% maior que de fumantes”³⁴.

34

Por Flávia Milhorce, 03/08/2014 – globo.com

Essa pesquisa estudada sobre a região é bastante assustadora. A produção de tabaco no sul do Brasil teve início no século XX, especificamente na década de 1990. As empresas de fumo migraram do norte do país para se estabelecerem em regiões onde o clima era mais adequado e o trabalho mais vantajoso. Do ponto de vista da saúde pública, há contato direto dos trabalhadores com as folhas de fumo em todo o processo, da plantação à colheita, chegando às estufas. Os grandes vilões, além da nicotina, são os fungicidas e herbicidas que são considerados de moderados a altamente tóxicos e que podem ser absorvidos pela pele, por ingestão e inalação. Devido ao efeito destes componentes, são bastante comuns os casos de tentativa de suicídio nas pequenas propriedades de cultivo do tabaco. A doença é chamada de "doença do tabaco verde"³⁵, já descrita em estudos científicos.



Figura24: Produtores de Tabaco (2) por Jornal O Globo

³⁵ O adoecimento relacionado aos modos de produção entre trabalhadores rurais plantadores de tabaco no Brasil ainda é pouco documentado na literatura. As principais formas de adoecimento referidas em estudos internacionais e nacionais são a doença da folha verde do tabaco (DFVT), doenças respiratórias e intoxicações por agrotóxicos e decorrentes de outros agravos, como acidentes de trabalho. O primeiro registro conhecido sobre a DFVT foi feito na Itália por Bernardino Ramazzini, no século XVIII, e os sintomas descritos eram dores de cabeça e problemas estomacais. Cerca de dois séculos depois, a doença passou a ser largamente estudada nos EUA e em 1970 foi descrita na Flórida como uma doença específica dos trabalhadores rurais do tabaco. A DFVT decorre do estímulo ou inibição de receptores no sistema nervoso central levando a um quadro clínico de vômitos, náuseas, tonturas e cefaleia, dores abdominais, diarreia, alterações da pressão arterial e da frequência cardíaca durante ou após a exposição à *Nicotiana tabacum*. RIQUINHO, Deise Lisboa. HENNINGTON, Élida Azevedo. **Cultivo do tabaco no sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(12):4797-4808, 2014.

Sobre tal problema, ainda há carência de estudos da história ambiental local para prevenção da comunidade. Com relação ao fumo, seria necessário um eixo de pesquisa que preenchesse essa lacuna existente, que serviria como um elemento de conscientização local a partir da História Ambiental desta comunidade. O artigo recente de Riquinho e Hennington (2014), intitulado *Cultivo do tabaco no sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde* descreve que no país existem três estudos epidemiológicos, dois deles identificaram a DFVT (Doença da Folha Verde do Tabaco) entre agricultores, um deles desenvolvido na cidade de Arapiraca, Alagoas, no ano de 2007. O outro em Candelária, Rio Grande do Sul, no ano de 2008. O terceiro estudo que é do tipo transversal identifica esta doença no município de São Lourenço do Sul, no ano de 2011.

Nas cidades anteriores, as informações clínicas indicavam nos pacientes estudados a presença de vômito, náusea, dor de cabeça e tontura. Nos exames laboratoriais para medir a cotinina, através de exame de saliva (cotinina - metabólico da nicotina), confirmaram a doença de DFVT, sendo o sexo masculino o mais atingido. No estudo dessas duas cidades, foi observado que os proprietários das terras cultivadas eram os mais afetados. Já em São Lourenço do Sul, a DFVT entre os homens foi de 6,6% e entre as mulheres de 11,9%.

Segundo as pesquisadoras, a porcentagem maior entre as mulheres pode estar relacionada às diferenças biológicas como o fato de as mulheres possuírem área dérmica maior em relação ao volume do seu corpo. Além disso, elas conseguem relatar com maior precisão os sintomas que os homens. Outro fator seria a divisão do trabalho, pois as mulheres teriam maior contato com o fumo seco ou colhido molhado, como demonstrado na foto acima. Problemas respiratórios acontecem devido ao contato com a poeira da folha do tabaco e o processo de secagem.

A plantação de tabaco é um trabalho pesado e árduo, dependendo das aplicações de grandes volumes e variedade de agrotóxicos que ocorrem desde o seu plantio até a colheita. Alguns destes produtos químicos são conhecidos como fungicidas, acaricidas, herbicidas e inseticidas do tipo organofosforado. São altamente tóxicos e desencadeiam diversos problemas para a saúde humana.

Riquinho e Hennington (2014) alertam que este estudo teve o objetivo de identificar a doença e seus agravantes nos agricultores do tabaco no sul do Brasil. Tais informações sugerem a quantidade de resíduos químicos, poluentes e agressores à saúde humana foram espalhados e trazidos pela enxurrada, assim como este material todo deve ter ido para o rio São Lourenço³⁶

2.2.1 O RIO SÃO LOURENÇO



Figura 25: Rio São Lourenço desembocando na Lagoa dos Patos por Popa – motivos náuticos

Em comparações distintas de relevância, interesses e ecossistema, é possível estabelecer um paralelo de que o Arroio São Lourenço está para a cidade

³⁶ Rio que atravessa a cidade com 34Km de extensão, sendo aproximadamente 300m navegáveis. Em sua margem direita encontra-se o camping da lagoa (administrado pela prefeitura municipal, com 8,5ha e 500m de praia) e o camping do late Clube de São Lourenço do Sul (ICSL).

homônima, assim como o Tietê³⁷ está para São Paulo. Hoje se vê um rio com suas dificuldades de navegação, poluído e mal preservado. A foto demonstra o Rio São Lourenço que contorna a cidade possuem em suas margens inúmeras árvores nativas e alguns estaleiros que fabricam barcos de pesca, uma das fontes de renda de alguns cidadãos lourencianos pescadores artesanais. Pesquisas locais demonstram que o número de pescadores tem diminuído. A pesca artesanal e de subsistência, segundo pescadores, foi substituída pelo trabalho para empresas de pescado. Assim, o vínculo do trabalhador com estas empresas nem sempre é vantajoso, pois o pescador acaba recebendo benefícios que muitas vezes não consegue cumprir, contraindo dívidas junto às empresas: quando a pesca é fraca, o trabalhador não consegue ter retorno suficiente para pagar o que a empresa concedeu em forma de material de pesca como óleo, iscas, gelo e até redes. Com a mudança de clima³⁸ e a poluição aliadas a outros fatores, a pesca tem escasseado e não chega ao volume esperado pela empresa e o pescador. Dessa forma, as dívidas contraídas são agravadas.

De um dos lados da margem do rio São Lourenço encontra-se vários ancoradouros para pequenos barcos de pesca. Já do outro lado se encontra o late Clube Municipal com inúmeras embarcações de pequeno porte. Nota-se então, que o rio possui múltipla importância, tanto para a classe trabalhadora dependente da pesca e das empresas de pescado, quanto para os velejadores que buscam o esporte e o entretenimento.

O Camping Municipal é muito procurado no verão e possui diversos animais silvestres, micro praias particulares, churrasqueiras, mata nativa e uma bela estrutura, também servindo para inúmeras festividades. Para chegar ao Camping Municipal é preciso contornar parte da cidade e percorrer alguns poucos quilômetros de estrada de chão. A outra forma de se chegar ao Camping Municipal é fazer uma travessia de barco por poucos reais.

³⁷ Jorge, Janes. **Tietê, o rio que a cidade perdeu: O Tietê em São Paulo 1890-1940**/ Janes Jorge. São Paulo: Alameda, 2006.

³⁸ Seeliger, U; Costa, C.S.B.C. **Lições Ecológicas e Futuras Tendências**. IN: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C. (Org.) **O Estuário da Lagoa dos Patos, Um Século de Transformações**. Rio Grande/RS: Editora FURG, 147-152, 2010.

O rio São Lourenço é formado por vários pequenos cursos de água que costumam ter um maior volume quando há grandes chuvas em seu entorno. Com isso, pode sofrer mudanças bruscas de volume e seu destino é rumo à Lagoa dos Patos. Pode-se destacar um desses pontos em que o rio São Lourenço recebe uma carga considerável de volume de água, é o caso do arroio *Viúva Teresa* que se forma de pequenos cursos de água e tem sua nascente na região da Picada Caipira e Picada das Antas. Esse arroio é o principal afluente do rio *São Lourenço*.

Com a preocupação em ocorrer deslizamentos e erosões na região urbana em que o rio passa, na década de 70 e 80 foram construídos pelo governo estadual muros de proteção com pedras de granito, envoltas em tela de armação metálica em torno de suas margens. Assim os lugares de pesca e barrancos que poderiam destruir ruas e calçadas com a força das águas tiveram sua devida proteção. Esta preocupação fez com que estes muros fossem ampliados e melhorados antes e após o desastre ambiental de 2011.

O rio São Lourenço registrou quatro enchentes no ano de 1998, efeito das fortes chuvas no município e que contribuíram para o assoreamento do curso de água, dificultando o escoamento das águas para a Lagoa dos Patos. Tal fator acabou ocasionando o volume de água em março de 2011, pois pouco ou nada foi feito nas últimas décadas no que diz respeito a cuidado e prevenção de acidentes ambientais. O rio foi o responsável pela inundação na região urbana juntamente com o arroio Carahá³⁹. Vem sofrendo com o acúmulo de lixo, esgoto e o aparecimento de alfaces d'água⁴⁰ que em grande quantidade estão se acumulando e prejudicando a luminosidade da água, a pesca e o trajeto dos barcos.

³⁹ Rio com 12 km de extensão desemboca na Lagoa dos Patos, próximo à praia da Barrinha.

⁴⁰ Nome Científico: *Pistia stratiotes*; Nomes Populares: Alface-d'água, Erva-de-santa-luzia; Família: Araceae; Categoria: Plantas Aquáticas, Plantas Daninhas, Plantas Flutuantes; Clima: Equatorial, Subtropical, Tropical; Origem: América Central, América do Norte, América do Sul; Altura: menos de 15 cm; Luminosidade: Sol Pleno; Ciclo de Vida: Perene.



Figura 26: Alfaces d'água no rio São Lourenço (1) por Juliano T. Fraga
Arquivo Pessoal (2015)

Estas alfaces d'água tornam-se danosas e sua proliferação incide com o alto índice de matéria orgânica depositada no leito do rio.



Figura 27: Alfaces d'água no rio São Lourenço por Juliano T. Fraga
Arquivo Pessoal (2015)

Pode se dizer que o lixo e o esgoto são causadores da proliferação destas alfaces d'água. Alguns canos de esgoto deságuam no leito do Rio São Lourenço, assim como parte do esgoto da cidade é lançado na Lagoa dos Patos, isto é, nas praias que circundam a cidade, sem um cuidado maior, com ausência de filtros e preparo para tal. Atualmente, foram trocados alguns canos de esgoto nas ruas da cidade devido ao deterioramento do tempo, isto é, sua longevidade no local e seu tempo de uso. Há promessa de construção de uma estação de tratamento de esgoto. A cidade cresceu e nas últimas décadas não houve a troca de

encanamentos. Nessa situação, com esgotos sendo lançados diretamente no rio e proliferação de algas d'água, encontrava-se o Rio São Lourenço na enxurrada de março de 2011. Pouca coisa mudou desde então, somente nos dias atuais, muito pelo que ocorreu, é que se vê uma mudança, com medidas como a renovação das tubulações de esgoto, acontecendo na cidade.



Figura 28: Rio São Lourenço depois da enchente por Eduardo Seidl

2.2.2 LAGOA DOS PATOS E HIDROGRAFIA LOCAL

O município se encontra na margem oeste da Lagoa dos Patos. Localizada na chamada “encosta do sudeste”, onde também se localizam os municípios de Morro Redondo, Pelotas, Turuçu, Cristal, Tapes, Sentinela do Sul, Cerro Grande do Sul, Camaquã e Arambaré. Somando uma área total de 15.207 Km².

São Lourenço do Sul faz parte da microrregião da Lagoa dos Patos. Situada na região climática denominada de “litoral”. Segundo a Federação das Associações dos Municípios do Rio Grande do Sul (FAMURS) a “Pérola da Lagoa”, nome adotado pela comunidade. As coordenadas geográficas da cidade são de 30°58'52” a 31°31'05” de latitude sul. Que vai do norte onde se localiza o Arroio Sapato, no 3°

Distrito de esperança ao sul, onde se localiza as curvas do arroio Turuçu, também chamado de arroio Grande. De longitude oeste 51°44'47" a 52°27'32", do ponto extremo leste, situado a barra funda, na foz do rio Camaquã no 5° Distrito, até o extremo oeste situado em uma das curvas do arroio Grande, limite do município com a cidade de Canguçu.

A Lagoa dos Patos é um dos maiores lagos da terra situado entre as ladeiras horizontais do escudo Uruguaio-Rio-Grandense e a grande restinga, com 250 quilômetros de comprimento, posicionado na direção norte-nordeste para sul-sudeste. Com aproximadamente 30 quilômetros de largura média e 60 quilômetros de largura máxima. É o maior volume de água represada de toda a costa brasileira.

A enorme laguna recebe água da bacia do rio Jacuí, do rio Caí, do rio dos Sinos e rio Gravataí. Mesmo com sua extensão, não possui grandes profundidades. A profundidade máxima fica em torno de 8,5 metros e uma média de 6,5 metros. Temperatura média da água fica entre 13° e 29° Celsius, com aproximadamente 1 a 2 metros em relação ao nível do mar. A Lagoa dos Patos tem contato com a Lagoa Mirim pelo chamado canal de São Gonçalo e deságua no oceano Atlântico pelo canal de Rio Grande. Não recebe apenas água doce dos rios, riachos e arroios que deságuam, mas também em determinadas épocas quando o seu nível se torna mais baixo, penetram águas salgadas do oceano Atlântico, quando tem modificado seu ambiente e vida aquática.

São Lourenço do Sul, possui inúmeros arroios, riachos e sangas que cortam o seu território. O rio Camaquã tem contato com o local, com aproximadamente 370 km de extensão total. Segundo (HAMMES, 2010) 75 quilômetros do *rio Camaquã* adentram a cidade de São Lourenço do Sul, onde deságua na Lagoa dos Patos. O *arroio Turuçu* que possui 70 quilômetros separa a cidade dos municípios de Turuçu e Pelotas. Este arroio seria conhecido anos atrás como arroio Grande ou Grande do Sul.

Hammes cita vários outros rios como o *arroio Evaristo* que seria até pouco tempo atrás o mais longo e atravessaria o interior, deixou de ser no momento que o município de Cristal se emancipou. Cita também os arroios *Santa Isabel* com 34 km de extensão, este desemboca no Camaquã. O *arroio do Tigre* com cerca de 9 km que desemboca na Lagoa dos Patos. O *arroio Viúva Teresa* afluente do arroio São

Lourenço. O *arroio Carahá* que tem 12 quilômetros de extensão e termina também na Lagoa dos Patos. São Lourenço do Sul possui ainda outros diversos arroios e riachos menores. Como os *arroios do Socorro, do Cemitério, do Salso, do Meio*. Existindo outros mais diminutos como *arroio Maenduava* ou *Taquaral* como também é conhecido, *arroio Pomanga* também chamado de *arroio das Pedras* e o *arroio Pinheiros*.

A cidade também possui inúmeros açudes de diferentes tamanhos que servem para inúmeras atividades, desde a criação de peixes, oferta de água para a criação de gado leiteiro⁴¹, como também para irrigar plantações. Seja para pequenas hortas e pequenos cultivos, até para maiores extensões de plantio como o arroz, produzido na região em larga escala para o mercado regional e em nível estadual.

Existem várzeas de diversas extensões que propiciam inundações frequentes. Vários outros riachos e arroios ainda não têm nome oficialmente. São conhecidos pelos moradores das proximidades e que os chamam por diferentes nomes.

Os riachos em tempo de estiagem são rasos, podendo ser atravessados a pé, a cavalo e até de automóveis de passeio. Contudo em tempo de chuva, podem ser transformados em arroios violentos e perigosos, com poder de destruição acentuado, levando o que encontram pela frente. Podem causar considerável estrago, além de aumentar a força de riachos e rios maiores em que desembocam.

O São Lourenço, que banha a cidade e foi o principal causador da enxurrada de 2011, é considerado um rio calmo, sem força e velocidade constantes até pela ausência de maiores correntezas. Ao contrário dos demais rios e riachos do interior ele não seca. Quando ocorrem suas enchentes, efeito de intensa chuva ou do volume de água que recebe de sua bacia produz alagamentos na rua principal que contorna o seu leito e causa inundações nas casas próximas ao seu entorno. Segundo Hammes, isso pode ocorrer também devido ao vento sul que represa suas águas no local de sua desembocadura na Lagoa dos Patos.

⁴¹ A produção de leite local possui bastante relevância. O que leva a uma considerável produção de derivados do leite como iogurte, queijos como o colonial, gouda, prato, mussarela.

2.3 OS PROFESSORES ATINGIDOS

A pesquisa, acerca de um tema tão delicado e presente, dificulta a escrita devido aos conflitos gerados sobre o que deve ou não deve ser relatado, para que não se abram ainda mais, as feridas emocionais e sociais daquela comunidade. Ao mesmo tempo não podem ser omitidas informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa e do trabalho. Contudo, é defendida aqui a relevância da exposição destes acontecimentos e espera-se ser possível trazer uma maior reflexão sobre o fato e as consequências de um desastre natural, cuja gravidade é alastrada graças à ação humana.

Neste trabalho, foram entrevistadas quatro pessoas, contudo foram pensadas e procuradas várias outras. As que estão presentes se dispuseram a responder perguntas preestabelecidas, porém não fechadas, acerca do ocorrido. Todos os quatro entrevistados deram seus nomes completos e a autorização por escrito para que suas falas fossem transcritas e utilizadas como registro e pesquisa.

Os depoimentos destes quatro professores proporcionaram um interessante e completo panorama. A história oral vem a contribuir e muito para que se produzam as fontes necessárias. A opção pela manutenção da íntegra das falas para que não afetasse o conjunto da obra, aproximando-se do real. A escolha destas quatro pessoas deveu-se ao fato de terem sido severamente atingidas, tanto pessoalmente quanto nas suas escolas e bairros.

Salvo o senhor Pedro Henrique Caldas que é professor de Artes, Historiador e proprietário da única rádio local que funcionou nos primeiros dias pós-enxurrada, e que apesar de licenciado, não exerce a profissão de professor. Ao mesmo tempo, seu relato é de suma importância devido ao fato de ser diretor de rádio. Graças aos serviços da emissora, foi possível resgatar pessoas, auxiliar em alimentos, informações, roupas e primeiros socorros. Foi de extrema importância à participação da entidade, recebendo ligações e entrando em contato rapidamente com as equipes de ajuda, resgate e socorro às vítimas. A rádio foi a única mídia que estava em funcionamento ao longo dos dias que se abateu o desastre.

Foi criado na praça da cidade um centro de operações onde inúmeras cidades foram envolvidas e prestaram ajuda à comunidade lourenciana. Caminhões de exército na rua, sete equipes da CORSAN (Companhia Rio-grandense de Saneamento), e várias equipes da CEEE (Companhia de Energia Elétrica do Estado) trabalhavam para o reestabelecimento dos serviços públicos essenciais nas regiões mais afetadas da cidade.

Os professores/colaboradores desta pesquisa viveram “na pele” o ocorrido, perdendo os bens materiais, enfrentando filas para receber água, comida, roupas e algum colchão e coberta para dormir. Os relatos destes são pessoais, mas representam, pois reverberam, os sentimentos de inúmeras pessoas atingidas. Oito munícipes perderam a vida, fora as inúmeras pessoas que estiveram em risco com a correnteza e o poder da água.

Embora a prefeitura e o estado tenham se empenhado em minimizar as consequências, pouco ou quase nada adiantou no que se diz de “efeitos traumáticos” e “psicológicos”.

Este fator foi sem dúvida o mais agravante. Grupos de apoio foram montados para trazer auxílio a comunidade no que diz respeito ao “fator psicológico”. Equipes de cidades vizinhas e um grupo especializado de psicologia da Unisinos (Universidade da região do Vale dos Sinos de São Leopoldo) vieram fazer um trabalho na comunidade afetada.

Pedro Henrique Caldas é o único professor não atuante na profissão. Os demais entrevistados são professores ativos. Das três mulheres entrevistadas, cada uma delas professa uma denominação religiosa diferente e na hora do ocorrido relataram que recorreram a seu Deus, pois receavam pelas suas vidas e a vida de seus familiares. Seguem os dados dos entrevistados:

Pedro Henrique de Gusmão Caldas nasceu em 16 de abril de 1962 em Porto Alegre - RS; foi professor de Artes nas cidades de Pelotas, Herval e Pedro Osório. Possui ideologia libertária e é agnóstico. Formou-se em Licenciatura em Educação Artística pela UFPEL. Reside atualmente em São Lourenço do Sul na Rua Júlio de Castilhos 576, no bairro da Barrinha. Quando ocorreu a enxurrada estava em casa dormindo no mesmo endereço citado. Sua função profissional na cidade atualmente é de diretor da rádio comunitária Vida FM, que fica localizada na Avenida Marechal

Floriano Peixoto 2279, no centro da cidade de São Lourenço do Sul. Afirma que após a enxurrada “perdeu um conceito de tranquilidade e sossego para a cidade”. Em noites chuvosas diz que perde o sono e fica de minutos em minutos olhando pela janela para conferir o volume de água na rua e no pátio de sua casa.

Ana Paula Loss Leite nasceu no dia 04 de maio de 1972 na cidade de Erechim – RS; atuou nas cidades de Paranaguá no Paraná, em escolas particulares em Curitiba no Paraná e na cidade de Cristal – RS; trabalhou para o município e estado. De ideologia cristã e religião evangélica, formou-se em Educação Física e se especializou na UFPR – Universidade Federal do Paraná. Atualmente reside na Rua Almirante Tamandaré 362 em São Lourenço do Sul. Atualmente é professora do estado e município na cidade, trabalhando na Escola Estadual Vicenti Di Tolla, e na Escola Estadual Cruzeiro, e na Escola Municipal Marina Vargas. Na enxurrada afirma que perdeu os móveis, o carro, as fotos de família, roupas, tapetes e várias outras coisas que estimava em casa.

Fátima de Jesus Armesto, nasceu em 3 de novembro de 1970 na cidade de São Lourenço do Sul. Sua experiência em educação vem desde 1991. Atuou no município de Camaquã – RS; tanto no estado como no município e na Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto. Trabalha com educação infantil, foi diretora de escola, supervisora e orientadora de EJA - Educação para Jovens e Adultos. Sua religião é a espírita kardecista. Formou-se em Pedagogia na UFPEL – Universidade Federal de Pelotas; em Letras na UFSM – Universidade Federal de Santa Maria; e cursou Pós-Graduação na FURG – Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Reside na Rua Princesa Isabel 818 em São Lourenço do Sul do Sul. Trabalha atualmente na Escola Municipal Armando das Neves que é conhecida na cidade como “escola da pesca” por ter tido projetos em anos passados com universidades e cursos técnicos que fizeram uma parceria com a escola, que é localizada na frente da Lagoa dos Patos, para realizar pesquisas relacionadas à pesca naquele local. Segundo ela perdeu-se com a enxurrada móvel, colchões, roupas de cama, edredom, cobertores, roupas.

Janaína Oliveira Schaun nasceu em 24 de junho de 1978 em São Lourenço do Sul – RS. Iniciou sua vida profissional na Escola Municipal Luiz Antônio de Abreu Moraes, na cidade, trabalhou em escola multisseriada e demais escolas do

município. Atualmente na Escola Municipal Isolina Passos. Sua religião é a umbanda e espírita. Formou-se em Pedagogia pela UCPEL – Universidade Católica de Pelotas e se especializou em Psicopedagogia pela Educar Brasil. Atualmente reside na Rua Santo Antônio 567 no bairro Navegantes. No dia da enxurrada estava nesta mesma residência dormindo e na época era vice-diretora em um turno e professora no outro turno. Atualmente trabalha na Escola Municipal Isolina Passos e afirma que perdeu livros, móveis, roupas, televisão, geladeira, fogão e todos os objetos pessoais.

Nenhum destes professores conseguiu se reerguer e trabalhar nas primeiras semanas. Como algumas escolas não foram atingidas como no caso a Escola Municipal Isolina Passos que fica no bairro Vila Nova Esperança mais para o lado da entrada da cidade, funcionaram perfeitamente. E aquela comunidade não sofreu os efeitos. Mas a professora Janaína que trabalha lá sim. O bairro em que mora foi drasticamente afetado e muito distante de seu lugar de trabalho.

Neste contexto houve escolas, do município e estado, atingidas. Algumas não tanto fisicamente, mas com inúmeros professores e alunos e pais de alunos. O certo é que muitos professores moram longe de seu ambiente de trabalho, em diversos bairros. Portanto, as variações são as seguintes: o professor com escola atingida, o professor com casa atingida e escola também atingida, o professor com moradia atingida e escola não atingida.

A cidade na época possuía 25 instituições entre creches, escolas municipais e estaduais. Destas, muitas na região rural, onde o volume populacional é bastante grande.

As aulas começaram a se restabelecer no dia 21 de março, numa segunda-feira, mas ainda com muitos problemas em diversas delas para um pleno funcionamento. A rede pública que na época contava com 8000 alunos, ainda tinha 250 alunos que não apareceriam nestes primeiros dias devido aos desvios criados nos trechos urbanos e no interior no município. Com a queda de 26 pontes, os trajetos chegavam a aumentar 50 km, segundo dados da secretária de educação. A maior dificuldade era em relação aos transportes. A Escola Municipal Armando das Neves recebeu desabrigados após as águas baixarem e 12 dias após ainda estava limpando e organizando sua estrutura. Sua biblioteca foi completamente perdida.

Das escolas estaduais, a mais atingida foi a Escola Monsenhor Gautsch, que foi completamente arrasada, ficando só a estrutura de paredes de concreto e teve que ser completamente reconstruída. Foi afetada na merenda escolar, computadores, mesas, material administrativo, livros didáticos. Foi apressada na época a abertura de licitação para reestabelecer a escola em menor prazo possível, para que conseguisse voltar suas atividades.

. A entrevista com Fátima Jesus Armesto foi realizada na escola em que a mesma trabalha. A entrevista da Ana Paula Loss Leite foi realizada em sua casa e a entrevista do Pedro Henrique de Gusmão Caldas e da Janaina Schaun foram realizadas na casa do entrevistador. Todos se sentiram bastante tranquilos e prontos a cooperar com a execução do trabalho. Os colaboradores eram conhecidos do entrevistador, portanto não houve sequer nenhuma contrariedade, omissão ou desconforto. Nas entrevistas, o entrevistador ficou sozinho com o colaborador ao longo de toda a coleta. O material coletado ficou armazenado no HD do *notebook* e em cópias reservadas em dois “*pendrives*”.

Nas entrevistas, a letra E será utilizada para identificar o entrevistador e os entrevistados serão identificados por seu próprio nome.

E: O que você lembra da enchente e o que marcou?

Fátima: O que marcou no geral... é que...foram várias coisas, mas uma destas coisas, foi entrar na fila para pedir comida, isso me marcou muito. Porque após ter baixado as águas, nós termos retornado para casa e visto que não era mais possível entrar naquele dia, dentro de casa, porque estava tudo realmente muito virado, não dava para fazer nada, eram cinco horas da tarde e não se tinha nada para comer, nada, nem um pão, nem um grão de arroz, nada. Porque atingiu toda parte dos mantimentos e nós todos né! Todas as pessoas que foram atingidas, nós nos conduzimos até a Igreja Navegantes, onde então era o ponto de apoio e entrar na fila para pedir comida, então aos meus quarenta anos né, sempre trabalhei, desde muito cedo e nunca tinha passado por uma situação assim né, sempre fui muito de trabalhar e através do trabalho até conseguia auxiliar outras pessoas que tinham dificuldades financeiras, mas se ver numa situação de ter que pedir comida porque não, não existia né, então isso era uma coisa comum a todos naquele momento. Mas é uma coisa que te marca, não é?

Ana: [...] mas o que mais me marcou, a única coisa que me fez chorar, foi quase perder a minha filha que ficou pendurada numa grade e eu não conseguia, eu não tinha força pra salvar ela, foi o que mais me marcou, foi a única coisa que me faz triste assim, porque as

coisas materiais eu não me abalei assim, depois dela salva aí tudo foi tranquilo...

Esses dois depoimentos foram marcantes por parte dos entrevistados. Dimensionam o caos, medo e angústias que os professores passavam naquele momento. Também resumem a situação em que se encontravam várias famílias naquele momento.

Quando perguntados sobre o que foi a enchente na vida dos professores, foi evidenciado um misto de aprendizado com fé na visão da maioria. Fatima Armesto diz que não foi um trauma, mas que aprendeu muito com o fato. Embora tenha devastado sua vida, teria sido um momento de repensar, rever valores e indagar-se quanto à importância da vida, qual seu real valor. Ana Paula Leite respondeu que literalmente foi um divisor de águas, que ela já era cristã, mas que o fato ajudou-a a refletir o que realmente importava na vida. Refletiu sobre a importância dos bens materiais, objetos pessoais e o quanto se gasta em supérfluos e para adquirir conforto. O acontecido fez com que ela se aproximasse mais de sua religiosidade e religião, questionando-se a si mesma que Deus queria com ela? Segundo ela uma experiência assim era para que mudasse sua postura. Entendeu que a partir daquele momento, se tornou uma pessoa melhor. Começou a levar a vida muito mais a sério, segundo suas palavras.

Janaina: É! Eu tive prejuízos materiais, não é? Mas com o tempo eu consegui superar, eu acho as dificuldades. Fez-me dar muito valor... Como é que eu vou te dizer, as recordações, como a gente estava falando anteriormente das fotos, das coisas que eram uma vida registrada, eu perdi, das coisas que eu tinha até do meu trabalho também, o acervo que eu tinha de livros, de diários de aula e essa parte assim de dar valor... Eu não... Eu perdi o hábito de guardar as coisas, não tenho mais esse hábito [...].

Quando perguntados sobre o que interferiu a enchente em seu meio de trabalho, os colaboradores responderam de forma bastante pessoal, contudo unânimes ao que se refere a mudanças bruscas no seu dia a dia de trabalho. Fátima Armesto afirma que a escola em que trabalha recebeu várias famílias desabrigadas e que estas demoraram o tempo necessário até poderem retornar aos seus lares. Este fator para ela foi uma “bagunça”, em suas próprias palavras, pois custou a se reorganizar, a escola recebeu um número considerável de famílias e de certa

maneira se tornou difícil trabalhar devido ao espaço físico que é pequeno. Fátima Armesto possui uma sala na referida escola, com jogos e demais materiais e trabalha com crianças especiais. Como a escola estava totalmente aberta à comunidade, as crianças das famílias abrigadas tinham acesso aos armários, fato que levou à perda de muitos materiais. Então, no que diz respeito ao material de trabalho, o que não foi extraviado foi perdido pela enxurrada no meio do barro. O bom disto tudo, segundo ela, é que os flagelados foram agasalhados, foram abrigados. Voltando aos materiais de trabalho, o estado em que se encontrava o que restou, deixou-a em choque. Assim, ela não tinha nem seus objetos pessoais e materiais em sua casa, nem os materiais e a organização profissional. Trabalhava na escola municipal Armando das Neves e esta precisou começar a juntar pedaços para se reconstituir. Para Fátima Armesto todo esse processo foi bastante difícil.

Ana Paula Leite afirmou que vive sozinha com sua filha e esta era pequena na época, possuía várias alergias e sua preocupação era com a saúde da mesma. A professora precisou tirar dez dias de licença, que foram insuficientes, pois sua casa estava com muito barro. A água em sua casa atingiu 2m e Ana perdeu muitos objetos pessoais. Precisava recuperar o possível, então trabalhou em diversas funções, para si mesma, fora seu trabalho como professora. Trabalhou na limpeza, como técnica em aparelhos de sua casa e fez tudo o que podia e até mesmo o que não podia. Afirma que muitas coisas de valor tiveram que ser jogadas fora, sem condições de recuperar. Então, trabalhando sozinha, precisou de outra licença, como não tinha automóvel, precisou andar de bicicleta. Como o clima começou a esfriar, desenvolveu uma infecção respiratória. Segundo ela, nessas andanças de bicicleta de escola em escola, precisava sempre estar ao meio-dia em casa para alimentar a filha. Diz que foram três meses de uma vida muito ruim, difícil e corrida, que emagreceu muito, esteve muito mal de saúde, mas que conseguiu aguentar tudo, embora não tenha sido fácil.

Sobre a pergunta feita, Pedro Henrique Caldas diz que as rádios estavam fora do ar e logo no início da manhã do fato houve falta de luz na cidade. Acredita que toda cidade estava sem luz, por volta das oito horas, oito e meia da manhã é que a CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica) restabeleceu a luz para as regiões não afetadas. Para as demais regiões atingidas, a CEEE manteve as redes

desligadas. Pedro tinha saído de casa para trabalhar justamente quando tomou conhecimento dos fatos. Como seu trabalho atual é de diretor de uma rádio local, Pedro pensava que poderia restabelecer a emissora em que trabalha o mais rápido possível, até mesmo para poder fazer um trabalho de auxílio. Então, dirigiu-se aos lugares da cidade em que as áreas estavam inundadas.

Como a região centro-sul está numa parte mais baixa do que a região central e o que separa elas em altura são poucas quadras, observou na porção mais baixa, na Rua Floriano Peixoto, perto da escola particular dirigida por freiras chamada Estrela do Mar, e viu várias casas quase que totalmente submersas pela água. Assim, Pedro retornou à sua casa e foi nesse exato momento que a energia foi restabelecida no centro da cidade, local onde se situa a rádio em que trabalha

. Acreditando que teria energia na emissora e que poderia ativar a rádio em benefício da comunidade, já que sabia que a outra emissora local estava fora do ar, pois seu transmissor está localizado em uma área mais alagadiça, situada próximo ao camping municipal. Pedro tinha um programa que começava às dez horas da manhã que tinha bom alcance popular, sendo momento oportuno para a rádio prestar seus serviços. Então, dirigiu-se para a rádio, ligou todos os aparelhos e colocou a emissora no ar. Esperou a chegada do apresentador do programa, que acreditava que a emissora não teria condições de funcionar. Como o apresentador chegou logo em seguida, começaram o programa às nove e meia da manhã, já fazendo campanha para a população da cidade que não tinha sido atingida, para conseguir água, roupas, alimentos e colchões.

Janaína Schaun se achou perdida no começo dos acontecimentos, prejudicou seus planejamentos e precisou arrecadar coisas dos colegas.

Com a necessidade de procurar entender a relação dos colaboradores com seu meio de trabalho, foi necessário explorar mais algumas perguntas, que pudessem vir de encontro a um maior esclarecimento dos fatos no que se refere ao seu ambiente de trabalho. Assim, foi formulada a pergunta sobre qual sua ocupação ou função no dia dez de março de dois mil e onze.

Ana Paula Leite diz que era professora de educação física em três escolas, sendo muito corrido. Pedro Henrique Caldas era diretor de programação da Rádio Vida FM. Janaina Schaun era professora em sala de aula de séries iniciais. Fátima

Armesto era professora da sala de recursos de sua escola e também trabalhava com projeto literário e leituras das séries iniciais, do pré ao quarto ano. A Escola Municipal Armando das Neves⁴² é a escola em que a professora Fátima Armesto trabalha e que se encontra em um dos bairros mais atingidos, que é a Barra.

Quando perguntado qual foi sua relação com a escola naquele momento e com os demais colegas que pudessem ter sofrido ou estado em situação parecida, ela responde que muitas pessoas se solidarizavam. Era a realidade daquele momento, quando muitos se preocupavam com o que aconteceu, com os problemas que cada um enfrentava. Foram muitas colegas, muitos professores e uma quantidade enorme de famílias atingidas. A grande maioria de professores, alunos e funcionários da escola foram atingidos. Com suas palavras, afirma que o bairro foi “pego de cheio” e existia uma preocupação muito grande com a escola por parte da direção em amparar esses professores, estar presente, ir às casas das vítimas, saber o que estavam precisando, se havia alguma coisa que pudessem ajudar. Recebemos ajuda de todas as formas, não só no material, mas colegas que vinham e batiam na porta e diziam: “- Olha, lá em casa eu já consegui restituir a máquina de

42

Armando Rodrigues das Neves, conhecido professor Armando das Neves nasceu em onze de dezembro de mil novecentos e treze, filho de imigrantes portugueses. Viveu sua infância com seus pais mais três irmãos. Aos nove anos de idade sofreu um acidente em um bonde tendo como consequência seu braço esquerdo amputado. Iniciou seus estudos com onze anos. Com dezoito anos cursou contabilidade da Escola Superior de Comércio. Por ser aluno exemplar, estando sempre entre os primeiros da classe surgiu a oportunidade de trabalhar no Banco do Brasil em Pelotas. Quando o gerente do banco descobriu que ele não tinha um braço desistiu de empregá-lo. Assim tentou trabalho na capital do estado. No ano de mil novecentos e trinta e três já como professor chegava a São Lourenço do Sul e começou a trabalhar no Colégio São Lourenço, escola particular que atendia vários adiantamentos em uma mesma sala de aula. Em mil novecentos e trinta e seis casou com Lucy Silveira do Amaral com quem teve duas filhas. Conheceram-se em um passeio pela praia, estiveram casados por seis anos quando ela faleceu em decorrência de um parto. Sete anos depois, no ano de mil novecentos e quarenta e nove, casou com Paula Prietsch Hammes com quem teve oito filhos. Em mil novecentos e sessenta e três se aposentou por tempo de serviço. A primeira homenagem que recebeu foi quando há muitos anos deram seu nome a escola no Passo dos Baios. Quando esta foi fechada, outra foi ativada recebendo o nome de Escola Municipal Armando das Neves, também era conhecida como escola de pesca, localizada na Barra, ao lado do asilo municipal e de frente à Lagoa onde se localiza um trapiche. Foi também cantor de coral onde diziam ter uma bela voz, criou times de futebol na cidade, trabalhou no setor administrativo da farmácia do Hospital São João da Reserva em mil novecentos e setenta e dois trabalhou na Associação Comercial como secretário-executivo até o ano de mil novecentos e setenta e nove. Faleceu no dia sete de março de mil novecentos e oitenta e cinco aos setenta e dois anos de idade, em consequência de um acidente de trânsito na BR 116. (HAMMES, Edilberto Luiz. **São Lourenço do Sul: radiografia de um município – das origens ao ano 2000**. V.2. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010. P. 262, 263).

lavar, tu queres que eu lave alguma roupa para ti? ” Com isso, Fátima Armesto diz que não encontrava a solidariedade só no material, mas no trabalho também. A escola como um todo teve preocupação em saber como todos os professores estavam isso a direção daquela época. Ela afirma também que a direção chegava a questionar se o professor já estava organizado em casa, se precisava de mais um dia, se precisava de mais uma semana. Quanto tempo precisaria para restituir sua vida pessoal, para somente depois voltar a trabalhar. Então Fátima Armesto diz que sua escola teve um cuidado mais direto com os professores.

Aproveitou-se a oportunidade da entrevista e neste momento perguntou-se sobre o período em que a Escola Armando das Neves esteve sem aulas. A professora Fátima Armesto comentou então, que foram pouco mais de duas semanas, que ela não se recordava bem, mas que acreditava que foi necessário este período de pouco mais de duas semanas para que a escola pudesse abrir suas portas completamente aos alunos e assim ter condições de recomeçar do zero suas atividades.

Quando perguntamos sobre a relação entre os que foram afetados e os que não foram atingidos pela enxurrada, a professora Ana Paula Leite expressa a seguinte resposta:

Ana Paula Leite: Não, nenhuma. E eu senti assim uma indiferença do pessoal [...] que não foi afetado com o pessoal que foi... é, uma indiferença às vezes de uma diretora. Eu nem lamentei nem um minuto da enchente... porque pra mim foi até uma sacudida, mas a vida estava muito difícil e a gente via as pessoas comentando. Porque a gente ficou com trauma? Eu agora tenho uma casa com dois andares. Reconstruí-la foi até uma exigência de minha filha porque a gente não dormia. Até hoje é assim. A gente tem muito trauma de água, pelo que a gente chegou perto de ter uma perda muito grande. Então ninguém nos entendia. Logo depois a gente não dormia nunca, eu e a Gabriela. Diziam que era exagero e nossa parte, a gente sofreu muito desta forma.

Perguntado sobre a rádio, a única emissora e veículo de comunicação que estava em funcionamento naquele dia, Pedro Henrique Caldas responde que o funcionamento da rádio naqueles primeiros momentos de caos foi de suma importância, por diferentes fatores. Comenta que o comando da Defesa Civil ficou a cento e cinquenta metros da emissora onde está situada a Praça central Dedé

Serpa. Isso facilitou muito à logística e agilidade das informações. A Rádio fazia contatos seguidos com a Defesa Civil anotando para divulgar os procedimentos que a mesma emitia à população naquele momento.

Pedro afirma que os principais procedimentos eram de ter cuidado com ligações elétricas, não beber água do encanamento, só beber água fervida, não sair para caminhar dentro d'água sem proteção nos pés, não deveriam entrar na água quem tivesse alguma espécie de ferimento para não ser contaminado com diferentes bactérias ou vírus, como a Leptospirose e diversos outros procedimentos que começaram a ser vinculados na emissora. Pedro destaca outro momento de importância da emissora estar em funcionamento quando um ouvinte, perto do meio-dia do dia dez, ligou para a rádio avisando que havia pessoas ilhadas, seriam moradores do Passo dos Baios. Lá havia uma população expressiva que necessitava de socorro, pois a ponte tinha caído e o acesso pela BR 116 estava interrompido. O ouvinte afirmava que estavam sem luz, sem água, com extremas dificuldades de locomoção e com várias pessoas doentes que precisariam de atendimento médico e hospitalar. Alguns se encontravam em um nível bastante alto de estresse.

Pedro afirma que a pessoa que ligou de um aparelho celular estava bastante apavorada e que estava em outra região também sem água, sem luz e com várias casas inundadas, portanto também estavam sem comida. Pedro lembra que saiu correndo da emissora e foi imediatamente ao comando da Defesa Civil repassar as informações que recebera por telefone. A resposta da Defesa Civil foi quase que imediata, pois em vinte minutos ou meia hora destacaram um helicóptero para ir ao Passo dos Baios levando água, mantimentos e na volta trouxeram para o hospital uma senhora que estava passando muito mal.

Esta função toda foi graças à comunicação da rádio com a Defesa Civil. A emissora continuou por mais um dia ainda realizando esse trabalho de auxílio aos flagelados. A outra emissora local levou quarenta e oito horas para retomar suas atividades. Segundo Pedro, fizeram então este trabalho de solidariedade, uma campanha de alerta para as pessoas para terem cuidado, como deveriam proceder. Aproveitando a oportunidade e percebendo-se a relação de importância que a rádio teria com a sociedade lourenciana foi perguntado se existiu alguma relação desta

emissora com as escolas atingidas pela enxurrada. Pedro Henrique Caldas esclareceu que todo o trauma que afligiu os lourencianos retardou o começo das aulas, que seria na segunda-feira, dia catorze de março de dois mil e onze e só puderam iniciar duas semanas depois. Foi então que segundo Pedro surgiu a ideia de alguém na rádio, de fazer uma campanha de material escolar para as crianças estudantes flagelados nas escolas do município.

Era sabido que com o início das aulas, uma boa parte dos alunos menos favorecidos e moradores das áreas atingidas não teriam nada para ir à escola. De acordo com Pedro, faltava roupa, calçado, com certeza faltaria caderno, lápis e caneta. Era uma situação difícil que enfrentavam. Os atingidos não tinham quase nada, pois haviam perdido tudo de dentro de casa. Então, a emissora fez a campanha para coletar material escolar, onde recebeu doação em dinheiro de várias pessoas do município, além dos próprios integrantes da rádio. Sendo assim, conseguiu com um dos apoiadores da rádio, um patrocinador que era uma papelaria, o material a preço de custo em um quite de material escolar que era constituído por pasta plástica com elástico, caderno, lápis de cor, caneta, lápis preto, borracha e régua. Conseguiram uma doação para em média trezentos quites, onde a rádio fez a distribuição aos flagelados em torno do Rio São Lourenço.

Foi perguntado aos entrevistados o que as escolas fizeram para suprir a perda de materiais e se houve algum movimento para isso, além de alguma sensibilidade da comunidade em auxiliar.

Fátima Armesto disse que a escola em que trabalhava foi bastante atingida no refeitório, cozinha, biblioteca, banheiros e na parte administrativa da secretaria e direção, mas que quase não foram atingidas salas de aula, com algumas exceções. No refeitório, não havia o que se perdesse de relevância em termos físicos, então as perdas foram exatamente os alimentos, sendo que a prefeitura municipal fez reposição. Quanto à parte de livros, a biblioteca, como a água entrou em um nível baixo, se perderam os livros das prateleiras mais baixas das estantes, como os didáticos, sendo que estes normalmente o próprio MEC repõe todos os anos. Fátima diz que a parte da direção e secretaria onde se perderam vários documentos, os mais atingidos foram os documentos históricos da escola, onde havia uma parte bastante acentuada de históricos escolares, pastas com registros fotográficos,

registros da escola em jornais. Segundo ela, essas eram as principais perdas, a parte de material artístico da escola também foi muito atingida. Foram coisas muito pontuais. Fora os documentos históricos, que estes sim, foram completamente destruídos. Vários itens, a mantenedora repôs em mais ou menos tempo, então a grande parte de perdas que tiveram foi recomposta. A parte de materiais e jogos que havia dentro das salas de aula e que se perderam quando estas foram ocupadas pelas famílias dos flagelados, procurou-se de todas as formas restituí-los, sendo substituído tudo dentro do próprio orçamento que a escola possui. Não houve assim um movimento maior e de campanha para o restabelecimento da escola. Até porque a estrutura estava visível e eram coisas que poderiam ser recompostas. De acordo com Fatima Armesto, se houvesse comparação entre o que se perdeu na escola e o que se perdeu em termos de objetos pessoais, móveis e utensílios das famílias flageladas, estas perderam infinitamente mais do que a escola.

A escola Armando das Neves, em que a professora Fátima Armesto está lotada possui uma realidade social bastante específica. Sobre a escola ela afirma:

Fátima: É uma comunidade sempre muito pobre, então a gente tem dentro da escola alunos matriculados que normalmente a grande parcela de pais estão desempregados. Ou são pais pescadores, dependendo da pesca artesanal. Então a gente sabe que essa profissão é muito difícil e ultimamente está mais difícil ainda, pois a lagoa já não é a mesma. Ela não dá tanto peixe como antes, então nós temos na escola uma clientela de famílias que dependem muitas vezes do bolsa família, do bolsa escola, de todos esses atributos que o governo dá. A grande parcela, a grande maioria depende disso. Contudo temos também pais que trabalham como funcionários públicos, pessoas que estão estabilizadas. Que têm a sua casa própria e conseguem manter uma vida estabilizada, mas a grande maioria é de uma parcela bem, mas bem pobre.

Outra escola muito atingida pela enchente em São Lourenço do Sul foi a Escola Estadual Monsenhor Gautsch⁴³. A colaboradora Janaína Schaun descreve

⁴³ O padre Augusto Gautsch chegou ao município de São Lourenço do Sul no ano de mil novecentos e dois e ficou até o ano de mil novecentos e trinta e quatro. Nascido na Alemanha em dez de abril de mil oitocentos e setenta veio para o Brasil aos trinta e dois anos de idade para a cidade de Porto Alegre nos primeiros anos do século XX, após um curto período veio para a colônia São João da Reserva onde desenvolveu um trabalho notarial. Em mil novecentos e três construiu uma escola, uma casa paroquial e fundou a Aliança Católica com a finalidade de promover a literatura, o teatro e a música. Teve a responsabilidade de dar assistência religiosa aos católicos de toda a região. Foi o primeiro pároco do município. Augusto Gautsch era extremamente atuante e muito bem querido,

como ficou a situação desta escola após o ocorrido. A escola foi completamente tomada pelas águas o que ocasionou a transferência de alunos e professores para outra escola na região central da cidade. A partir de então, essas duas escolas começaram a trabalhar de forma independente no mesmo espaço físico. A Escola Monsenhor Gautsch só teve suas atividades restabelecidas após ser totalmente reformada e reestruturada alguns meses depois.

Janaina Schaun: [...] meu filho era aluno do Gautsch. O Gautsch teve toda aquela função, ele teve que estudar lá na Escola Estadual Padre José Herbst um tempo... E isso aí foi uma coisa que mudou não é?! Porque com a função dele ter que ir pro Padre José... Eu não tenho carro e é difícil para mim, porque trabalho lá no bairro Nova Esperança. Então o troquei para a Escola Municipal Marina Vargas. Que daí ele poderia se locomover de transporte escolar, não é?! E eu não ia ficar preocupada. Naquela época, logo no início que ele começou estudar na escola Padre José, não havia transporte.

Foi perguntado aos colaboradores acerca do fator psicológico, em relação a quanto influenciou a eles naquele momento. Em resposta, Fátima Armesto afirma que foram duas semanas ou mais que ela não conseguia se recordar no momento e que o tempo foi bastante difícil até abrir as portas da escola para os alunos. Já Ana Paula Leite diz que o fator psicológico afetou muito a ela e principalmente sua filha. Que hoje em dia confia em Deus e isto dá a ela uma espécie de “vento forte”, em suas próprias palavras, uma “tempestade”. Diz ter hoje uma tranquilidade maior. Mas antes de morar em uma casa de dois andares era uma tensão muito grande dormir em noites de chuva. Ela e sua filha não gostam de chuva até hoje. Nos primeiros dias após o ocorrido e por semanas, não dormiam. Hoje, o que a tranquiliza é o segundo andar da casa. Afirma com convicção que nunca mais ela e a filha foram iguais, mas diz que tem um lado bom nisso tudo. Pedro Henrique Caldas diz que sim, o fator psicológico afetou não só no impacto de ver uma parte da cidade

tornou-se um cidadão brasileiro de coração a ponto de morrer e ser sepultado em solo brasileiro. Faleceu no dia dez de abril de mil novecentos e trinta e oito após uma cruel enfermidade aos sessenta e oito anos de idade. Seus restos mortais encontram-se numa cripta na igreja Matriz de São Lourenço do Sul. A escola Monsenhor Gautsch está situada no bairro Navegantes. Depois de funcionar como uma pequena escola, membros da antiga Irmandade de Navegantes, juntamente com o padre Augusto Gaustch, no ano de mil novecentos e trinta e quatro a mil novecentos e trinta e oito, funcionou com uma professora, numa casa que depois se tornaria armazém. Com o passar do tempo à escola passou a ter ajuda do município que contratou outras professoras. Antigamente era conhecido como Colégio da Barra. (HAMMES, Edilberto Luiz. **São Lourenço do Sul:** radiografia de um município – das origens ao ano 2000. V.2. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010.p. 67-68, p. 263).

destruída, mas de ir aos locais mais atingidos, verificar a vida daquelas pessoas. Comenta que a rádio fez uma fotografia dos pontos atingidos para poder divulgar na internet, para sensibilizar outros lugares e que estes tomassem conhecimento da grave realidade de São Lourenço do Sul. Para que as pessoas tivessem uma visão e se sensibilizassem, que pudessem ajudar. Então foi feita muita fotografia. Pedro viu cenas dramáticas que não teria como não o deixar abalado. Observaram crianças chorando por perderem tudo, muitos perderam o esforço de trabalho de uma vida sofrida. Lógico, de acordo com ele, abalou o fato de saber das pessoas que faleceram. Janaina Schaun diz que o fator psicológico afetou, mas que é uma pessoa muito positiva e sempre tenta ver os problemas com positividade.

Ainda com a intenção de explorar este campo psicológico dos colaboradores naquele momento as perguntas avançaram um pouco mais neta questão. Então, foi estabelecido um direcionamento dos questionamentos desse fator para o meio de trabalho. As respostas obtidas foram as seguintes:

Fátima Armesto: No primeiro momento sim. Basicamente em termos de trabalho sim. Os alunos, a grande parte deles sentiu que foi bem difícil retomar as atividades. Em função disso, alguns deles que já tinham sido tratados com atendimento no CAPS – SACI. A gente pediu reforço eles. Porque às vezes eles têm um atendimento de psicologia, e depois passam para uma psicopedagoga, dependendo do trabalho, eles permanecem com a psicopedagoga. Então para alguns a gente pediu que a psicóloga voltasse e que pudesse fornecer um atendimento mais reforçado. Basicamente isso. E da minha parte na família não houve nenhum drama. Nenhum. Não fomos afetados psicologicamente de uma forma tão drástica! Alguns professores, sim, ficaram bem perturbados no primeiro momento! Uns pediram um tempo a mais.

Ana Paula Leite: Afetou! Nossa, afetou muito! Ficamos mais de dois anos com medo de chuva, com medo de qualquer coisinha. A gente abria a janela e ninguém dormia, até o outro dia ter que ir trabalhar. Durante muito tempo sem dormir assim e até agora, quando chove, minha filha chama: – Mãe, mãe, mãe.... Então eu ponho umas coisas no ouvido dela.

Pedro Henrique Caldas diz que tinha vários colegas da emissora que foram atingidos, que foram vítimas. Por isso fizeram uma coleta, em suas palavras, juntaram uma série de quites de alimentos que levaram para várias pessoas. Relata ser uma coisa pessoal dele para umas quatro famílias de amigos. O quite básico,

continha arroz, feijão, café, açúcar, massa, biscoito que era para poderem ir “levando a vida” nesse começo. Na entrevista, disse que um dos amigos que recebeu o quite de alimentos ficou muito feliz, mas que iria pedir mais uma coisa, que lhe chamou a atenção para compreender a situação geral enfrentada por todos naquele momento. O amigo pediu para ele duas cadeiras de praia, para que ele e sua esposa pudessem sentar, porque todos os móveis tinham sido atingidos, estavam tapados de barro e tiveram que ser jogados fora e eles não tinham onde sentar. Pedro diz que após este pedido foi direto à sua residência e pegou duas cadeiras e levando-as para o amigo.

O entrevistado acredita que esse depoimento e essa dificuldade que o amigo enfrentava demonstrava o teor de dramaticidade daquele momento. Uma coisa simples que as pessoas fazem diariamente e só conseguem dar valor para um ato corriqueiro quando existe a ausência. Concorda ele que era um verdadeiro caos.

Outro depoimento que o colaborador Pedro destaca foi em uma casa em que a água ultrapassou dois metros e trinta de altura, onde morava uma família de amigos seus e que ao chegar nesta casa à moradora estava na porta de entrada e agradeceu o quite de alimentos e também pediu ao seu “pé de ouvido” se ele não conseguiria para ela duas calcinhas, porque toda a roupa que tinha estava enlameada de barro, não havia água, a máquina de lavar roupas estava completamente estragada e tudo de dentro de casa tinha caído de seus lugares, como o guarda-roupa, cristaleira, armários, tudo envolvido em lama. Levaria dias até conseguir voltar à água e ver se conseguiria lavar alguma coisa, que pudesse ser aproveitada.

Em outro momento da entrevista, foram questionados quais aspectos relevantes teria a comunidade lourenciana dificuldades naqueles primeiros dias e nas primeiras semanas subsequentes. Sobre este ponto os colaboradores ressaltaram o seguinte:

Fátima Armesto diz que houve dois momentos. O primeiro foi aquele em que as pessoas que foram atingidas eram totalmente solidárias umas com as outras. Então, segundo ela, quem foi atingido entendia a situação e foram extremamente solidárias com o outro que também tinha sido atingido. De acordo com ela, havia uma identificação entre ambos. O segundo momento que Fátima destaca é que

grande parte das pessoas que não foram atingidas se aproveitaram da ocasião para receber alimentos, material de limpeza e roupas. Ela lembra que passou seis dias fora de sua casa e que no sétimo dia ao retornar a ela, ganhou um colchão e deu graças a Deus por voltar a dormir em seu lar. Lembra também que dormiu muito pouco porque o barulho na rua à noite era muito intenso. As pessoas não conseguiam dormir e trabalhavam arduamente. Assim, tiravam objetos de todos os tamanhos de suas casas e amontoavam na frente ou nas esquinas.

Uma parte interessante da pesquisa é o próximo fato que a professora Fátima Armesto assim descreveu: durante a noite, várias pessoas vinham de outros bairros e passavam a noite inteira vasculhando o lixo, selecionando o que podia carregar, discutindo o que poderia ou não ser aproveitado. Muitas vezes, chegavam a brigar pelo lixo que os atingidos pela enchente tinham colocado fora. Em suas palavras era o “comércio do lixo”.

Então para ela houve vários momentos: houve um público solidário, fraterno que se identificava com as pessoas atingidas. Comenta que várias peças de roupa de sua casa não foram lavadas por ela e sim por amigos, pessoas que não foram atingidas, que iam até sua residência e se ofereciam para lavar. Então, existia sim uma solidariedade entre alguns que não foram atingidos. Mas existia um percentual muito grande de pessoas que se aproveitavam da situação para cobrar água em um preço exorbitante, gasolina, frutas. Tudo o que se necessitava num primeiro momento. Para ela, existiam usurpadores que se aproveitavam do caos.

Ainda afirma que houve duas instâncias, dois públicos que interagem, mas acredita que no geral, no somatório de todos os fatores, grande parte da população lourenciana foi solidária com o acontecimento.

Ana Paula Leite diz que por um lado, para ela foi uma benção, pois vivia só pelas escolas. Trabalhava em três delas e não havia tempo para viver outra coisa. Diz que começou a conhecer melhor seus vizinhos e que eu exemplo antigo de viver em cidades grandes, como São Paulo e Curitiba que a tornara muito individualista. Diz que em cidade grande não se conhece os vizinhos e após a enchente começou a vivenciar, a perceber e a dar valor a pequenas coisas e às pessoas. Seu pai veio de Pelotas, fazendo um desvio de três horas na época e, para ele também foi muito gratificante. Ana diz que trocava produtos de necessidade básica com seus vizinhos.

O pai trouxe muita água e ela ganhou muita água então, passava um pouco para os vizinhos e em troca eles davam frutas. Conta que existia um senhor bem pobre morador próximo (ela nem sabia que ele morava ali), sua família veio ajudá-lo e acabaram ficando amigos, um ajudando o outro.

Janaina Schaun diz ter observado várias coisas erradas. Uma vez foi buscar provisões que davam às pessoas que haviam sofrido a enchente e observou que havia várias pessoas de outros bairros, não afetados, conhecidos dela por meio do trabalho e que estavam na fila dos que necessitavam daqueles mantimentos.

Também comenta que ficava limpando sua casa e várias pessoas ficavam olhando, pessoas da cidade que não haviam passado por aquilo, passeavam de carro, curiosos com tudo e com o que cada um estava fazendo naquela hora. Era um momento sofrido, segundo ela, cada coisa incomodava. Diz que se sentia impotente e apequenada porque tinha perdido tudo, tinha perdido uma vida que havia construído e algumas pessoas passavam olhando. Para ela incomodava também o volume de pessoas que ficavam em frente a sua casa e de outras casas, brigando e querendo pegar coisas que se jogavam fora. O problema era que muitas das coisas que se colocava às vezes, na frente das casas era para tentar aproveitar, limpar.

De acordo com ela, tinha que ficar cuidando, sempre alguém presente, porque senão levavam suas coisas. Teve um menino, um adolescente que levou algumas coisas dela sem que visse. Na entrevista ela diz que o ex-marido a ajudou a limpar e a arrumar seus televisores, ela não sabe o que ele fez, mas tudo funcionou direitinho. O que ela viu é que ele deixou os televisores secando e passou um produto. Diz também, não ser uma pessoa de pedir muito ajuda e isso ela aprendeu também. Que ela era uma pessoa autossuficiente e independente para fazer as coisas. Sempre realizou tudo sozinha, sem precisar da ajuda de ninguém, mas naquele momento se sentiu frágil. Não conseguia dar um passo sem alguém a incentivar, precisava que houvesse alguém ao seu lado, precisou de várias pessoas. Para ela foi uma lição de vida.

Como as entrevistas foram coletadas em maio de 2014, a pergunta seguinte é referente aos três anos pós-enxurrada, relacionada há como está a vida dos colaboradores passado esse tempo do desastre ambiental.

Em resposta, Fátima Armesto afirma que está muito bem, com os projetos de sempre, com sonhos e novos projetos a realizar. Para ela quem não sonha não precisa mais viver. É preciso dar continuidade à vida. Ela diz que escreve, já está projetando seu terceiro livro que será baseado em fatos reais, que se chamará “Vestígios” e que vai seguir a linha dos romances. Que a tendência deste livro que ela está projetando será de contos de amor, que serão contos verídicos, sendo que está já na metade do projeto. Desse modo, afirma que vai indo muito bem. Quanto à escola Armando das Neves, aponta que materialmente está muito bem.

Quanto à atual situação da Escola, a professora Fátima respondeu da seguinte forma: materialmente a escola está muito bem, a merenda é de boa qualidade e ofertada diariamente. Diz que a escola já tem o Projeto Mais Educação, em que as crianças que estudam em um turno vêm para a escola em turno inverso, tomam café, fazem atividades extraescolares e almoçam. No final da manhã, vão embora, o mesmo ocorrendo com o pessoal que vai a tarde. Os alimentos ofertados são de boa qualidade e fartos. Com pão, bolacha, legumes, frutas e também carne. Muitas vezes a gente sabe que esse alimento não é oferecido na casa deles, devido ao alto custo de mercado hoje.

Fátima diz trabalhar na sala de recursos onde tem chegado muito material do MEC para a escola. Isso, de acordo com ela, é uma questão Federal, na parte do município sempre que possível, as meninas estão encaminhando materiais. No dia em que a professora Fátima foi entrevistada ela comentou que teve um problema sério de cadeiras, que estavam se deteriorando, quebradas e naquele dia receberam novas cadeiras. Afirma também que a escola recebe uma verba, a qual ela mesma administra.

Segundo suas palavras “faz das tripas coração para dar”, para conseguir manter o material. Então civicamente ela acredita não faltar material, nem em termos de pessoal. Onde ela acredita que parte destes problemas, é uma coisa bem comum na maioria das escolas. Contudo acredita que embora existam alguns problemas, por um lado normal, eles podem ser contornados, cita então que houve problemas na contratação de professores. Que na época da entrevista enfrentou um problema de uma professora que necessitou fazer uma cirurgia de emergência e a escola tinha que substituí-la. Então na parte de pessoal, sempre tem uma coisa e outra

para ser resolvida. Diz que sempre existe algo a ser contornado pela escola que se desdobra na parte geral. Na parte pedagógica, é uma escola que corre muito atrás do conhecimento, porque os alunos têm um problema muito grande de defasagem escolar. Segundo ela a escola possui na sala de recursos na época, em torno de quinze matriculados. Fátima trabalhava na sala de recursos com crianças que tinham deficiência mental leve, grave, média, muitas síndromes.

Em suas palavras eram crianças que tem dificuldade extrema de aprendizagem, então existia, na época, um grande número de alunos e a todo o momento chegavam pedidos de novos para que fizessem parte da sala de recursos. Assim Fátima percebia que na maioria dos alunos existia uma pouca vontade de estudar, muito pouca vontade de estudar, então na vida deles havia coisas mais interessantes como a *internet*, o celular, *vídeo game*, *Skate*. Tudo isso para os alunos é mais interessante do que uma aula “normal” de sala de aula.

Dado as devidas proporções, um elevado número de auxílio de diversos lugares e cidades, além de grupos particulares, entidades e ONG's, a cidade recebeu inúmeros materiais básicos necessários ao momento e quites de primeiros socorros. Nesse contexto, é preciso evidenciar que partiu da intervenção do poder Executivo e Legislativo, Estadual e também por parte do governo Federal promessas de crédito e microcrédito para os flagelados nas redes bancárias locais. Muitas destas ficaram somente na promessa. Quanto ao governo municipal, este permitiu o adiantamento do décimo terceiro salário, assim como concedeu licença prêmio referente a um mês de trabalho que porventura alguns dos seus funcionários tivessem para tirar. Seguindo este contexto foi perguntado aos colaboradores se o governo de uma forma geral auxiliou a comunidade atingida.

Fátima Armesto afirma que existem várias opiniões sobre este assunto. Num primeiro momento ela acredita que poderia existir um maior envolvimento dos governos na questão. Diz que o funcionalismo público municipal, assim como os trabalhadores de uma forma geral, não possui o hábito de procurar a municipalidade. Para ela, quem busca os recursos e auxílios do governo municipal não são os trabalhadores. De acordo com ela, os trabalhadores que pagam impostos são os que menos recebem benefícios. De certo ponto, ela acredita que a municipalidade apoiou, assim como o poder estadual. Contudo, poderiam ter existido muito mais

avanços para que os trabalhadores flagelados inclusive pudessem voltar ao seu trabalho de forma mais rápida. Ela destaca que algumas pessoas receberam muitos benefícios e outras, quase nenhum. Cita por exemplo, no Bairro da Lomba, em que pessoas perderam sua casa e receberam um auxílio “aluguel” para ficarem em casas alugadas. Diz que este processo foi muito demorado, as articulações para estes auxílios, tudo muito burocrático, precisava se provar por “a mais b” ou até “300 vezes” que uma pessoa necessitava de um determinado auxílio, enquanto outras por um “passe de mágica” recebiam este mesmo auxílio com certa rapidez.

Ana Paula Leite: Eu me admirei com pessoas que eu nunca vi. Nem sei se eram da cidade, paravam o carro, a gente virou meio que um.... Eu lembro que as pessoas passavam muitos curiosos e eu lá na frente, sentada, limpando tudo. Tudo estava sujo, limpava com mangueira. Eu me sentia um circo! Eu me senti assim, uma aberração! Inclusive quando a gente saiu, ficamos dez horas em cima de uma casa. Quando vieram nos resgatar tiraram primeiro os mais velhos e quando saímos passamos de barco por volta das dez horas quando ainda estava tudo alagado. Eu lembro que todos nos olhavam, onde passávamos com aquele barco éramos a atenção. Eu me senti muito mal! Lembro que escondi meu rosto e aí chorei.... Pela primeira vez eu tinha chorado, porque fiquei com vergonha daquela situação. “Daí caiu a ficha”! Depois só fiquei pensando, puxa onde é que eu vou dormir? Onde será que eu vou ficar? Porque não tinha para onde ir. Eu não tinha ninguém naquele momento. Meu pai não morava aqui, não morava ninguém aqui. Mas teve um lado bom, muitas pessoas que não nos conheciam (ela e sua filha) vinham nos dar chocolate. A prefeitura que mobilizou inúmeros caminhões, ajudaram com coisas de limpeza. A igreja que eu pertencia, juntamente com outra igreja disponibilizaram produtos de limpeza para nós, a igreja nos ajudou muito com água potável, material de limpeza, pasta de dente. Eu olhava para a rua, para minha casa e parecia uma guerra, todo mundo jogava fora os objetos pessoais e de suas casas, era muito triste. O lado bom é que tivemos ajuda.

Janaina Schaun diz que a ela nenhum governo ajudou. Ficou muito magoada, pois segundo ela, precisava de ajuda. O pouco que recebeu foi em material de limpeza. Uma vez que entrou em uma fila de flagelados, no Clube São Lourenço, pegou alimentação também. Ela afirma saber que outras pessoas receberam até verba. Ela não sabe dizer se teria direito como professora. Ouviu comentários de que estariam dando geladeiras. Ela queria uma das que estavam dando. Acabou não conseguindo. Como não tinha nada dentro de casa, teve que comprar tudo. Diz

que para ganhar a geladeira ela deveria ter um cadastro, um auxílio igual a quem tem bolsa família.

Pedro Henrique Caldas: Sim. Todos os governos auxiliaram. Inclusive na manhã que eu saí a caminhar, logo que estourou a enxurrada, às nove e meia da manhã, a primeira personalidade de governo que encontrei que estava em São Lourenço, foi o Vice-governador do estado⁴⁴. Este já tinha sido prefeito de São Lourenço, o Beto Grill. Encontrei-o numa esquina, ele vinha acompanhando tudo o que vinha acontecendo. Estava telefonando para a Defesa Civil do Estado e junto a ele estavam seus assessores. Queria mais bombeiros na cidade. Realmente, após sua ligação apareceram vários helicópteros na cidade, unidades de bombeiros, ambulâncias, barcos, enfim...

Encaminhando para finalizar a entrevista com os colaboradores, foi perguntado se a enxurrada poderia ser de alguma forma evitada. As respostas foram as seguintes:

Fátima Armesto argumenta que não tem base técnica para falar sobre, entretanto comenta que algumas pessoas acreditam que se houvesse a possibilidade de ser feito uma obra⁴⁵ e ter melhorado o saneamento básico, possuir até uma barragem ou um cuidado maior com o rio São Lourenço, talvez não tivesse a proporção que teve, mas segundo ele retorna a repetir não teria condições de afirmar isso. Acredita que foi um grande acidente natural. Ele cita uma casa que foi atravessada ao meio pela força as águas. Os moradores, segundo ela, afirmavam que a água veio em forma de bola gigante. É uma casa localizada na BR, perto da ponte. Segundo ela passou pelo lugar e só enxergou metade da casa de pé, a outra metade estava completamente destruída.

⁴⁴ Esclarece-se que a proximidade deste colaborador com o vice do poder executivo do estado se dá pelo fato de que este colaborador trabalhou como assessor quando este era prefeito na cidade de São Lourenço do Sul.

⁴⁵ Refere-se a possível construção do canal extravasor.



Figura 29: Bola de água atinge residência por Globo
<http://g1.globo.com>

Então reafirma que só poderia ser um grande acidente natural e que o homem não tem a capacidade de manipular a natureza, como ele acha que tem. Acredita que com a natureza não se brinca.

Ana Paula Leite diz que não é da região, para ela aquilo não estava acontecendo, foi à última a sair de dentro de casa, que tentavam chamá-la e ela não acreditava. Num primeiro momento achou que era algum ladrão, pelos gritos. Diz que não conhecia a geografia local, pois não era da cidade.

Pedro Henrique Caldas acreditava não ter como evitar que a natureza causasse aquele impacto.

Janaina Schaun diz que escutou muita coisa, mas não saberia dizer. Depois de tudo que aconteceu ela ficou sabendo que passou um carro de som nas ruas avisando para as pessoas saírem de casa. Contudo, ela não escutou, possui sono pesado, não tem como afirmar se houve culpado ou não, mas escutou que os governantes já sabiam o que iria ocorrer com antecedência, que as pessoas

poderiam ter sido avisadas. Se ela tivesse sido avisada antecipadamente e soubesse das proporções do que viria diz que teria agido de outra forma. Confirma que conversou com pessoas de sua rua, a maioria pescadora acostumados com o arroio e com enchentes de pequenas proporções e nem eles podiam acreditar no que aconteceu. Ela diz que não poderia afirmar que iria acreditar se a tivessem avisado antecipadamente de como e quais seriam as proporções de violência da água. Talvez não acreditasse até, não tirasse as coisas de dentro de casa. Porque as pessoas são muito acomodadas. Afirma que não acreditava que viria uma enchente tão grande, com uma proporção enorme.

Na última questão da entrevista com os colaboradores foi feita uma pergunta direta, se haveria algum responsável, culpados ou responsáveis. O que foi respondido da seguinte forma:

Fátima Armesto afirma que não, culpados de nenhuma forma. Já Ana Paula Leite comenta uma cena logo após a enxurrada em que ficou traumatizada. Ela afirma que trabalhava nas três escolas e que comentou com uma colega algo a respeito e esta colega a falou mal severamente. Ela diz que uma amiga de Porto Alegre, passou pela enchente e quase morreu também, mas morava sozinha. Ela afirmou para Ana Paula que estaria vindo outra enchente, que ela teria ouvido o vizinho falar. Então Ana Paula conta que pegou o carro e saiu correndo. Juntou a filha e os animais que podia, e foram ver o que estava acontecendo de fato. Não iria dormir aquela noite, mesmo tendo que acordar às seis e meia da manhã para trabalhar. Em pânico, reafirmou que não iria dormir de novo.

Foi até a polícia, eles confirmaram que tinha esse boato, mas tecnicamente não tinha nada confirmado. Ana Paula então, naquele momento trajando roupas de dormir, se dirigiu até a polícia rodoviária. O policial disse que se tivesse alguma informação a avisaria. Ana Paula ainda em desespero foi na casa do prefeito, diz que iria tirar satisfações. Afirma que parecia estar com sérias situações mentais, mas estava com muito medo, não iria dormir correndo risco novamente, pois estava morando em uma área de risco. Lembra que falou com a esposa do prefeito na época.

Segundo ela, o prefeito e a esposa eram pais de um aluno dela na escola municipal Marina Vargas. Então relatou o medo que tinha que era sozinha com sua

filha e a esposa do prefeito afirmou a ela que não existia nada confirmado. Que na cidade de Turuçu existia algum risco, mas também não teria nada confirmado. Então Ana Paula Leite acredita que chegar a este ponto de pânico e medo era um reflexo do que a enchente tinha deixado para ela.

Pedro Henrique Caldas: Olha, não, culpado não. Não se pode culpar ninguém por um fenômeno da natureza, não é? Não se sabe por que choveu tanto naquelas vinte e quatro horas antes. Os níveis pluviométricos de chuva foram para o que seria de quatro meses. Isto é, choveu em vinte e quatro horas o que seria para quatro meses.

Janaina Schaun questiona se seria uma fatalidade. Ela diz não saber. Sabe que numa enchente o que influencia é o meio ambiente e o lixo, esses sim seriam fatores que influenciam muito. Acredita que as pessoas seriam as maiores culpadas, afirmando que o governo também seria culpado porque haveria responsabilidades dos administradores públicos, em parte, pelo lixo se acumular nos lugares. Sentia-se muito revoltada, afirma que as bocas de lobo da rua de sua casa estão seguidamente entupidas e as ruas alagadas. Então para ela existem, sim, culpados, pois não vê melhorias, nem planejamentos para que não volte a acontecer. Não sabia como estavam os açudes na época, tendo ouvido falar que muitos deles arrebentaram. Acredita que deveria haver uma avaliação do governo para os devidos cuidados, modificando o que fosse necessário e não acontecesse novamente.

2.4 A DESTRUIÇÃO E OS EFEITOS

A destruição, como ficou conhecida através da mídia nacional e internacional, foi impactante. Embora 50% da cidade tenham sido atingidas nos bairros como Centro Sul, Barra, Barrinha, Navegantes e parte da Lomba, na região mais baixa, toda cidade sofreu em no mínimo a curto e médio prazo com os efeitos da enxurrada.

A cidade e região inteira se mobilizaram. O acesso da cidade pela RS – 265 que passa pelas “colônias” por quem vem de Canguçu foram também atingidos. Na época, a rodovia tinha vários quilômetros de extensão de terra. Hoje, ainda está em construção, ficando somente pequenos trechos de estrada para ser concluído. Essa rodovia só foi liberada uma semana após o acontecido para que se pudesse trafegar. Mesmo assim, demorou bastante tempo para atingir sua “normalidade”. Isso que ainda hoje vários trabalhos estão em andamento, ora com blocos de cimento, ora com asfalto. O acostamento nessa RS é precário e quase não existe. O tráfego é bastante curioso, pois a proximidade das casas ao asfalto em “si” da RS é algo que chama atenção. Os veículos passam quase que na porta de entrada das casas em alguns trechos. Muitos veículos agropecuários como trator, colheitadeiras, roçadeiras andam seguidamente pela pista as curvas em todo trajeto da cidade de Canguçu a São Lourenço do Sul, também chamam atenção por serem de periculosidade elevada, além de sucessivas em diversos, para não dizer em quase todos os pontos.

Chama atenção nessa RS às inúmeras comunidades, a maioria de luteranos, poucos católicos. A estética do lugar e da paisagem é recheada por lugares belos com mata nativa, misturada com plantação de fumo, eucaliptos e acácias para lenha que será utilizada na secagem do fumo e para os fogões a lenha das casas. Nas comunidades que vivem ao longo da pista e para dentro do interior de pequenas estradas de chão, constam quase que repetitivo o modelo de cemitério, igreja e salão de baile quase que colados uns aos outros. Quase uma dezena de comunidades assim é a vista que temos da cidade de Canguçu à cidade de São Lourenço do Sul. A RS acaba de frente ao trevo da cidade de São Lourenço do Sul. Foi na época da enxurrada o primeiro acesso à cidade para quem vinha do centro ou norte do estado para a cidade. O outro acesso, aliás, o único, à cidade no período de reconstrução dos primeiros dias e semanas foi o trajeto de quem vinha de Porto Alegre, que está há 195 km da cidade.

Com latas, panelas e garrafas, foi à forma encontrada da população se abastecer de água na própria estação da CORSAN, que tinha perdido completamente a energia elétrica de sua barragem. Somente na quinta-feira seguinte à enxurrada, pela manhã, bombeiros e CEEE (Companhia de Energia

Elétrica do Estado) avaliaram a situação para começar o abastecimento no dia seguinte, viabilizando assim, o abastecimento de água para a cidade.

Na manhã de quinta-feira, dia (10), os bombeiros e atendentes da SAMU recebiam a população que era socorrida por helicópteros no campo do Esporte Clube São Lourenço, localizado perto da atual rodoviária. Dezenas de pessoas ficaram penduradas em árvores, telas de metal, em telhados de casas. No campo do clube, levava as vítimas diretas ao pronto socorro. A Polícia Rodoviária Federal também apoiava as operações de resgate.

A Brigada Militar e o Exército agiam de todas as formas para resgatar os flagelados, sendo as buscas feitas com botes e helicópteros. A Marinha e a Defesa Civil também enviaram helicópteros para auxiliar nos resgates.



Figura 30: Resgate (1) por Último Segundo
<http://www.ig.com.br>

A Força Aérea Brasileira realizou na sexta-feira, dia 11, várias buscas às vítimas que estariam isoladas em pontos distantes ou em cima de suas casas. A tripulação do Esquadrão Pantera (5º/8ºGAV) operou com uma aeronave *H-60 Black hawk*, que havia chegado a menos de 15 dias na base aérea de Santa Maria. Esta aeronave decolou às 12h de sua base aérea para o resgate às vítimas da enchente em São Lourenço do Sul levando em torno de uma hora para chegar ao destino.

Essa unidade esteve disponível para todo tipo de apoio logístico necessário em decorrência da calamidade.



Figura 31: Resgate (2) por FAB
Força Aérea Brasileira



Figura 32: Resgate (3) por Cavok
<http://www.cavok.com.br/blog>

A história destes helicópteros é bastante extensa. Estão em operação desde sua produção em 1974. O país de origem é Estados Unidos. Ficou famoso por suas operações no Iraque, por games como o “Delta Force” e por filmes de Hollywood como o “Falcão Negro em Perigo”. A estimativa é que tenham sido produzidas quatro mil unidades até os dias atuais e seu custo unitário é em torno de 22 milhões de dólares. O Exército Brasileiro adquiriu quatro aeronaves em 1997 para operar em missões de observação a países vizinhos, como Equador e Peru. Estas quatro unidades estão no 4º Batalhão de Aviação do Exército, na cidade de Manaus. Já em 2006 a Força Aérea Brasileira (FAB) adquiriu seis unidades da reserva da Força Aérea Estadunidense, para atuar em missões de combate na selva da região amazônica. Foram distribuídos no Esquadrão Hárpia 7º/8ºGAV e no Esquadrão Pantera 5º/8º. Em 2009 a FAB pediu mais 15 unidades ao Congresso Norte Americano.



Figura 33: Resgate (4) por Cavok
<http://www.cavok.com.br/blog>

Os *H-60 Black hawk* tem a capacidade para doze assentos ou até seis macas. É dotado de um guincho de resgate que suporta até 260 kg e possui uma autonomia de voo de cerca de 3h40min, variável com o peso da decolagem⁴⁶.

⁴⁶

Fonte: Agência Força Aérea.



Figura 34: Trapiche pós enxurrada por Popa – motivos náuticos

O trapiche onde são ancorados os barcos em frente à Japesca, maior empresa de pescados da cidade, ficou completamente destruído.

Água foi distribuída em frente à igreja Matriz aos necessitados, assim como o salão paroquial serviu de abrigo para várias pessoas.

Toneladas de alimentos não perecíveis e vestuários foram levados ao ginásio de esportes do E.C. São Lourenço do Sul, onde vários voluntários não atingidos pela enchente prestavam auxílio aos que necessitavam.

Vindo de diversos lugares, voluntários descarregavam colchões, roupas e alimentos não perecíveis no E.C. São Lourenço.

No sábado dia (12) um grupo de “jipeiros” veio de comboio de Porto Alegre trazendo doações para a comunidade local. E assim diversos outros atos de cidades vizinhas ou até não vizinhas se envolveram.

Um dos principais problemas enfrentado nos primeiros dias foi no atendimento do pronto socorro e hospital, pois vários funcionários não apareceram ao trabalho porque também eram vítimas.

A BR 116 que isolou São Lourenço do Sul da cidade vizinha de Pelotas e todas demais cidades da zona sul do estado, só começou a ter seu fluxo normalizado após cinco dias. Quando a ECOSUL (Empresa Concessionária de Rodovias do Sul S.A), criada em 1998, concluiu um desvio provisório ao lado da

ponte sobre o Arroio do Passo do Pinto, onde os veículos puderam passar vagorosamente até a ponte ser totalmente refeita e reestabelecido o acesso.



Figura 35: Ponte sobre o Arroio Pinto por Jornal Zero Hora



Figura 36: Ponte sobre o Arroio Pinto por Notícias Uol
<http://noticias.uol.com.br>

Residências, árvores, fauna e flora nesta ponte foram completamente arrasadas, arrastadas pela força violenta das águas. No rumo das águas que passaram por essa ponte, seguiu um trajeto até encontrar a região urbana, isto é, a cidade em si, e os bairros já citados.



Figura 37: Vista Aérea da zona urbana de São Lourenço do Sul por Itapema FM/RS



Figura 38: Situação pós enxurrada (3) por Notícias Uol
<http://noticias.uol.com.br>

Relatos indicam que a água subia de forma violenta e rápida demorando em torno de dez minutos para subir um metro de altura. A água em algumas regiões atingiu 2,70 a 3,00 m de altura, encobrindo quase que completamente casas e prédios.

Outros relatos foram feitos pelo jornal local, O Lourenciano, que é um jornal semanal. Na outra quinta-feira, dia 17 de março de 2011, o Jornal Lourenciano quase que na sua totalidade exprime os fatos em quase todas suas páginas.

Dentre alguns fatos da devastação, foi relatado e registrado que os veleiros do late Clube local foram levados pela correnteza, se encontrando em cima de árvores, casas e barrancos. Cavalos se refugiaram em disparada se alojando em lugares mais elevados, inclusive em casas. Veículos caíram em buracos ou viraram, trailers foram arrastados e levados até a Lagoa. Prédios ficaram submersos. Tratores afundaram em buracos abertos em ruas da praia da Barrinha.

Há relatos de que diversos moradores que tinham lanchas, barcos e até alguns moradores mais privilegiados com *Jet Ski*, ajudaram a resgatar pessoas de diferentes lugares da cidade.

O calçadão na orla da praia da Barrinha foi destruído pela força das águas. A destruição no impressionou a todos inclusive à Polícia Civil que também colaborou com uma infraestrutura montada no E.C São Lourenço.

A erosão foi outro grande problema nas avenidas como a Izolina Passos, Santo Abreu e Getúlio Vargas.

A rede elétrica em diversos pontos também foi fortemente afetada nos bairros Barrinha, Zona Sul, Navegantes.

Jipeiros da cidade de Rio Grande também apareceram nos primeiros dias com dezenas de colchões para os flagelados.

O muro da Escola Estadual Monsenhor Gauthch foi destruído pelas águas, na Rua Duque de Caxias.

A empresa intermunicipal de ônibus expresso Frederes, fez inúmeras doações para famílias atingidas.

Funcionários da empresa Souza Cruz, que tem estreitas ligações com a comunidade rural plantadora de fumo, em número de dezessete, realizaram um mutirão de limpeza na biblioteca comunitária do bairro Navegantes.

Vinte e cinco policiais militares na cidade de Novo Hamburgo estiveram no município reforçando o policiamento da cidade. Assim como fiscais do CREA, de Porto Alegre estiveram auxiliando no levantamento dos prejuízos ocorridos.

A solidariedade veio de diversos pontos: a Justiça do Trabalho de Pelotas em nome da juíza titular da 4º VT, juntamente com a delegada regional de polícia fizeram um mutirão para que fosse entregue no “saguão” do Foro Trabalhista (Rua

29 de junho, 160, Complexo do Judiciário – Pelotas – RS) roupas de cama, mesa e banho, produtos de limpeza e colchões.

O Arroio São Lourenço atingiu dimensões jamais alcançadas e foi o principal responsável por trazer a violência das águas para a região urbana.

Famílias com casas de forro, e folhas de fibrocimento bem frágeis sustentaram em suas vigas famílias inteiras por horas.

As árvores não resistiram à erosão provocada pelos efeitos da correnteza. Várias delas partiram, dobraram, quebraram e foram arrancadas de seu local.

Quando as águas começaram a baixar foram detectados diversos sacos de arroz e casca de arroz espalhados pelo bairro centro sul, onde se localizava a Cooperativa de Arroz. Também foi evidente o número de animais domésticos e não domésticos mortos, o que colocou em risco a saúde de pessoas nos locais atingidos. O número de encanamentos de esgoto e água entupidos também foi um problema a ser cuidado na época.

Após os primeiros dias, era comum nas ruas, os moradores lotarem as calçadas, canteiros próximos ou em frente a sua casa com móveis, eletrodomésticos e objetos pessoais destruídos. Neste ponto, um fato intrigante ocorreu na cidade meio ao caos, que mais tarde poderia ser estudado melhor por outras áreas ou até pela história: a briga pelo lixo dos montes de objetos, eletrônicos e domésticos na frente das casas principalmente à meia noite. Muitas pessoas arrasadas com o acontecido, quando as águas baixaram colocaram tudo fora.



Figura 39: Situação pós enxurrada (4) por Itapema FM/RS

Tudo na frente de suas casas, sem uma maior revisão ou cuidado em observar melhor cada peça. Como tudo estava molhado e impregnado de lama, os flagelados não pensaram duas vezes em se desfazer rapidamente de seus pertences. Seja por estar realmente danificados, seja pela emoção causada no momento. Um misto de raiva, dor e perda. O que acontecia é que muitos objetos eletrônicos funcionavam e poderiam, após uma rigorosa limpeza, voltar a ter uma sobrevida, como os materiais eletrônicos: TVs de plasma, LED ou LCD que eram as mais disputadas juntamente com outros objetos como fornos, micro-ondas, aparelhos de som, rádios, instrumentos musicais... Nas primeiras semanas se viu o surgimento da “valoração do lixo” no meio do caos. Com esses fatos, uma profunda e ampla revisão de conceitos e formação de grupos poderia ser repensada. A negociação no caos, a possibilidade de enriquecimento pelo lixo no meio do caos. Isso é o favorecimento de uma camada da sociedade de condições econômicas mínimas, sendo favorecida pelo caos de uma sociedade que sofreu perdas materiais através das forças da natureza.

2.5 O RECOMEÇO

Na mesma tarde de quinta-feira dia 10 de março de 2011, esteve reunido o vice-governador da época, Beto Grill, com o prefeito em exercício, Daniel Raupp, atual prefeito. No gabinete do administrador municipal foi traçado um plano de ação para ser executado. Essa reunião também teve a presença da Defesa Civil e órgãos de segurança pública. Foram definidos objetivos a curto e médio prazo para determinar ações a partir do dia seguinte. Isto é, na sexta-feira dia 11 de março de 2011.

Foi decretada Situação de Emergência do município, que tinha contabilizado até aquele momento oito mortes. De acordo com vice-governador, 75 pessoas que estavam ilhadas foram resgatadas pelos helicópteros da Brigada Militar. Na época, o

vice-governador estava em contato permanente com o ministério de integração nacional, onde teria pleiteado auxílio para a construção da cidade e cestas básicas para as famílias atingidas. Através do vice-governador, foram pedidos recursos imediatos para a reconstrução da cidade. O Subcomandante geral da Brigada Militar, Cel. Altair de Freitas Cunha, montou um centro de operações no município com um contingente de 150 homens, dez viaturas e uma embarcação, que assumiu a segurança da cidade e reforçou a segurança as casas atingidas. Na mesma sexta-feira, foi retomada a busca de algumas pessoas que se encontravam desaparecidas.

A partir das decisões tomadas, começou a reconstrução das ruas, pontes, estradas, avenidas, além de uma limpeza enorme nas vias de encanamento e boca de lobo das ruas. Essas ações foram também coordenadas pela “AZONASUL” (Associação dos Municípios da Zona Sul) que realizou algumas obras com maquinários de algumas cidades vizinhas associadas e ligadas a alguns órgãos governamentais. Foi designado para a cidade de São Lourenço do Sul caminhões, patrulas, tratores e demais veículos além de disponibilizar alguns técnicos nas áreas de obras e urbanismo. O prefeito do município da época, José Nunes, anunciou que acertou um empréstimo de alguns profissionais da área da saúde para atendimento de urgência e emergência.

Segundo a prefeitura municipal, os prejuízos com a enxurrada chegaram com um valor de R\$ 165.251.357,85 (cento e sessenta e cinco milhões, duzentos e cinquenta e um mil, trezentos e cinquenta e sete reais com oitenta e cinco centavos). O desastre gerou um impacto nas finanças locais, afetando intimamente o PIB do município. O levantamento dos prejuízos foi realizado pela Comissão Nacional de Defesa Civil – COMDEC, discriminado da seguinte forma:

Tabela 4: Prejuízos Pós Enxurrada

ÓRGÃO/SECRETARIA/ENTIDADE/SETOR	VALOR PERDAS R\$:
Emater - Setor Rural – Colônia	R\$ 19.126.750,00
Emater - Pesca Profissional Artesanal	R\$ 1.031.500,00
Irga - Lavouras de Arroz	R\$ 348.000,00
Secretaria Municipal de Educação	R\$ 503.906,60
Secretaria Municipal de Turismo - Comércio em Geral	R\$ 3.516.000,00
Secretaria Municipal de Turismo - Indústria em geral	R\$ 10.395. 000,00

Secretaria Municipal de Turismo - Hotéis, Pousadas e Roteiros Turísticos	R\$ 314.000,00
Secretaria Municipal de Turismo - Camping Municipal	R\$ 75.000,00
Secretaria Municipal da Saúde	R\$ 296.000,00
Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural	R\$ 2.871.939,26
Secretaria Municipal de Obras	R\$ 222.944,00
Secretaria Municipal de Meio Ambiente - Danos Ambientais	R\$ 8.000.000,00
Secretaria Municipal da Fazenda	R\$ 5.090.250,00
Secretaria Municipal de Planejamento (Pontes)	R\$ 5.292.700,00
Secretaria Municipal de Planejamento (Drenagem, pavimentações, etc.)	R\$ 3.121.298,00
Coordenadoria de Defesa Civil Municipal - Ref. Residências danificadas (móveis e utensílios)	R\$100.800.000,00
Dragagem Canal do Rio São Lourenço	R\$ 1.800.000,00
Coordenadoria de Cultura Municipal	R\$ 280.570,00
Total Geral	165.251.357,86

Fonte: Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul

Estes valores não incluem as despesas pessoais dos mais de 15.000 atingidos, segundo a matéria na folha de São Paulo, na área do “cotidiano” do jornal, no dia 12/03/2011, com o título: “Cidade do RS sofre pior inundação em 70 anos”:

A pior enchente que já atingiu São Lourenço do Sul, cidade de 43 mil habitantes a 191 km de Porto Alegre, causou prejuízos e deixou bairros inteiros cobertos de lama. Na zona urbana, a água alcançou três metros de altura na madrugada de anteontem, superando todas as marcas da inundação de 1941, que sobrevivia na memória local como a pior catástrofe natural da cidade.

Por volta das 12h30 de ontem, foi encontrado o corpo de Raul Estreito Júnior, 12, a sétima vítima da enxurrada. Uma segue desaparecida.

A inundação formada pela forte chuva no arroio São Lourenço, riacho que corta a cidade, arrancou árvores pela raiz e invadiu as casas de pelo menos 15 mil pessoas.

O número de mortos só não foi maior porque a prefeitura alertou a população por meio de carros de som pouco antes da enchente.

Ontem, parte dos moradores começou a voltar para casa. Nas ruas, uma cena se repetia: pessoas enlameadas tentando limpar suas casas, apesar da falta de água encanada, e montando pilhas de móveis que viraram lixo.

A economia do município foi afetada. No porto de pescadores do bairro de Navegantes, dezenas de barcos foram jogados contra casas. Com cascos esmigalhados, outros afundaram. Ancoradouros e trapiches foram levados pelo dilúvio. “Temos enchentes aqui às vezes, mas nunca nada perto disso”, conta o dono de estaleiro Divino Verneti, 69. Pequenas fábricas, supermercados e lojas perderam

todo o estoque nos bairros Navegantes e Barrinha, os mais atingidos. O calçamento cedeu lugar a crateras. O prefeito José Nunes (PT) calcula que o prejuízo passe dos R\$ 100 milhões. O governador do RS, Tarso Genro (PT), visitou o município e anunciou linha de crédito de R\$ 50 milhões pelo Banrisul. **(Folha de S.Paulo – Cidade do RS sofre pior inundação em 70 anos – Graciliano Rocha. 12/03/2011)**

A população foi bastante forte em se reerguer, o que afinal segue até os dias atuais. Devido à reconstrução de suas casas, móveis e carros, foram necessárias diversas famílias se endividarem em bancos públicos ou privados para repor suas vidas em ordem. O pagamento de dívidas para estes bancos persiste até hoje. Já outros não tiveram tanta sorte do empréstimo e tudo fizeram e fazem para se manter numa vida digna. A cidade não proporciona muitas opções de trabalho. Não existem quase indústrias. A pesca tem diminuído ano após ano e o número de pescadores também. O que tem auxiliado muitas famílias é o artesanato, o emprego de serviços gerais como pedreiro, encanador, eletricista, diarista, catador e o pequeno comércio local. O meio rural tem se reerguido pós-enxurrada da terra. Da produção de leite, da plantação de cereais, frutas e o fumo como já foi citado e outras culturas locais secundárias como milho, mandioca, cana de açúcar, feijão, cebola e batata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais, à medida que a vontade humana deixa as suas marcas na floresta, nos patrimônios genéticos, no gelo da calota polar, pode parecer que não há diferença entre “natureza” e “artefato”. Não obstante, vale a pena conservar essa distinção, pois ela nos lembra que há forças diferentes operando no mundo e que nem todas elas nascem dos humanos; algumas delas são espontâneas e autogeradas. O ambiente construído expressa a cultura. O seu estudo já progrediu bastante com a história da arquitetura, da tecnologia e da cidade. Mas quando lidamos com fenômenos tais como as florestas ou o ciclo hidrológico, estamos diante de energias autônomas que não derivam de nós. Essas forças interferem na vida humana, estimulando algumas reações, algumas defesas, algumas ambições. Assim, quando ultrapassamos o mundo auto refletido da humanidade e chegamos à esfera não humana, a história ambiental encontra o seu principal tema de estudo⁴⁷.

A presente dissertação tem por intenção abordar um pouco sobre como é a cidade de São Lourenço do Sul, assim como as memórias dos professores das escolas públicas da cidade que tanto sofreram com a enxurrada de março de 2011. Um desastre ambiental de fato, mas que muito trouxe de aprendizado para esses professores, que com suas perdas materiais totais e o risco de vida durante o acontecimento, ainda obtiveram forças para em poucos dias poderem estar aptos a realizar suas atividades. Embora abalados psicologicamente, destruídos materialmente, tendo inclusive falta de vestimentas e alimentos, buscaram condições para voltar à rotina.

No esforço de tentar trazer estas memórias, de sua vida e sua luta naquele momento, emergiu a necessidade de esmiuçar o panorama da cidade com breves constituições do passado e do presente, como também trazer o caos do desastre ambiental e como estão a cidade e o Rio São Lourenço atualmente.

Aquele março de 2011 está ainda na memória dos professores e de todos os habitantes da cidade. Ocorre maior atenção ainda quando existem algumas horas,

47

ou alguns dias de intensa ou moderada chuva. É nesses momentos que se vê a preocupação de todos: governo, civis, defesa civil, bombeiros. Todos calculam o acúmulo de água nos pluviômetros em diferentes áreas do município. O monitoramento do rio São Lourenço é feito com muita atenção em dias de chuva, pós-enxurrada de 2011. Também é preciso dizer que pouco ou quase nada de melhoras teve o rio. Foi dito que seria construído um “canal extravasor”, a partir de um projeto de engenharia que consiste na implantação de um ou mais dispositivos com a finalidade de acabar com as cheias do rio São Lourenço, mas isso ainda não aconteceu. A comunidade está ainda a espera deste canal que daria uma maior tranquilidade a todos e uma agradável noite de sono em dias de chuva.

Ao lidar com esta pesquisa e tentar reconstruir o caos que todos querem esquecer, muitas concepções próprias foram transformadas no decorrer de cada parágrafo. Em função do trabalho do historiador, da necessidade de distanciamento, mesmo sendo parte do processo, observar a transformação da paisagem e o olhar de susto em cada cidadão quando começa a gotejar, o olhar de cada um para o céu, com certo receio e um misto de “prece religiosa”, foi algo que acabou criando no autor outras formas de buscar o que acrescentar neste trabalho sem fugir da proposta do projeto. De não tornar o que já era difícil em algo generalizado, comum. Em muitas vezes o sentimento era de que aquelas lembranças não queriam aparecer mais, se observava isso no rosto dos entrevistados. Surgiu à necessidade de maiores leituras em um campo que exerceu atração sobre o autor, como a história ambiental, área que está em princípios de conhecer. Entretanto, na medida do possível, foram elaborados vários pontos que podem dar razão a vários outros questionamentos. Há várias outras interpretações de mesmo contexto. Assim, nesses quesitos, as dúvidas preexistentes, criadas ao decorrer da pesquisa são maiores que as respostas.

A constituição das memórias, a história oral e a história ambiental trouxeram condições de estudar uma enxurrada em uma cidade em torno da qual se tem pouco ou quase nenhum trabalho de história ambiental.

Percebeu-se que as narrativas das entrevistas, em nenhum momento expressaram alguma incoerência por parte dos professores. Os sujeitos tinham plena consciência e noção do que querem de melhorias ambientais e materiais para

sua cidade, no que diz respeito ao meio ambiente, em prol da sociedade atingida, a não atingida e os turistas. Ao realizar seus esclarecimentos tinham plena noção do papel que cada cidadão deve ter com o meio ambiente, assim como saber qual função dos governantes para as devidas melhorias e o seu próprio papel como educadores.

Foram notadas falhas no poder administrativo, como responsabilidade em avisar com maior antecedência a comunidade lourenciana, já que sabiam que 24 horas antes o volume pluviométrico dos distritos e região era enorme, já era sabido pelas autoridades que a ponte que liga a cidade de São Lourenço do Sul a Turuçu e Pelotas estava interditada desde a noite do dia anterior. E também era sabido que várias famílias na cidade de Turuçu foram retiradas de suas casas bem antes. Somente pela madrugada, poucas horas de clarear o dia é que passava um único carro (veículo tipo automóvel de passeio) de som, com pouca amplificação avisando os moradores para sair de suas casas. Muitos não saíram outros não tiveram tempo de ter um carro de som de frente as suas casas avisando, outros que ouviram não deram atenção, pois era quinta-feira de carnaval.

Há de se destacar que com as mortes em um acidente natural destas proporções, as responsabilidades de cada grupo ou organização da sociedade é dividida com as forças da natureza. Alguns cidadãos responsabilizavam diretamente o poder público, por não terem avisado à população com agilidade. Um casal que perdeu o filho afogado durante a enxurrada entrou na justiça contra o município de São Lourenço do Sul, para ser indenizado. O município foi inocentado, após decisão de 1º grau, por unanimidade pela 10ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Este Tribunal negou recurso aos moradores. O casal pleiteava danos morais e materiais. A justiça considerou que a intensa chuva foi circunstância extraordinária, imprevisível e incontrolável. O filho do casal foi uma das oito vítimas fatais da força das águas no dia 10 de março de 2011. O casal defendeu a responsabilidade administrativa, uma vez que o município foi avisado por cidadãos comuns e pela CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica), e mesmo sendo avisada não providenciou a imediata evacuação das supostas regiões atingidas e áreas de risco. Conforme já citamos que ocorreu na cidade vizinha de Turuçu. O casal solicitou o valor de R\$ 10 mil e pensão no valor de um salário mínimo ao mês

até a data que o menino completasse 25 anos de idade. O casal alegou mais o alto índice de chuva, alegando dados comparativos em milímetros do dia, com a média mensal local. A Juíza de Direito Aline Zambenedetti julgou a ação improcedente, levando-os a apelar ao Tribunal de Justiça⁴⁸.

Em três de outubro de 2006 foi criada a lei N° 2839 que decretou: Capítulo 1 do Plano Diretor, Seção II dos objetivos Art. 3° - inciso III – Implementar políticas públicas que garantam qualidade de vida, assim entendida como aquelas que permitem o crescimento econômico com inclusão social e equilíbrio ambiental; inciso VI – Considerar as bacias hidrográficas como unidades de planejamento, inciso VII – Proteger de forma integral as nascentes e cursos d'água.

Outras leis da mesma forma foram criadas, que em pouco ou quase nada foram operacionalizadas desde 2006. Fato é que a simples criação de leis não evitaria a enxurrada de 2011, mas a não importância dada ao meio ambiente local, também contribuiu para o agravamento do impacto em todo perímetro urbano, residências e pontes destruídas no meio rural.

Acredita-se que o desmatamento das matas nativas das regiões rurais para o plantio de fumo e para todo o processo que isto envolve como a plantação de eucaliptos e acácias para secá-lo influencia no acontecimento de março de 2011.

Fica patente que todo cidadão que contribui para a poluição direta ou indiretamente é parte de todo processo. Assim como o poder Executivo e Legislativo local, que não constituíram, não definiu uma maneira clara de investir em dragagens significativas no arroio São Lourenço, não investir em pontes, em saneamento básico. O que alguns destes itens somente agora estão a acontecer para a melhoria da população como ruas que estão sendo calçadas.

A escrita da dissertação foi se definindo muito com as pistas deixadas pelas entrevistas e também pela mídia local e conversas informais. O aspecto da cultura local talvez tenha sido um dos motivos pelo qual o poder público não alertou como devia à cidade, o pânico poderia ser pior? Essa resposta nunca chegará. No sentido de ser um povo trabalhador e disciplinado com os afazeres do campo e do comércio, juntamente com a época do carnaval, anunciar um “caos” que estaria por

⁴⁸ Fonte: Diário Popular de Pelotas.

vir seria algo inimaginável, até porque pouco tinha chovido na cidade. No dia 10, poucos momentos antes da enchente que inundou a cidade, o céu estava limpo.

Visando avaliar os objetivos da pesquisa nestas considerações finais, os entrevistados professores trouxeram a voz de uma comunidade inteira em suas palavras. Porém, teria muito mais a ser escrito, explorado, a partir dos depoimentos colhidos. Como não se podem explicar aqui inúmeras perguntas que poderiam ser vistas pelo viés de outras áreas do conhecimento, ou mesmo expandidas por este mesmo trabalho em outra ocasião. Perguntas como qual a quantidade de resíduos químicos, visto que o número de agricultores é grande no meio rural e o quanto foi jogado no solo e na água antes da enxurrada? E no pós-enchente, quais e como os efeitos nocivos destes produtos encontrados na água e no solo prejudicam a sociedade, levando-se em consideração a enorme quantidade de água e barro presente na área urbana atingida. Ainda outras questões poderiam ser abordadas, como as doenças mais comuns que surgiram no pós-enchente, ou mesmo qual o número de doentes no curto e médio prazo? Será que houve viroses, gripes, resfriados, diarreias, vômitos? Qual o volume de estudantes e professores atingidos por essas viroses que apresentaram alguma enfermidade pós-enchente? Quais enfermidades eram estas? Foram distribuídas ou aplicadas vacinações? Quais?

São inúmeras indagações que pelo tempo, objetivos e dificuldade na elaboração desta dissertação, acabamos por não abordar, entretanto servem perfeitamente para futuras pesquisas.

Encerramos esta dissertação acreditando que contribuímos com a sociedade e cumprimos nossa função como historiador engajado na melhoria do meio ambiente e na melhoria do planeta Terra, onde vivemos.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA-AYALA, I. **Geomorphology, natural hazards, vulnerability and prevention of natural disaster in developing countries**. Geomorphology, v.47, p.107-124, 2002.

ALHO, José Manuel. **Ambiente, cidadania e futuro**: in: BECKERT, Cristina; VARANDAS, Maria José (Org.). **Éticas e Políticas Ambientais**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2004.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e Abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMARAL, R; RIBEIRO, R.R. 2009. **Enchentes e Inundações**. In: **Desastres Naturais, conhecer para prevenir**. Tominaga, L.K; Santoro, J; Amaral, R. (Organizadores). Instituto Geológico, São Paulo. p. 40-53.

ARQUIVO Pessoal. Fotos/2015.

ASSADOURIAN, Erick (Org.). **Estado do Mundo, 2010: Estado do consumo e o consumo sustentável**. Worldwatch Institute. Salvador, BA: Uma Ed., 2010

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: 4. Acordes historiográficos – Uma nova proposta para a Teoria da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Teoria da História: V. A Escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **O tempo dos historiadores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BÖHLKE, Moacir. **A colônia particular de São Lourenço: seu contexto dentro do Processo colonial do Rio Grande do Sul**. 2003. **Monografia**. Curso de História da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.

BOSENBECKER, Patrícia. **Uma colônia cercada de estâncias: Imigrantes em São Lourenço/ RS (1857-1877)**. 2011. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Ocorrência de desastres**. 2009a. Disponível em: <[Http://www.defesacivil.gov.br/desastres/index.asp](http://www.defesacivil.gov.br/desastres/index.asp)>. Acesso em: 28 mar 2014.

_____. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Sistema Nacional de Defesa Civil**. 2009b. Disponível em: <[Http://www.defesacivil.gov.br/sindec/index.asp](http://www.defesacivil.gov.br/sindec/index.asp)>. Acesso em: 28 mar 2014

_____. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Histórico**. 2009c. Disponível em: <[Http://www.defesacivil.gov.br/historico/brasil.asp](http://www.defesacivil.gov.br/historico/brasil.asp)>. Acesso em: 28 mar 2014

_____. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Defesa Civil. **Situação de Emergência ou Calamidade Pública**. 2009d. Disponível em: <<http://www.defesacivil.gov.br/situacao/documentos.asp>>. Acesso em: 28 mar 2014.

BURKE, Peter: **A Revolução Francesa da Historiografia: A escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. **História e Teoria Social**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt [et al.]. 3 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BRUNI, José Carlos; MENNA-BARRETO, Luiz; MARQUES, Nelson (Org.). **Decifrando o tempo presente**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CAETANO, M. Jornal Correio do Povo - ano 115 nº 193 - Porto Alegre, domingo, 11 de abril de 2010.

CALDAS, Pedro Henrique. **História real de São Lourenço**. São Lourenço do Sul: Gráfica Hoffstatter, 2008.

_____. **Simões Lopes Neto e São Lourenço do Sul**. In: **Jornal Diário Popular**, Pelotas, 30 abr. 2007.

_____. Tribuna Popular, 3 jun. 1995, p.7.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

_____. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 17ª reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CASTRO, A. L. C. **Manual de Desastres: desastres naturais**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003. 174 p.

CHARTIER, Roger. **A história Hoje: dúvidas, desafios, propostas**. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, vol. 07, n. 13, 1994.

COARACY, Vivaldo. **A colônia São Lourenço do Sul e seu fundador Jacob Rheingantz**. São Paulo: Saraiva, 1957.

CONTI, José Bueno. **Clima e meio ambiente**. 7 ed. São Paulo: Atual, 2011.

DIAS, Karine Rodrigues; PORTO, César Henrique de Queiroz. **Uma História do Tempo Presente? Possibilidades e desafios para o historiador. história e-história**. Disponível em: < <http://www.historiaehistoria.com.br/> > Acesso em :24 mai. 2014.

DRUMMND, José Augusto. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 177-197.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERREIRA, G. M. L. **Atlas Geográfico - Espaço Mundial**. São Paulo: Moderna, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. v.94 nº 3. Petrópolis: Cultura Vozes, 2000.

_____. **História, tempo presente e história oral.** Rio de Janeiro: Topoi, 2002. p. 314-332.

FOUCAULT, Michel. **A origem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2006.

FRANCO, J. L. A. ; [DRUMMOND, J. A.](#) **Proteção à Natureza e Identidade Nacional no Brasil: anos 1920-1940.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2009. v. 1. 272p .

FRANCO, José Luiz de Andrade et al. (orgs.). **História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

HAGUETTE, Maria Teresa Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1987.

HAMMES, Edilberto Luiz. **São Lourenço do Sul: Radiografia de um município – das origens ao ano 2000;** v. 1, v.2. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010.

HANNIGAN, John. **Sociologia Ambiental.** Tradução: Annahid Burnett. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HARRES, Marluza Marques.; RÜCKERT, Fabiano Quadros. **A natureza, o tempo e as marcas da ação humana.** Políticas públicas e ambiente em perspectiva histórica. São Leopoldo: Oikos, 2011.

HOBBSAWM, Eric J. **O presente como história.** In: Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IEPSEN, Eduardo. **Jacob Rheingantz e colônia São Lourenço: Da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história.** 2008. **Dissertação** (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

_____. **Jacob Rheingantz e a colônia de São Lourenço: Análise da construção de um mito histórico.** 2005. **Monografia** (conclusão do curso de História Bacharelado) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.

JORGE, Janes. **Tietê, o rio que a cidade perdeu:** O Tietê em São Paulo 1890-1940/ Janes Jorge. São Paulo: Alameda, 2006.

KOBIYAMA, M.; MOTA, A. A.; CORSEUIL, C. W.. **Recursos hídricos e saneamento**. Curitiba: Ed. Organic Trading, 2008.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Editora: Brasiliense. 8ª ed. Trad. Marie Agnès Chavvel. SP. 1994.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARQUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de (Orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACHADO, Eduardo de Andrade. **História do tempo presente: um desafio possível**. Revista Eletrônica Tempo Presente. Disponível em <http://www.tempopresente.org> > Acesso em: 24 mai. 2014.

MARANHÃO FILHO, Eduardo M. de Albuquerque. **História Agora**. Disponível em: < <http://www.historiagora.com/> > Acesso em: 25 mai. 2014.

_____. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**. Florianópolis, n. 17, p. 137-151, 2009.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: Pesquisa e ensino – Coleção questões da nossa época**, Vol. 130. São Paulo: Cortez, 2006.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MILHORANCE, Flávia. **Produtores de tabaco enfrentam doenças físicas e psíquicas no RS.** < <http://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade>> 03/08/2014.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Ecologia Cósmica: (uma visão cósmica da ecologia).** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

NUNES, Riane T. S.; FREITAS, Marcos A.; ROSA, Luiz Pinguelli (Orgs.). **Vulnerabilidade dos recursos hídricos no âmbito regional e urbano.** Rio de Janeiro: Interciência, 2011.

O LOURENCIANO. São Lourenço do Sul, 17 mar 2011.

OCTOPUS Publishing Group. **501 desastres mais devastadores de todos os tempos.** Trad. Catharina Pinheiro. São Paulo: Editora Lafonte, 2012.

OSTROWSKY, M.S.B. **Urbanização e controle de enchentes – O caso de São Paulo: seus conflitos e inter-relações.** M. de S.B Ostriwisky, W.Zmitrowicz.. São Paulo:EPUSP, 1991. BT/PCC/50. 11p.

PÁDUA, José Augusto. **As Bases Teóricas da Historia Ambiental.** Estudos Avançados. Vol. 24. Nº 68. São Paulo. 2010.

_____. (Org.). **Desenvolvimento, justiça e meio ambiente.** Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Petrópolis, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: GOMES, Ângela de Castro; MOURA, Gerson e OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Estudos históricos** Vol. 2, n.º 3. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA., 1989.

_____. **Memória e Identidade Social.** In: GOMES, Angela de Castro; MOURA, Gerson e OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Estudos históricos** Vol.5, n.º 10. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA., 1992.

PORTO JÚNIOR, Gilson (Org.). **História do tempo presente.** Bauru, SP: Edusc, 2007.

PRADO, Daniel Porciúncula. **Figueira e o Machado Raízes da Educação Ambiental no Sul do Brasil: Práticas Educativas e Militância Ambiental na Perspectiva do cronista Henrique Luiz Roessler**, FURG/Rio Grande. Tese de Doutorado. 2008.

PREFEITURA Municipal de São Lourenço do Sul/2015.

REICHERT, L. J; PADILLA, M. C; GOMES, M. C. CÁCERES, R. S. **Revista de Ciências Agrárias**, vol.35, nº.1, Lisboa, jun. 2012.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara H. S. do (Orgs.). **Educação Ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____; POSSAS, Raquel; RIBEIRO, Adalberto (Orgs.). **Trajétórias e narrativas através da educação ambiental**. RJ: DP&A, 2003.

_____. **O que é Educação Ambiental**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIS, José Carlos. **História da “consciência histórica” ocidental contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **Escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REES, M. GUIMARAES, M.(TRAD.) **Hora Final-Alerta de um cientista: o desastre ambiental ameaça o futuro da humanidade**. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIQUINHO, D. L; HENNINGTON, E. A. **Cultivo do tabaco no sul do Brasil: doença da folha verde e outros agravos à saúde**. Ciência & Saúde Coletiva, 19(12):4797-4808, 2014.

ROCHA, Geraldo César. **Riscos Ambientais: análise e mapeamento em Minas Gerais**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

SAITO, Sílvia M. **Desastres Naturais: conceitos básicos**. I Escuela de Primavera sobre Soluciones Espaciales para el Manejo de Desastres Naturales y Respuestas de Emergências-Inundaciones. Instituto Nacional Pesquisas Espaciais (INPE), dados do ano de 2007.

SCHIMANSKI, Edina; BRONOSKY, Marcelo (Org.). **Meio ambiente, crise e cidadania: tensões e articulações no debate ecológico**. Ponta Grossa, PR, 2011.

SCHITTINI, G. de M.; FRANCO, J. L. de A.; DRUMMOND, J. A. **Expansão da fronteira de recursos naturais e Unidades de Conservação da natureza na área de influência da BR-163**. In FRANCO, J. L. de A.; SILVA, S. D.; DRUMMOND, J. A.; TAVARES, G. G. (Orgs.). **História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

SILVA, Romeu Faria Thomé. **Manual de Direito Ambiental**. 2ª ed. Salvador, BA: Editora JusPODIVM, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Luiz Henrique. **Lagoa dos Patos: história e natureza**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2013.

_____. **Águas de Maio: a enchente de 1941 em Rio Grande**. Rio Grande: FURG/Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento Costeiro, 2011.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

TUCCI, C.E.M., **Hidrologia: Ciência e Aplicação**, 3ª edição. ABRH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

VALLE, Cyro Eyer do; LAGE, Henrique. **Meio Ambiente: Acidentes, lições, soluções**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

WORSTER, D. **Para fazer História Ambiental**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 4.Nº 8. 1991.p.198-215.

< <http://cod.ibge.gov.br/180J> > Acesso em: 01 mai. 2014.

< <http://cod.ibge.gov.br/1372> > Acesso em: 08 mai. 2014.

< <http://cod.ibge.gov.br/23164> > Acesso em: 12 mai. 2014.

< <http://umavisaodomundo.com/2009/07/qual-idade-terra-como-medir/> > Acesso em: 14 mai. 2014.

< <http://humanorigins.si.edu/evidence/human-fossils/fossils> > Acesso em: 16 mai. 2014.

< http://www.clicrbs.com.br/zerohora/swf/especial_enxurradas_br116/index.html > Acesso em: 14 jan. 2015.

<<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/itapemafmrs/81,430,595,26431,chuvas-atingem-a-regiao-sul-do-rs.html> > Acesso em: 15 fev. 2015.

< http://noticias.uol.com.br/album/110310rs_album.jhtm> Acesso em: 15 fev. 2015.

< <http://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/produtores-de-tabaco-enfrentam-doencas-fisicas-psiquicas-no-rs-13473703>> Acesso em: 20 mar. 2015.

< <http://www.scielo.br> > Acesso em: 13 jun. 2015.

< <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/03/chuva-forte-faz-segunda-vitima-no-sul-do-rs.html>> Acesso em: 21 jul. 2015.

ANEXOS

Anexo I – Entrevista com a Professora Fátima Jesus Armesto	139
Anexo II – Entrevista com a Professora Ana Paula Loss Leite.....	152
Anexo III – Entrevista com Pedro Henrique de Gusmão Caldas	160
Anexo IV – Entrevista com Janaína Schaun.....	176

Entrevistada: Fátima Jesus Armesto

Entrevistador: Juliano Torres Fraga

Projeto: “A catástrofe ambiental da enxurrada de 2011 em São Lourenço do Sul – vivências e recomeço no tempo presente pela ótica dos professores da rede pública escolar”.

Data: 15/05/2014

Data De Nascimento: 03/11/1970

Local De Nascimento: São Lourenço do Sul

Experiência com educação (locais de trabalho e cidades): Desde 1991. Município Camaquã, estado e município, SMEC educação infantil, direção, supervisão, orientação e etc.

Ideologia: Construtivismo

Religião: Espirita Kardecista

Formação: UFPEL – Pedagogia, UFSM – Letras, FURG – Pós-graduação *latu sensu*.

Residência Atual: São Lourenço do Sul

Residência no dia 10 de Março de 2011: Princesa Izabel, 818.

Onde se encontrava no dia 10 de Março de 2011: Em casa, dormindo.

Função profissional no dia 10 de Março de 2011: Professora

Local de trabalho no dia 10 de Março de 2011: Escola Municipal de Ensino Fundamental Armando Das Neves

O que perdeu com a enchente: Móveis, colchões, roupas de cama, edredom, cobertores, roupas (algumas).

Juliano: O que você lembra da enchente e o que marcou?

Fátima: O que marcou no geral e o que...foram várias coisas, mas uma das coisas, entrar na fila para pedir comida, isso me marcou muito. Porque após ter baixado as águas, nós termos retornado para casa e visto que não era mais possível entrar, naquele dia, dentro de casa, porque estava tudo realmente muito virado, não dava para fazer nada, eram cinco horas da tarde e não se tinha nada para comer, nada, nem um pão, nem um grão de arroz, nada, porque atingiu toda parte dos mantimentos e nós todos né! Todas as pessoas que foram atingidas, nós nos

conduzimos até a Igreja Navegantes, onde então, era o ponto de apoio e entrar na fila para pedir comida, então aos meus quarenta anos né, sempre trabalhei, desde muito cedo e nunca tinha passado por uma situação assim né, sempre fui muito de trabalhar e através do trabalho até conseguia auxiliar outras pessoas que tinham dificuldades financeiras, mas se ver numa situação de ter que pedir comida porque não, não existia né, então isso era uma coisa comum a todos naquele momento. Mas é uma coisa que te marca porque né...E depois, no transcorrer da semana, como nós assim, não tínhamos comida, não tínhamos roupa né, roupas pessoais todas estavam molhadas, embarradas com aquele barro né, com dejetos e tudo porque subiu o esgoto. Então até se ter roupas né, pessoais, então eu me lembro que nós, eu me abriguei na casa de um parente que morava no bairro Medianeira e lá nós usávamos as roupas né, das primas, dos vizinhos, das amigas que conseguiam e durante aquela semana então, sempre usando roupas de outras pessoas e quando então eu consegui, lavar roupas pessoais minhas e secar, acho que foi lá pelo quarto, quinto dia né, que eu consegui, após o dia todo de trabalho, tomar um banho e colocar a minha roupa, uma bermuda minha, uma camiseta minha, as minhas roupas íntimas, isso me marcou muito. Eu me lembro que naquela época eu chorei no momento de eu colocar uma roupa, parecia que eu aí estava vestindo né, uma característica, era eu de novo, por que até então, durante uma semana, não era minha casa, não eram meus objetos, não era o meu lugar, não era nem a minha roupa. E depois de uma semana então, parece que eu conseguia me vestir de novo de eu mesma.

Juliano: O que foi a enchente na sua vida?

Fátima: Foi um aprendizado, muito, muito aprendizado. Não posso dizer que foi um trauma, foi um aprendizado, aprendi muito com isso e claro que foi uma coisa que devastou né, e fez nós de uma certa maneira assim, pararmos e repensarmos né! O que que é a vida? Quais os nossos valores, o que realmente tem valor na tua vida? E penso que pelo tamanho que foi a enxurrada e teriam poucas mortes porque na realidade pelo horário e pelo fato de muitas pessoas estarem dormindo né, e a força da água ser tanta e tão rápido, poderia ter havido um número muito maior de vítimas, então foi um aprendizado, principalmente pela questão do desapegar né, então para que tanta coisa se tu não usa tanto? Se tu não usa nem a metade muitas

vezes, né? E se desapegar dos materiais e dar valor ao que realmente interessa na tua vida.

Juliano: O que interferiu a enchente no seu meio de trabalho?

Fátima: No meu meio de trabalho devido à escola ser um receptor de famílias que foram desabrigadas, quando então as famílias conseguiram retornar aos seus lares, e os professores começaram, né o processo de ensino aprendizagem, para mim foi uma eterna bagunça, porque eu custei muito a me reorganizar, porque dentro da escola ficaram as famílias, então as famílias, de uma certa maneira, as crianças na sala a onde eu trabalho com jogos, né para crianças especiais, então tinha muitos jogos e as crianças tinham acesso direto aos armários né e se perdeu muita coisa, então assim, ao mesmo tempo que eles ficaram e foram agasalhados, foram abrigados, se perderam, quando nós voltamos, retornamos, aquele material tinha sido misturado, tinha sido perdido né, muito material já não estava mais né, na escola. Então isso de uma forma assim, um pouco parece que nos chocou, tipo assim, nós abrimos as portas, a gente oferecemos e agora não conseguimos mais juntar, a gente tava juntando os cacos nas nossas casas e aí começamos a tentar juntar os pedaços na escola, para retomar o trabalho, então isso foi um pouco chocante assim, no primeiro momento.

Juliano: Teve alguma coisa significativa?

Fátima: Significativa não! Tudo que é material vai e volta pelo esforço.

Juliano: Qual sua ocupação/função na época? Era professora?

Fátima: Eu era professora, professora da sala de recursos e também trabalhava como trabalho hoje, no projeto literário da escola e trabalhava com literatura para todas as turmas do pré ao quarto ano.

Juliano: A senhora me disse que teve alguma relação com a escola né, tinha relação com a escola Armando Das Neves nessa época e como é que foi a relação com a escola naquele momento teu ou talvez de outros colegas que tivessem sofrido isso?

Fátima: Era muito assim, a gente de solidariedade na realidade né! Porque se preocupava muito, bom aconteceu enchente, nós estamos com este problema e se preocupava muito, bah, mas quantas colegas, quantos professores, quantas famílias foram atingidas. Então, apesar de todos, a grande maioria da escola, a grande

maioria de professores e dos alunos, foram atingidos, porque o bairro foi pego meio que bem em cheio né, então existia uma preocupação muito grande da escola, em amparar esses professores e estar presente, e ir na casa dos professores saber o que tu estas precisando, tu precisa de ajuda? Nós recebemos ajudas de todas as formas, por exemplo, não só material, né, mas colegas vinham e batiam na tua porta e diziam assim: - Olha, lá em casa eu já consegui restituir a máquina de lavar, tu quer que eu lave alguma roupa para você? Então assim não era só pelo material, mas pelo trabalho também né! Então a escola tinha essa preocupação, em saber, que todos os seu professores estavam, e a direção na época, chegava nos questionar: -Você já está organizada? Você precisa de mais um dia? Você precisa de mais uma semana? Quanto tempo você precisa para reestruturar a tua vida pessoal, para depois voltar a trabalhar?- Então existia sim esse cuidado né, mais direto com os professores.

Juliano: Como é que foi o dia-a-dia das escolas naquele momento, naquele primeiro momento talvez aqui na Armando e nas outras escolas, que tu saiba alguma coisa?

Fátima: É, naquele primeiro momento, eu te falo basicamente da escola porque eu tenho é uma dedicação exclusiva na escola, então se falava só isso né! Então, as crianças não brincavam assim, como é que eu vou te dizer, o assunto, as rodas né, as rodas de brincadeira se transformaram em rodas de conversa e só o assunto era sobre a enchente, onde que tinham ficado, as coisas que perderam. O que marcou muito, os relatos das crianças que perderam seus animais de estimação, porque a água muitas vezes levava né! A força da água levava, muitos eram tirados da enchente, uns resgatavam seus bichinhos, outros não, e isso marcava. Então, quando vinha para a sala de aula, as histórias eram do meu gato que morreu, do meu cachorro que foi a rio abaixo né, do tempo que teve que ficar desabrigado, dormindo na igreja, no salão da igreja, porque não tinha casa para voltar. Então, assim, teve que se fazer um trabalho bem grande, junto com contação de histórias, com brincadeiras, para restituir essa alegria e meio que tentar esquecer, momentaneamente, a questão da enchente.

Juliano: A escola ficou algum tempo assim sem aula no primeiro momento? Quanto tempo mais ou menos?

Fátima: Sim, olha acho que foram duas semanas, para mais de duas semanas né, que isso aconteceu, não me recordo agora, mas acho que era num dia de semana, isso uma quarta-feira, e foram mais de duas semanas assim, para que a escola pudesse abrir as portas para os alunos.

Juliano: Na parte assim mais técnica o que as escolas fizeram para suprir essas percas materiais? Houve algum movimento, houve alguma sensibilidade da comunidade?

Fátima: É basicamente o que, na nossa escola em si, como a parte que foi atingida, foi uma parte onde nós temos refeitório, cozinha, nós temos biblioteca e banheiros né e a direção. Então assim oh, não atingiu a área das salas de aula, então no refeitório não havia nada que se perdesse mais físico né, então se perdeu, em termos de alimentos, que a prefeitura municipal fez depois a reposição. Na parte de livros da biblioteca, o que estava mais abaixo, que foi um nível muito pequeno de água que entrou, se perdeu foram livros didáticos, que normalmente o próprio MEC repõe todos os anos, há... na parte da direção, documentos que se perderam foram mais na parte de documentos históricos da escola né, então havia uma pasta com registros fotográficos e registros de jornal, e isso se perderam. Então o material mais diretamente ligado assim, a parte de artes, então estas coisa que não foram muito pontuais dentro da escola, a não ser esses registros históricos, isso a mantenedora repõe né, então nós não tivemos grandes perdas. A parte do material de jogos que haviam dentro das salas de aula, que foram ocupadas pelas famílias, então nós procuramos restituir esses jogos, alguns foram substituídos né, mas tudo dentro do orçamento que a própria escola tem, não houve assim um movimento maior para.. Até porque não se perdeu muita coisa. Se nós formos comparar o que se perdeu na escola, e o que se perdeu em termos de famílias né, do que as famílias perderam, é óbvio que as famílias perderam muito mais em termo material.

Juliano: Bastante importante essa tua colocação. O fator psicológico te afetou?

Fátima: Olha, eu acho assim, que basicamente não. Porque eu vejo, o que que as pessoas dizem, assim: – Ah, o que foi a enchente? Ah, foi um horror!!! Porque as pessoas comentam muito: -Ah, foi um horror!- claro, sofremos né! Ouve momentos de choro, de dor. Mas eu acho que eu aprendi muito mais que sofri. Então, não posso dizer que eu fui afetada psicologicamente, claro que eu lembro de alguns

momentos em que foi muito triste né, tu ver de repente, a tua casa, o teu lar, o ambiente onde tu te recolhe, estar completamente devastado, e tu ter que começar do zero, e começar né, de novo. Mas eu aprendi muito com isso, e não posso dizer que eu tenha ficado traumatizada, ou que tenha algum problema, não. Eu acho que, claro, tudo vem para a aprendizagem né! E nunca digo: “Ah foi um horror!!!” Foi o que tinha que ser ,foi o que a gente tinha que passar.

Juliano: O fator psicológico afetou o meio que você vive ou trabalhava? Tua família, a comunidade, teus parentes? Hã e também transportando para cá teus amigos pessoais, e a escola em si?

Fátima: No primeiro momento sim, basicamente em termos de trabalho sim, os alunos, a grande parte dos alunos, foi bem difícil retomar as atividades né! Em função disso, alguns alunos que já tinham sido tratados, que já tinha atendimento no CAPS –SACI, a gente pediu reforço para, então, porque as vezes eles tem um atendimento de psicologia, e depois eles passam para uma psicopedagoga, e dependendo do trabalho, eles permanecem com a psicopedagoga, e alguns a gente pediu né, que voltassem a psicóloga, a ter mais um atendimento mais reforçado, então basicamente sim. E da família, na minha família não ouve nem um drama assim, nem um.. não foi afetado psicologicamente, de uma forma tão drástica né! Alguns professores sim, ficaram bem perturbados no primeiro momento né! Uns pediram um tempo mais né, para poder... Mas, eu acho que, no geral, aqui na escola, os professores foram atingidos. Mas todos conseguiram sair das suas casas em tempo hábil né, então eu me lembro assim, que no momento nós fomos,quando vimos que a água ia entrando, nós ainda estávamos dentro de casa, retirando os móveis ou subindo, por exemplo né, subindo notebook,TV, esses aparelhos eletrônicos, a gente colocava mais para cima, achando que a água não fosse subir tanto né! Então lá em casa tinha um balcão, por exemplo, de um metro e pouco, a gente pensou: --Vamos tirar do ambiente mais baixo e vamos botar para um, elevar né?! Achando que não ia ser atingido, e na minha residência foi a um metro e setenta né, então foi atingido. Mas a gente conseguiu sair, ou com água pela cintura, ou com água um pouco mais, mas a gente conseguiu sair né! Não fomos pegos dentro de casa e ficamos ilhados, dentro de casa como algumas outras pessoas. A grande maioria dos profissionais que atuam aqui, todos foram saindo conforme a

água vinha subindo, então fez isso também afetar a forma como tu foi resgatada, e a forma com que tu saiu da tua casa implica depois né, na forma que tu vai encarar como que aconteceu.

Juliano: Na tua visão, assim a comunidade lorenciana como é que ela conviveu com essa enxurrada de uma forma geral assim? Como é que tu acha, na tua opinião como tu acha que ela conviveu com isso?

Fátima: Olha, acho que ouve dois momentos né! Ouve o momento em que as pessoas que foram atingidas, foram totalmente solidárias umas com as outras né! Então, quem foi atingido foi extremamente solidário com o outro que também tinha sido atingido, porque se identificou naquele momento.

Juliano: E as que não foram atingidas?

Fátima: É, a grande parte das que não foram atingidas, se utilizaram daquele momento, para também receber alimento, para também receber roupas né! Eu me lembro que a noite quando nós.. eu passei seis dias fora da minha casa, depois no sétimo dia eu já dormi na minha casa né, então os colchões foram colocados fora, depois, no sétimo dia nós ganhamos um colchão né, e eu disse: -Bom, a partir de hoje nós já podemos dormir em casa. E eu me lembro que nós dormíamos muito pouco, porque o barulho da rua era muito intenso, porque as pessoas que, por exemplo, tiravam as coisas das suas casas e botavam nos entulhos da esquina, ou da frente da casa, as pessoas que não tinham sido atingidas vinham e passavam a noite inteira, vasculhando aquele lixo e carregando, e uns discutindo, ouve situações que eles discutiam e brigavam pelo lixo das pessoas que tinham colocado para fora né! Então houve essas duas situações. Houve um público, sim solidário, fraterno, que se identificava e que ajudava e dentro disso, dentro desse público, pessoas atingidas e pessoas não atingidas, porque eu, basicamente todas as roupa da minha casa, não foram lavadas por mim, foram lavadas por amigos e por pessoas que não foram atingidas, que vinham até minha residência e ofereciam, quer que eu leve eu levo e lavo né, então existia sim solidariedade, daqueles que não foram atingidos, mas existia um percentual muito grande de pessoas que se aproveitaram da situação para cobrar água num preço exorbitante, para cobrar gasolina num preço exorbitante, para cobrar fruta num preço exorbitante né! Tudo que se necessitava no primeiro momento né! Existiam sim aqueles usurpadores que se aproveitaram da

situação, então houve os dois momentos, as duas instâncias, os dois públicos né, que interagiram, mas acredito que no geral né, grande parte da população foi solidária com o acontecimento.

Juliano: Daria para dizer assim que essa visão de ter dois tipos de comunidade a que sofreu e a que não sofreu. Só uma opinião minha, mas houve relatos, inclusive de outras pessoas, vinham me dizer que se sentiam como se fosse um circo em algum momento! Que teve pessoas que não sofreram que passavam de carro na frente das suas casas, e elas naquela dificuldade, no meio de barro, no meio tentando limpar, se sentindo como se fosse um circo no interior.

Fátima: Sim, eu não digo.. eu passei por uma situação assim, então tu passa uma semana todinha trabalhando, nós levantávamos sete e meia da manhã, sete horas da manhã, tomávamos café né, lá na residência onde a gente estava, na Medianeira e vínhamos para o bairro Navegantes e trabalhávamos o dia todo, então nós íamos lá, almoçávamos e voltávamos para casa, trabalhávamos até dez e meia, até onde as forças aguentassem, então voltávamos para lá, tomávamos um banho, jantava e deitava, meu marido deitava e eu ficava até as duas, três horas da manhã, lavando as fotografias da família, para conseguir restituir alguma coisa né. Então como as fotografias estavam em embalagem plástica, então eu cortava aquela embalagem e procurava tirar da melhor forma possível, lavava em água limpa e depositava em cima de um papel absorvente, para que no outro dia de manhã, antes que todos acordassem, eu levantava, recolhia todas as fotos que tava pela sala e pelo ambiente, para o pessoal se organizar, então isso foi assim uma semana, na segunda semana, não, na primeira semana que nós não estávamos em casa, chegou no sábado, nós não conseguíamos trabalhar porque de manhã tu começava a trabalhar chegava uma pessoa: –Ah eu vim aqui ver como vocês estão. E ai eu continuava lá trabalhando e meu marido contava a trajetória toda. Ai dali a pouco que ele saia voltava outra pessoa: –Ah, nós viemos ver como é que vocês estão? Quando foi à tarde, quatro horas da tarde, eu não aguentava mais, eu disse assim: -- Olha, pombas, a gente tá trabalhando, mas não consegue trabalhar, quando um sai o outro entra para saber, nós estamos trabalhando, ninguém se oferece para ajudar! Eu já estava um pouco meio que, vamos dizer assim, incomodada com aquilo né, porque nós não conseguíamos trabalhar, em função que as pessoas queriam saber,

queriam saber, mas queriam saber só, pelo simples fato de saber e isso outros colegas já tinham comentado que os carros passavam que pessoas que não tinham sido atingidas passeavam pelo bairro e mostravam para os seu filho ou para outras pessoas: – Olha aqui óh, aqui a água deu no teto, olha ali óh como é que ficou né. Então isso não é solidariedade, isso é um circo armado, vamos lá olhar, né. Então muitas vezes isso aconteceu sim, e incomodava quem estava trabalhando, quem tava ali tentando restituir seu lar, incomodava sim né, porque eu acho uma falta de respeito, então assim oh, você quer ir lá ver, então vamos ajudar, vamos se solidarizar, está precisando de alguma coisa né! Não só o ver pelo ver.

Juliano: Mais uma coisa Fátima, na tua opinião assim como é que era a realidade social aqui do Armando das Neves?

Fátima: É uma comunidade sempre muito pobre né, então a gente tem dentro dos alunos matriculados, normalmente a gente tem uma grande parcela de pais desempregados ou de pais que são pescadores, dependendo da pesca artesanal que não é..., a gente sabe que é muito difícil ultimamente, a lagoa já não é mais a mesma, já não dá tanto peixe como antes, então nós temos uma clientela né, de famílias que dependem muitas vezes da bolsa família né, da bolsa escola, de todos esses atributos que o governo dá então a grande parcela, a grande maioria, claro que nós temos também pais que trabalham que são funcionários públicos, pessoas que estão estabilizadas, que tem agora tem a sua casa própria, conseguem ter uma vida estabilizada, mas a grande maioria é de uma parcela bem, bem, bem pobre.

Juliano: Como é que tu tá depois desses três anos passados assim?

Fátima: Muito bem. É...Muito bom. Muito bem. Obrigada. Com o projeto sempre, a gente sempre tem né, sonhos e projetos, quem não sonha não precisa mais né, ter uma continuidade, mais sempre tem, eu escrevo né, como tu sabe, e tenho.. já tô no terceiro projeto de livro, agora tem uma entrevista porque também o meu livro é baseado em fatos reais, então vai se chamar Vestígio, mas é mais pra uma linha romântica. Ah sim... né, onde eu vou fazer contos de amor e são contos verídicos. Ah legal... né, então já tô na metade desse projeto, então a gente vai, vai indo muito bem, sempre com projeto. Que Legal.

Juliano: Como está a escola hoje... A escola antes e hoje?

Fátima: Olha a escola está muito bem. É...Materialmente a escola está muito bem, o que que nós vimos assim óh, a merenda que é de boa qualidade e ofertada, assim nós temos o Projeto Mais Educação, então as crianças chegam pela manhã, tomam café, fazem atividades extraescolares, almoçam, ficam pro plano da tarde, tem a merenda da tarde e vão embora. Então assim óh, as... às vezes que são ofertadas né o almoço, o café são de boa qualidade, são alimentos de boa qualidade, são fartos né, então eles tem fruta, eles tem legumes, tem carne muitas vezes que a gente sabe que esse alimento não é oferecido em casa, devido ao custo né. A parte material, eu trabalho com sala de recursos, então tem chegado muito material, o MEC tem enviado que aí é uma questão né, Federal, na parte do município sempre que possível, as meninas tão encaminhando, hoje nós tínhamos um problema sério de cadeiras, as cadeiras estavam se deteriorando, estavam quebradas, hoje nós recebemos cadeiras, a escola recebe uma verba a qual ela administra né, e faz das tripas coração pra dar né, pra dar né... pra conseguir manter o material, então civicamente não falta material, em termos de pessoal, todos os anos, eu acho que isso é uma coisa bem comum em todas as escolas, nós temos problemas pra contratação de professores, então agora a gente enfrentou um problema de uma professora que necessitou fazer uma cirurgia né, de emergência e nós não tínhamos quem substitui-la, então assim na parte de professor, de pessoal, sempre tem uma coisa e outra que se procura fazer de tudo para se contornar, sempre se contorna né, se desdobra e sempre se contorna e na parte assim geral, vamos dizer assim óh, pedagógica, é uma escola que corre muito atrás do conhecimento né, porque os alunos são realmente, tem um problema muito grande de defasagem escolar, nós temos na sala de recursos hoje, nós temos em torno de quinze matriculados, e então na sala de recursos eu vou trabalhar crianças que tem deficiência mental leve, grave, média, muitas síndromes e crianças que tem dificuldade extrema de aprendizagem, então nós temos um grande número de alunos né e...e todo momento chega pedido pra que eles façam parte da sala de recursos, pra que eles venham para a nossa escola e realmente o que que a gente vê no todo, mas aí no geral parece que a gente se queixa muito da mesma coisa né, existe uma pouca vontade de estudar, muito pouca vontade de estudar, então existe coisas mais interessantes, a internet é mais interessante, o Vídeo game é mais interessante, o

Skate é mais interessante né, eu tenho um 5º ano, atualmente pela manhã, trabalho com Língua Portuguesa, que montei o projeto voltado pra, basicamente, a literatura que a gente tá usando esse ano é um livro do Jeff Kinney é...O Diário de Um Banana, porque trata bem questões adolescentes... Livros assim... Isto, e dentro disso a gente trabalha toda Terça-Feira, todos os sons, então por que todos os sons? Porque a gente tá tentando através do Funk, do Rap que é o que tá na boca deles, é o que está no momento né, trabalhar essas questões da Língua Portuguesa, trabalhar a linguagem e mesmo assim trabalhando coisas que são da vida deles é difícil chamá-los pro compromisso do ensino e do estudo.

Juliano: Aham...Digamos assim, quais as marcas da enxurrada pela sociedade lourenciana no ambiente escolar? Tu acha que ainda tá presente essas marcas assim?

Fátima: Eu acho que não, eu acho que o povo brasileiro... Esquece rápido...muito rápido né?

Juliano: E o governo numa forma geral auxiliou na comunidade naquele momento ou foi mais promessas?

Fátima: Olha...Tem tanta opinião sobre isso... É eu acho assim ó, poderia ser mais... eu acho que poderia ser mais, mas na realidade talvez é uma coisa assim ó, nós trabalhadores não temos o hábito de procurar tanto a municipalidade entendeu, então assim óh, existe uma leva de pessoas que precisam de uma coisa, ah tão na prefeitura, precisam outra coisa, tá na prefeitura, nós que trabalhamos, pagamos os impostos como é que a gente faz? A gente se vira, a gente trabalha mais ainda a gente consegue mais horas. Sabe? Então assim, é...é diferente, então eu acho assim, a municipalidade apoiou sim, ajudou sim...Não digo só o município mas sim estado, o todo... O ver como todo ajudou sim, mais acredito que poderia ter sim, mais avanços quanto a isso, houve assim, queixas de quem perdeu a casa por exemplo, que não é na nossa região, eu sei na região da Lomba, lá houve pessoas que perderam a casa, a casa foi com a enxurrada, ficou a pessoa, então eles pagaram por um tempo pras pessoas ficarem em casas alugadas que depois... diz que isso foi muito demorado, demorou muito assim, a se articular possibilidades do auxílio, mas eu acho que isso é um geral de todo, do país que tudo muito burocrático

e que tu tem que provar por “a mais b” 300 vezes, que é tu que necessita daquilo ali né, mas como um todo assim, acho que foi auxiliado sim.

Juliano: Na tua concepção poderia ser evitada essa enxurrada?

Fátima: Olha eu não tenho base técnica pra falar disto, mas o que se comenta que se houvesse a possibilidade de ter feito uma obra, em termos de saneamento né, em termos até de barragem, que isso talvez não tivesse essa proporção, mas eu tecnicamente não tenho condições de dizer isso, acho que realmente foi um grande incidente natural né, porque não é a toa, quem viu por exemplo, a casa que foi atravessada ao meio pela bola de água que eles dizem que quando a enxurrada, quando estourou que veio aquela montante, aquela bola de água que eles chamam, aquela casa que tem bem ali na BR, logo que terminou a gente passava e enxergava a metade da casa de pé e a outra metade totalmente destruída né, então eu acho que isso foi um grande incidente natural e que muitas vezes o homem acha que tecnicamente tem a capacidade de poder gerar e de poder manipular a natureza, lei do engano, eu acho que com a natureza...Não se brinca... não se brinca.

Juliano: Bom chegando no final então, colocaria algum culpado nessa enxurrada?

Fátima: Não...Alguns culpados numa forma, digamos assim que nem eu fiz a pergunta até para a outra entrevistada objetiva ou subjetiva?... Não, acho que não... Não?... Não.

Juliano: As considerações finais então Fátima, o que que poderia dizer que não tenha dito?

Fátima: Olha, eu acho assim, que quem passa por uma catástrofe natural, seja enchente, seja um vendaval, seja o que for né, a pessoa sempre vai ficar um pouco que sensibilizada né, sensibilizada por isso, e eu acho que essa sensibilização faz com que a gente mude os posicionamentos de vida, a forma de encarar o seu próprio cotidiano né, por mais que a gente esqueça, daqui 3 ou 4 meses, mas se tu tomar a retomar o assunto, parece que aquilo te aviva muito rápido né, então eu acho que é uma aprendizagem pra qualquer pessoa né, então até tu se por, se colocar, como eu te disse, eu nunca tinha pedido comida,...é uma situação... como se colocar na pele do outro né, que tem isso por hábito e por necessidade diária e, não porque tu foi atingido uma vez né, então é uma troca de papéis né, que todos

nós, por bem ou por mal, acabamos fazendo ou tendo no momento, no momento de uma experiência dessas.

Entrevistada: Ana Paula Loss Leite

Entrevistador: Juliano Torres Fraga

Projeto: “A catástrofe ambiental da enxurrada de 2011 em São Lourenço do Sul – vivências e recomeço no tempo presente pela ótica dos professores da rede pública escolar”.

Data: 11/05/2014

Data de Nascimento: 04/05/1972

Local de Nascimento: Erechim – RS

Experiência com Educação (locais de trabalho e cidades): Paranaguá – PR, Escolas Particulares Curitiba – PR, Cristal – RS (município e estado).

Ideologia: Cristã

Religião: Evangélica

Formação: Educação Física – UFPR e Especialização Educação Física Escolar – UFPR.

Residência Atual: Rua Almirante Tamandaré, 362 – SLS

Residência no dia 10 de março de 2011: Rua Princesa Isabel, SLS

Onde se encontrava no dia 10 de março de 2011: Em casa, na Rua Princesa Isabel.

Função Profissional no dia 10 de março de 2011: Professora – Estado e Município.

Local de Trabalho no dia 10 de março de 2011: Escolas Vicenti de Tola, Cruzeiro e Marina Vargas.

O que perdeu com a enchente: móveis, carro, fotos, roupas, tapetes.

Juliano: Ana o que você lembra da enchente e o que marcou a enchente?

Ana: Ah, o que mais marcou foi, como eu sempre morei numa cidade grande, aquela água subiu muito rápido e a gente tentou fugir, uma das últimas a fugir fomos nós, a gente não entendia o que tava acontecendo, mas o que mais me marcou, a única coisa que me fez chorar, foi quase perder a minha filha que ficou pendurada numa grade e eu não conseguia, eu não tinha força pra salvar ela, foi o que mais me marcou, foi a única coisa que me faz triste assim, porque as coisas materiais eu não me abalei assim, depois dela salva aí tudo foi tranquilo, até hoje quando eu lembro desse episódio, de uma criança que morreu da idade dela, eu entro em... eu teve, tive até uma espécie de uma convulsão quando vi aquela, aquele papel com a criança morta que eles penduram ...né, na loja assim, eu tava dormindo na casa de

um amigo, de uns amigos, e a gente foi comprar luva pra limpar a casa e quando eu vi aquilo eu entrei numa convulsão, uma choradeira porque eu vi que minha filha chegou muito perto disso assim, que foi a coisa mais marcante. Depois que a gente salvou, que eu salvei ela que um rapaz me ajudou, aí tudo tranquilo.

Juliano: O que foi a enchente na sua vida? Que que foi a enchente na, na tua vida assim?

Ana: Boa pergunta, foi um divisor de águas mesmo, literalmente, porque eu, eu já era cristã, mas tava vivendo uma vida meio religiosa assim, depois disso eu fui sacudida assim, eu vi o que realmente importa na vida... Aí eu me tornei uma pessoa bem diferente assim e as vezes eu fico pensando a gente gasta tanto com coisas que não...com conforto assim, as vezes eu dou uma parada e vejo que não é isso que tem, a gente tem que dar mais atenção pra vida mesmo, assim...pra vida e pras coisas, no meu caso que Deus quer de mim assim, experiências assim, uma experiência de postura com as pessoas, me tornei uma pessoa melhor com certeza, pra mim foi muito bom, não o momento mas depois, aquilo me sacudiu assim, o importante, mudei e comecei a levar as coisas mais a sério.

Juliano: O que interferiu a enchente em seu meio de trabalho?

Ana: Na época? Ou ...

Juliano: Na enchente mesmo, no seu ambiente de trabalho que...

Ana: Ah eu como sou sozinha, eu e minha filha só, ela era pequena e cheia de alergias, eu tive que tirar ela de circulação e eu tive que, eu lembro que dez dias eles deram de licença e era muito barro, foi muita água, lá em casa foram 2 m, então eu não conseguia trabalhar, lógico, mas em dez dias eu não consegui porque eu tinha, eu perdi muita coisa, e eu tinha que recuperar aquilo, porque eu não ia poder comprar tudo, então eu trabalhei como técnica arrumando minhas coisas e na limpeza, eu limpei tudo, tudo, tudo que eu podia, o máximo o que eu não podia às vezes, coisas de valor que eu tive que jogar fora porque eu não conseguia mais limpar, mas eu tive que pegar mais uma licença...depois pra poder, porque eu não tinha carro, aí tinha que andar de bicicleta e já tava frio, aí eu tive infecção respiratória porque corria muito, tipo, da comida, eu tinha que voltar meio dia pra dar comida pra minha filha, eu tive uma, foram uns três meses de uma vida muito ruim assim, de correr muito, muito, muito, emagreci muito e tive muito ruim de saúde, mas aguentei assim...foi muito difícil.

Juliano: Qual sua ocupação ou função na escola na época assim? Era professora?

Ana: Era professora de Educação Física nas três escolas e aula física na rua assim e...muita correria, muita correria.

Juliano: Você teve alguma relação com alguma escola na época assim, como tu disse no Vicente, Cruzeiro e no Marina?

Ana: Sim...

Juliano: Qual a função e interação com as escolas hoje? Tu ainda ta, segue nelas ainda?

Ana: Não, uma delas eu abandonei que eu era, até uma das que eu tava lotada, eu queria abandonar e fui pra uma outra e escolhi a que era, eu não era lotada e transferia as 20 horas pra lá e larguei a que eu era lotada e no Marina...

Juliano: Era o Cruzeiro né?

Ana: Larguei o Cruzeiro e fiquei só no município e no Vicente di Tolla, porque... Juliano, município e do estado... foi o que eu falei, não vale a pena eu me matar... trabalhando porque a vida é muito curta né.

Juliano: Sim, e essas escolas que tu trabalha, ela foram afetadas, chegaram a ter?

Ana: Não nenhuma, e eu senti assim uma indiferença do pessoal com a, com nosso...Juliano, que não foi afetado com o pessoal que foi... é, uma indiferença às vezes de uma diretora, outra assim, ah a gente nem, eu nem lamentei , eu não me lamentei nem um minuto da enchente... porque pra mim foi até uma sacudida, mas a vida tava muito difícil e a gente via as pessoas comentando, ah... porque a gente ficou com trauma, eu agora, a gente tem uma casa com dois andares mas até uma exigência da minha filha, a gente não, não dormia, até hoje assim né, a gente tem muito trauma de água, pelo que a gente chegou perto de ter uma perda muito grande, então ninguém entendia logo depois a gente não dormia nunca, né Gabriela? E diziam que era exagero e tal, a gente sofreu muito assim...

Juliano: Sim, e as escolas que tu trabalhava na época, elas ficaram sem aula durante um tempo assim?

Ana: Não, que eu creio que não, eu acho que não, eu não lembro disso, eu ...

Juliano: O teu período de dez dias?

Ana: Porque eu tive dez dias de... deram dez dias... Juliano, acho que uma semana ou dez dias? É dez dias que eu não fui, eu não trabalhei, na verdade eu vivi só limpando a casa, eu não comia, eu lembro que eu não tinha vontade de comer, não tinha vontade, eu tinha uma obrigação de limpar em dez dias então, às vezes o meu pai veio, Graças a Deus pra ajudar e cozinhou pra nós, numa outra casa de uns amigos e me ajudou também na limpeza, claro sozinha eu não ia conseguir, mas foram dez dias que eu vivi com roupa doada, mau arrumada, eu não via espelho, inclusive meu cabelo cresceu na época, não me olhava, eu lembro minha primeira escova de dente foi uma emoção assim. Fui dormir na de uma amiga uma noite depois e ela me deu uma escova de dente, na outra noite, nossa uma escova vagabunda, mas aquilo foi, foi tão bom, comer numa casa limpinha e comer comida sabe?!...Uma noite e não me sentia nem dignada, andava que nem uma molambenta assim, suja, embarrada, passavam na rua -Tu mora onde? Eu moro ali. Me deram uma caixa de chocolate, aquilo pra mim, uma amiga trouxe um chimarrão, a gente botava um louvor lá e trabalhava... muitos amigos assim, eu tinha ganhado uma camisa, gente assim não e aí uma amiga do que passou, nossa mas o teu sorriso tá precisando de um, de uma escova de dente, camisa toda embarrada, não tinha como eu ficar limpa.

Juliano: E o que que as escolas fizeram pra suprir essas perdas, essas percas materiais e até físicas assim de professores? Elas eu acho que pararam completamente ou...

Ana: Não, eu creio que não pararam, porque não foi tanta gente atingida, foi bastante gente atingida, eu não sei, porque eu fiquei desligada por dez dias...

Juliano: Eu acho que uma das questões que tu falou mesmo é bastante importante a indiferença de algumas ...

Ana: Foi, teve uma diretora em questão que foi muito indiferente assim e, sabe não sabe realmente o que a gente passava porque aí tu não tinha onde cozinhar e tu não tinha, porque tu perdeu tudo, panela, tudo né, tinha coisa que tu não ia aproveitar... e foi bem difícil assim, mas Graças a Deus né, superou.

Juliano: O fator psicológico da pra se dizer chegou a te afetar um pouco?

Ana: Muito, muito principalmente a minha filha, hoje em dia, a gente confia em Deus e é isso que nos livra porque dá um vento forte, uma tempestade, a gente coloca na, a gente olha e tem uma tranquilidade, mas antes da gente morar na casa de dois andares, toda noite logo depois da enchente era, a gente não gosta de chuva até hoje né, a gente gostava daquele barulhinho, não gosto de chuva, só que hoje a gente tem o segundo andar, mas a gente não, nunca mais desceu mesmo, nunca mais nós vamos ser iguais, só que teve um lado bom disso tudo...

Juliano: Uhum, dá pra se dizer que o fator psicológico afetou, afetou o meio que tu vive então?

Ana: Afetou, nossa afetou muito, a gente ficou mais de dois anos né, com medo de chuva, com medo de, de qualquer coisinha, a gente abria a janela e ninguém dormia, até o outro dia ir trabalhar, muitos anos sem dormir assim, é até agora, essa aqui quando chove, ela – Mãe, mãe, mãe. A gente, eu ponho umas coisas no ouvido.

Juliano: Na tua opinião assim, como a comunidade lourenciana conviveu com a enxurrada assim?

Ana: Olha, eu vivi pra mim foi uma, por um lado um benção assim, porque eu vivi só pra escola, eu tinha três escolas, então eu não tinha tempo pra viver outra coisa e aí eu comecei a ver, a conhecer meus vizinhos, como eu vivi em cidade grande, São Paulo, Curitiba, a gente é muito individualista assim né, a gente conhece o vizinho da gente ali, meu pai veio, meu pai uma pessoa muito querida veio de Pelotas, fez um... todo um desvio de 3 horas na época, e foi, foi muito bom. E aí a gente trocava assim, a gente ganhava um monte de água, eu dava pros meus vizinhos e eles me davam fruta, vizinhos assim, alguns, um senhorzinho bem pobre que morava perto, que eu nem sabia que morava ali, a família também veio ajudar ele, então a gente ficou amigo porque um ajudava o outro, era muito legal assim, então foi muito interessante as pessoas, todo mundo vinte, trinta pessoas na, no sobrado e cachorro, gato, coco e foi uma coisa muito chocante assim e, e a gente tentava consolar as crianças, eu lembro que eu consolava as crianças choravam porque perderam alguma coisa ou outra, vizinhos que eu não conhecia dizia – Não, mas

isso a gente recupera. Mas eles era pobres né, alguns eram pobres outros bem de vida, e , mas eu chorava mas que os outros bem de vida, ah uma moça lá dona duma, bem de vida ...chorando pelas coisas materiais, mas a gente, foi legal assim a união.

Juliano: Como era associada essas escolas que você trabalhou ou auxiliou assim, a realidade social antes e depois assim da, da... da enchente? Da enxurrada? Hã... muitos alunos sofreram também né, então tu acha que assim, que a realidade social ficou igual, ela ficou diferente, até também se tu quiser falar um pouco do aspecto também até mesmo o que tu citou, aspecto espiritual assim digamos, as pessoas, tu acha que as pessoas ficaram sensibilizadas, ou houve uma, uma coisa, não... ou segue igual passado esse tempo todo?

Ana: Não, eu creio que quem passou por essa enchente assim, acima de, sei lá quantas né, uma coisa de perder tudo nunca mais vai ser igual, e eu lembro que eu cheguei pra escola, eu peguei mais dez dias de licença, porque eu não tinha como chegar numa escola, porque tinha que ir pra casa alimentar minha filha e eu não conseguia, comecei a ficar muito doente e fragilizada, foi um baque assim né... eu tive que desdobrar sem carro e ai eu lembro que quando eu voltei, as crianças vieram, todas tinham um histórias assim na rua, eu ia pra educação física, no cruzeiro, “ai professora, ai professora”, historias mirabolantes de animais, de pessoas, de coisas, coisas que a gente sabe que é verdade né, a gente sabe, que eu joguei lá pela aquela sacada que eu tava naquela casa, os cavalos sendo levados né, sendo, as cobras entrando, eu morava embaixo nesse sobrado a senhora morava em cima, as cobras entrando pela janelas, assim foram cenas assim e elas contando cenas assim horríveis assim e coisas engraçadas, todo mundo tinha histórias, não conseguia da aula né, mudou muito e aí teve uma criança que teve um problema também depois por causa da enchente acho que foi uma doença que pegou, eu não lembro que doença era e foi internada e aí teve umas doenças que amigas minha morava perto da minha casa que também não são natural daqui e também teve muito problema com a enchente, muita doença. Eu mesmo, eu tive um problema no meu pé porque eu ajudei a salvar umas pessoas depois de salvar minha filha, e eu tive um problema bem sério no meu pé de uma febrona assim e tive que ser levada pro hospital, mas ninguém deu muita bola no hospital, me conformei porque me deram um remédio eu fui na farmácia, comprei, no outro dia eu tava bem, não dormi mas tava bem e fui tomar as vacinas também, é... é, achei também o hospital assim muito frio assim, porque eu tava mau, mau meu pé tava desse tamanho, um febrão e comecei a gritar: - Eu to ficando mau. E aí ...

Juliano: Tu acha que essa frieza mais é uma questão... hã, uma questão da cidade mesmo ou uma questão individual das pessoas assim?

Ana: Ai eu não sei, parece que aquele hospital quando eu fui, eu fui no limite de já eu já vi que tava tendo um tétano e aí eu lembro que no outro dia me mandaram tomar a vacina numa fila, e eu fui lógico e ai o remédio que eu comprei a noite me ajudou a dor né, eu acho que eles foram, eu lembro que tinha uma médica de fora e

eles não deram atenção, acho que eles foram treinado a não dar atenção, então tava vazio, eu lembro naquela noite.

Juliano: Outra pergunta que eu ia te fazer, quais as marcas da enxurrada para a sociedade lourenciana e o ambiente escolar? Ainda é presente essas marcas da enxurrada no ambiente escolar, tem ainda vestígios de material ainda utilizado pelas escolas ou elas receberam alguma reformulação, até se tu quiser falar ...

Ana: É que nas escolas não foram atingidas, as que eu trabalho só as crianças que, e os adolescentes também né, que estudam lá foram...

Juliano: E numa forma de tu enxergando as outras, tu acha que houve uma, houve uma reformulação nelas assim? Das que sofreram. Armando das Neves...

Ana: É que eu não tenho contato com essas escolas né, por trabalhar tanto assim, por trabalhar né, na época eu trabalhava tanto que não... eu ainda tenho esse estilo de vida de chegar na minha casa e eu, sempre vem gente aqui em casa, mas eu não sou de me envolver, não ligo um rádio, eu to sempre por fora das coisas. Nas escolas a gente escuta, mas eu não sei muito, ninguém conta muito assim eu creio que as pessoas que sofreram, até hoje comentam né, as crianças lá do Vicente, algumas sofreram, que moram mais na parte de baixo do arroio ...tem um caso dum menino também, era do Vicente e depois foi pro Cruzeiro que até saiu na capa dum revista, há... esqueci o nome dele e ele perdeu tudo e ficaram pendurado numa árvore, o Taylor acho que é ...Taylor. Taylor, ele saiu na capa de uma revista e eles são muito pobres né, e eu tenho essas histórias fora, a gente passou na casa deles só tinha o chão né, não tinha parede.

Juliano- Uhum...

Ana Paula- Que era bem próximo do arroio era de madeira então ali tem histórias, mas tão bem né, sobreviveram.

Juliano- Sim. Como eu te disse fica a vontade de responder, já estamos chegando nas últimas quatro perguntas. O governo de uma forma geral auxiliou nessa comunidade ou não? Tu acha que sim? Tu acha que poderia ser mais, poderia ser menos?

Ana Paula- Gente eu vou dizer assim, eu me admirei como eu disse com pessoas que eu nunca vi, então eu nem sei se eram da cidade, paravam o carro, a gente virou meio que um...eu lembro que as pessoas passavam, muitos curiosos passavam por nós e eu lá na frente sentada limpando tudo sujo, alguma coisa com mangueira e eu me senti um...um circo. Eu me senti assim uma aberração, é inclusive quando a gente saiu, a gente ficou dez horas em cima do, a gente ficou numa casa, há... ai quando eles tiraram primeiro os mais velhos e tal, quando a gente saiu e a gente passou de barco assim, porque a gente teve que sair de barco, dez horas ainda tinha água, há... eu lembro que todo mundo nos olhava, onde a gente passava com aquele barco e a gente, eu me senti muito mal assim, eu lembro que eu escondi meu rosto e ai eu chorei, a primeira vez que eu tinha chorado, porque eu fiquei com vergonha daquela situação sabe, eu falei puxa agora que ta caindo a ficha, ai mas depois eu só fiquei pensando, puxa onde que eu vou dormir

né, onde será que eu vou ficar, porque não tinha pra onde eu ir, não tinha ninguém, meu pai não mora aqui, não mora ninguém, mas eu lembro que, como é que eu vou te dizer, a gente foi, mas teve também muito um lado bom, muitas pessoas vinham nos, que não conheciam vinham nos dar chocolate, a prefeitura, não sei que a prefeitura que mobilizou caminhões que ajudaram com coisas de limpeza, a igreja, não a igreja que eu tava mas uma igreja ali pertinho, a quadrangular eu acho que é, é eles disponibilizaram produtos de limpeza pra nós, a igreja que eu fazia parte em outra cidade veio ajudar muita gente inclusive eu trouxe... essas coisas ajudaram muito, água potável, hã... material de limpeza, pasta de dente, isso ajudou muito, muito, bah... sinceramente nos apoiou muito assim, foi bom assim, só que assim a gente olhava pra rua na minha casa, parecia uma guerra né, porque todo mundo jogava fora aquelas coisas e era uma coisa muito triste assim, mas ao mesmo tempo tinha aquele lado bom, teve ajudas.

Juliano- Tu acha que na sua concepção, tu acha que poderia ser evitado essa enxurrada, poderia ser evitado essa enchente, de alguma forma?

Ana Paula- Eu não sou da região, pra mim aquilo não tava acontecendo, eu fui a última acho, a sair de dentro de casa, tentavam me chamar e eu não, não acreditava, achei que era ladrão, mas eu, eu não conheço a geografia né, eu não sou daqui, não conheço...

Juliano- Soube que aconteceu uma enchente dessas, aqui? Parecida.

Ana Paula- Me falaram que há cinquenta anos né?

Juliano- Isso, isso.

Ana Paula- Eu creio que sim, e eu sempre me senti assim, tanto é que agora colocaram os canos aqui nessa rua alagava até pouco tempo também, não chegava aqui em casa, mas alagava né, a gente não dormia, é... é, então eu acho que tinha uma... deveria ter uma maneira, acho que a cidade cresceu sem uma, sem projeto hidráulico assim, agora a gente vê que eles estão colocando, então eu acho que poderia ter sido evitado.

Juliano- Quem seriam os maiores culpados com a enxurrada de 10 de março de 2011 em São Lourenço do Sul?

Ana Paula- Olha, eu vou dizer uma cena que logo depois que teve a enxurrada a gente ficou traumatizada eu ainda trabalhava nas três escolas, eu comentei com uma colega e ela me xingou, porque uma amiga minha de Porto Alegre, que passou pela enchente e quase morreu também, mora sozinha, ela me falou: -Ana Paula, ta vindo outra. E ela ouviu o vizinho dela falar, e a gente saiu, peguei meu carro, só peguei minha filha e os animais, ela e fomos ver o que tava acontecendo, a gente não ia dormir, no outro dia tinha que acordar as seis e meia pra trabalhar, a gente não ia dormir de novo, e a gente foi e passou pela policia, a gente passou por um carro da polícia e a gente perguntou e eles disseram: - É, a gente não tem nada confirmado. Eu de pijama, e ai nós passamos pela polícia rodoviária e o cara disse que qualquer coisa nos avisa, ai eu fui pra casa do prefeito, eu disse: - Ah, eu vou tirar satisfação. Parecia uma louca, mas eu tava louca, era tanto medo porque eu

não ia dormi, correndo o risco de novo... eu tava morando numa área de risco, e aí eu lembro que eu falei com a esposa do prefeito na época, eles eram pais dos meus alunos no Marina, e eu falei do nosso medo, minha amiga também falou, a gente é sozinha, a gente tem medo, e ela falou: - Não existe uma, nada confirmado, lá em Turuçu existe um risco mas não tem nada confirmado e tal. Então a gente chegou a esse ponto assim, eu creio que podia ter sido evitado, porque a gente houve uma conversa que já sabiam que tava vindo e sei lá.

Juliano- Demorou...

Ana Paula- Demorou avisar, com carro de som não é ideal, porque era época de carnaval, pra mim aquilo era um carro de carnaval, então, né... eu não ouço carro de som, hoje em dia até presto atenção, mas na época acho que poderia ter sido evitado essa tragédia.

Juliano- É, foi bem perto do carnaval também né...

Ana Paula- Foi, foi eu achei que continuava o carnaval naquela manhã, na madrugada.

Juliano- Considerações finais então Ana, sobre o acontecido, algo que queira relatar...

Ana Paula- Bah, o que eu tenho pra dizer, que eu posso te dizer, eu fico feliz com né, todo o apoio que eu tive, de pessoas que eu nem acreditava que eu ia ter na enchente, fico triste com, realmente teve descasos assim, não só de, de governantes assim, mas de colegas, assim às vezes de chefes assim e... mas que eu vou te dizer, eu creio que até hoje assim, tem pessoas que nunca mais vão se refazer né, como tem a mãe que perdeu um filho na época, eu acho que é uma dor que nunca, eu nem imagino isso, só de pensar da vontade de chorar porque eu passei tão perto disso, mas também agradeço que eu to aqui né, que a vida melhorou depois disso, a vida melhorou assim, no sentido de dar valor, porque realmente é valoroso assim sabe.

Entrevistado: Pedro Henrique de Gusmão Caldas

Entrevistador: Juliano Torres Fraga

Projeto: “A catástrofe ambiental da enxurrada de 2011 em São Lourenço do Sul – vivências e recomeço no tempo presente pela ótica dos professores da rede pública escolar”.

Data: 11/05/2014

Data de nascimento: 16/04/1962

Local de nascimento: Porto Alegre

Experiência com Educação (locais de trabalho e cidades): Professor nas cidades de Pelotas, Herval e Pedro Osório.

Ideologia: Libertária

Religião: Agnóstico

Formação: Licenciatura em Educação Artística – UFPEL

Residência Atual: Rua Júlio de Castilhos, 576 – Barrinha/ SLS.

Residência no dia 10 de março de 2011: a mesma.

Onde se encontrava no dia 10 de março de 2011: em casa dormindo.

Função Profissional no dia 10 de março de 2011: Diretor da Rádio Comunitária Vida FM.

Local de trabalho no dia 10 de março de 2011: Av. Marechal Floriano Peixoto 2279, centro, SLS.

O que perdeu com a enchente: Primeira coisa foi o sono, um conceito de tranquilidade, de sossego para a cidade.

Juliano: O que você lembra da enchente e o que marcou pra ti?

Pedro: Hã, eu lembro que tava em casa dormindo e isso era umas seis e pouco da manhã e eu tava deitado com a minha família, com a minha esposa, e aí comecei, ainda meio dormindo, assim ouvi barulho, gente gritando e buzinas, e daí a pouco ouvi meu pai que mora uma casa ao lado da minha, hã... me chamando: - Pedro, Pedro, vem aqui vê, vem, vem cá vê. Me chamando no muro assim, né: – Vem aqui ver a água. E aquela água toda né e eu hã... levantei rápido, é... nem vesti uma roupa né, hã... sai do quarto só de cueca, hã... sem camisa porque era, era 11 de março né, era uma noite quente assim. E abri a porta da minha casa e na frente da, tem um alpendre na minha casa né e tem uma árvore, então eu tive que agachar

quando eu sai pela porta assim, pra olhar pra rua, pra olhar pra frente, e eu olhei e não entendi o que que tava acontecendo, porque eu vi água passando na rua assim, uma correnteza né, o terreno lá da minha casa ele é razoavelmente alto em relação ao leito da rua que na época ainda não era pavimentada né, e eu vi aquela correnteza e disse: - Óh, algo estranho já tá acontecendo né... e meu pai no muro disse: - Óh, tá alagando a cidade, tá alagando a cidade... aí eu voltei pra dentro de casa e botei uma bermuda lá e uma camiseta, e de pé no chão mesmo, eu sai e fui lá na casa do meu pai que também é um terreno alto né, e pra saber o que ele sabia a respeito, o que tava acontecendo, e ele disse: - Óh, alguma coisa arreventou por aí, a cidade alagada aí e tá as pessoa subindo nos telhado aí, apavoradas e gritaria... e ai fomos na, hã... no portão, na cerca lá da, da casa dele né, pra ver na esquina assim, o que que tava acontecendo, e a gente viu uma cena incrível né, que era a correnteza pra um lado na rua Anchieta né, e a outra passando na frente da nossa casa assim, e cadeira passando boiando, engradados de bebidas, madeiras, sacos de lixo, cavalos assim, meio que perdido assim na, andando no meio da rua assim, sem rumo né, e ai eu voltei correndo pra minha casa e peguei uma máquina fotográfica né, e subi lá no muro da casa do meu pai, fiz várias fotos, gravei um vídeo também, da cena da esquina né, e ai depois de fazer essas, esses registros eu, eu vou sair pra ver o que que tá acontecendo aí, e ai mais ou menos assim, a nosso terreno lá em relação ao leito da rua, tem uma diferença assim de mais ou menos um metro, e a água tava entrando pra dentro do nosso pátio, pela entrada da garagem né, da casa do meu pai, ela entrou mais ou menos uns quarenta centímetros, e tem uma escada no portão né, e nós ficava cuidando, quantos degraus aquela água ia subir né, ela subiu até uns determinado degraus né, e ai depois parou e começou a descer né, e ai eu aproveitei e sai pra rua, me agarrando nas grades do muro assim, a cerca que protege a casa ali e fui até a esquina me agarrando nos outros muros, a minha casa fica, hã... três ou quatro casas depois da esquina né, depois da casa do meu pai também, mas cheguei na esquina e não tinha como passar por causa da correnteza né, e eu tava de pé no chão e pensei, “não, vou arriscar me cortar os pés aí”, ai voltei em casa, botei uns tênis velho lá, e disse: - Bom, eu vou sair né, pra ver o que tá acontecendo na cidade, as rádios tudo

fora do ar, a nossa rádio lá também tava fora do ar, isso era já entre seis e meia e sete horas da manhã...

Juliano: Do dia onze?

Pedro: Do dia onze né!

Juliano: Começou dia dez...

Pedro: É, ela começou na noite do, na verdade a chuvarada assim, ela começou no dia dez né, e a enxurrada estourou na cidade por volta de quatro e pouca da manhã né, que foi quando rompeu os pontos onde a água tava sendo represada, ponte do passo dos baios e ai então o que a principio era uma enchente, se tornou uma enxurrada né, porque veio um grande volume de água em direção a cidade, soco assim, de golpe né, sem dar tempo pra praticamente as pessoas fazerem nada né, então eu botei tênis e fui de novo até a esquina, e ai a muito custo consegui atravessar aquele trecho da esquina, ali que tinha as duas correntezas né, era muito forte e eu atravessei mais ou menos até o meio da rua, e ai então pra não continuar lutando com a correnteza eu peguei a rua Anchieta né, e segui sendo empurrado assim pela correnteza né, mas com o pé firme no chão até a esquina da Floriano, onde ali já era mais baixa a água né, porque ali na esquina da Anchieta com a Júlio de Castilhos, a minha rua ali, a água dava mais ou menos acima do joelho né, deveria ter uns sessenta centímetros de altura né, mais ou menos isso, meio metro né, e ai fui até a Floriano onde já era mais baixo né, e ali consegui então subir a Floriano, e ai já vi lá trator com, resgatando gente, reboques, carros né, as rodas dos carro praticamente tapadas assim, carros não, caminhonetes, caminhões né, trator também, com água bem alta nos pneus né, e ai então fui subindo a rua pra tomar ciência do que tinha acontecido.

Juliano: O que foi a enchente na tua vida Pedro, tu acha que pode dizer que mudou alguma coisa com a enchente, não mudou, seguiu igual?

Pedro: Olha, eu já, como jornalista né, quando eu trabalhava em Pelotas no diário da manhã, eu já tinha tido a experiência na cidade de Pedro Osório, eu nessa época lá eu dava, eu dava aula na cidade, e também trabalhava no jornal e, mas não era o dia de eu dar aula né, que nem era a época, porque era carnaval, fevereiro de 1983, e teve uma enchente em Pedro Osório, ali junto ao rio Piratini, e em função das relações de amizade assim, e o interesse jornalístico lá do jornal, eu fui destacado

lá pra ir a Pedro Osório fazer uma matéria, uma reportagem sobre a enchente né, então a enchente lá foi numa, na noite de terça-feira, a última noite do carnaval né ... Parecido aqui com a mesma situação de São Lourenço né, é as pessoas tavam lá no ginásio de esportes lá, pulando né, e tinha chovido muito e de repente lá por quatro horas da manhã né, as pessoas começaram a gritar: - Olha o rio subiu, a água tá vindo aqui. E acabou o baile, acabou o baile porque a água começou a entrar no ginásio também né, e eu cheguei lá, a cidade com mais ou menos uma quatorze horas assim, a parte central ali alagada né, e aí na quinta-feira de manhã eu cheguei de Pelotas pra fazer a reportagem né, então quando fui entrando assim no, no centro da cidade ali na praça perto do banco do Estado ali, comecei a ver aquilo, parecia uma cena de... parecia cena de guerra assim, móveis jogados nas ruas assim, é muros caídos né, e enfim, muita sujeira nas ruas, muita lama, as pessoas já limpando o barro de mangueira, da maneira que podiam né, e aí fiz a reportagem. Andei nos dois lados da cidade né, no Cerrito que na época pertencia a Pedro Osório. Vendo a destruição lá. Fui na casa de amigos lá, é... não, não pude ter tempo pra ajudar né, porque eu tava fazendo uma matéria né, eu tinha que fazer a matéria, fazer fotografias e voltar pra apresentar no jornal de tarde né, mas acompanhei tudo assim, o sofrimento das pessoas né, as perdas, enfim né, e... e aí alguns anos depois em 92 teve a maior enchente de Pedro Osório e era, foi no verão também, no final do verão, há... na verdade foi, já era em abril, abril de 92. Foi um verão muito chuvoso né, e... e deu enchente em todo o estado e lá em Pedro Osório teve uma grande enchente que derrubou a ponte rodoviária, há... duas pontes rodoviária né, a da entrada da cidade e a que separava um lado da cidade e o outro, Pedro Osório e o Cerrito, derrubou, a cidade ficou sem ligação rodoviária...

Juliano: Dá pra dizer que teve mais de uma enchente na tua vida?

Pedro: Isto né, então aí eu tava em São Lourenço, tinha vindo passar um final de semana aqui na casa dos meus pais e tava acompanhando o noticiário e daí a pouco “Pedro Osório: a maior enchente de todos os tempos, a cidade tá ilhada, não há acesso pela BR 116, as pontes caíram, não há ligação entre um lado e outro da cidade, a ponte rodoviária caiu, a única ligação é pela BR 392”, que vai pra Bagé né, que aí teria que ir até o Cerrito e passar por cima, pela ponte do trem né, e aquela desgraça toda no noticiário. E aí eu me lembro que eu consegui dois sacolões bem

grande aqui e enchi um de roupa e outro com alimentos assim, massa, açúcar, café, enfim, uma série de coisas. Vou lá ajudar o pessoal, vou lá ajudar as pessoas que eu conheço, levar roupa, levar alimentos né, e fui né. Foi uma coisa muito complicada porque até ir em Pelotas tava difícil conseguir um ônibus pra lá, o... havia muitas linhas interrompidas né, mas consegui um ônibus lá pra Bagé. Desci lá no trevo com mais gente que também tava levando ajuda né?! E aí batia água e conseguimos lá uma, uma carona num caminhão assim e até a cidade de Cerrito né, e dali a gente então fosse ter que atravessar a ponte do trem né, batendo água, aquela ponte enorme lá e nós apavorados lá botando pé, atrás de pé lá nos dormentes assim molhados né, o pessoal com medo, muita gente com medo de altura, olhavam lá pra baixo, aquela água toda no rio né. E já no Cerrito nós vimos assim à destruição tremenda né, e quando cheguei no outro lado, em Pedro Osório também, troço terrível mesmo né, aí fui na casa de um amigo lá. Sempre a casa dele sofria com as enchentes né, aí deixei roupa lá, deixei comida, fui em outra casa lá também, deixei né. E no fim eu não tinha ido com a ideia de ficar lá e acabei ficando praticamente oito dias com a roupa do corpo lá, ajudando todo mundo lá a lavar casa, carregar, buscar comida, porque aí foi o exército pra lá pra ajudar, pra... barracas pras pessoas fazer comida, fazer uma ponte provisória sobre o rio ali, enfim, toda um processo de reconstrução...

Juliano: Tu vê parecido o que houve lá com aqui?

Pedro: Ah sim, essa segunda enchente em Pedro Osório foi idêntica assim, pois a gravidade foi o mesmo nível né?! Felizmente lá morreu uma pessoa só né, lá foi, lá foi enchente, lá foi enchente, ou seja, a água vinha subindo né, inclusive lá tem o folclore assim quando chove tem muito da, das pessoas na beira lá do rio né, e ficou olhando o rio né, e aí vai um marca numa pedra daí a pouco vai lá marca outra pedra pra ver se o rio vem subindo né?! Então as pessoas nem dorme acompanhando o movimento do rio né, que é enchente, lá é enchente né...

Juliano: Sim, é diferente da enxurrada...

Pedro: Da enxurrada que é, foi uma explosão de água aqui, então eu tinha essa experiência forte assim né, de ver uma catástrofe dessas né.

Juliano: Já que tu citou as outras, se tu fosse... pedir pra ti comparar em proporções. Qual seria assim a, o maior número de... qual a proporção... **Pedro:** O maior impacto?...

Juliano: O maior impacto seria essa daqui com as outras que...

Pedro: Ah sim, realmente a daqui foi...

Juliano: A daqui foi maior? ...

Pedro: Muito maior. Claro, não há dúvida né?! Pela, a grande quantidade de casas assim que, que... destruiu, que atingiu, número de mortos né, foram sete mortes né?!...

Juliano: Teve mais? Nove, eu acho...

Pedro: É... alguns dizem que houve mais, enfim, né. Mas aqui certamente foi bem maior né.

Juliano: E o que que interferiu a enchente no teu meio de trabalho? Chegou a interferir alguma coisa no meio de trabalho? A rádio seguiu funcionando? Como é que foi?

Pedro: Pois é. Eu tava, eu tava saindo né, já tinha sabido através do meu pai e fui lá conferir o, hã... as rádios tavam fora do ar né? É... logo no inicio da manhã faltou luz na cidade, faltou luz em toda a cidade né, e imagino que foi por volta de umas... hã... oito, oito e meia mais ou menos da manhã que foi estabelecida energia que a CEEE cortou, cortou a energia das áreas que continuavam alagadas né, mas na área central de São Lourenço né, que é bem alta, que não tinha sido atingida, a CEEE restabeleceu a energia. Então é... eu sai de casa justamente quando fui tentar saber o que tava acontecendo ali né, já com a idéia assim "Bom, vamo ver se a rádio consegue voltar o mais rápido possível até pra fazer um trabalho aí de, de auxilio né?!" E... mas aí fui até o trecho ali da, da cidade e... pra ver as áreas inundadas assim principalmente na Floriano ali abaixo do colégio das Freiras né?! E... e vi que a coisa era feia mesmo né?! E aí voltei pra casa e alguns minutos depois que eu voltei pra casa à luz, hã... foi, a energia foi restabelecida no centro da cidade né, e... e aí eu disse: - Bom, a rádio tem que tá no ar. Porque as outras rádios da cidade né, tavam fora do ar, a rádio são Lourenço que tem o transmissor lá na área mais alagadiça ali próximo ao, ao camping né?! Tava fora do ar e nós tínhamos um programa que começava às dez horas da manhã é, era um programa de alcance

popular assim. Bom, tá aí a oportunidade da rádio presta um serviço né, então eu fui direto lá pra rádio né, ligamos tudo lá e a rádio voltou ao ar né, e aí fiquei esperando chegar o apresentador das dez horas da manhã né, que começava, na verdade era das nove, nove horas da manhã né, esperei ele chegar porque ele também achava que, que nós não ia ter condição de colocar a rádio no ar né, e aí ele chegou em seguida, umas nove e meia e o programa entrou no ar e nós já começamos a, a fazer o aquela a campanha assim, pedindo pro pessoal que não tinha sido atingido pela enxurrada pra conseguir água, roupas, é... alimento, colchão...

Juliano: Naquele primeiro momento da enxurrada, pode se dizer que a, que a mídia de São Lourenço ficou nas mãos da rádio Vida FM então?

Pedro: Na, todo aquele primeiro dia né?! A única emissora de rádio, o único veículo de comunicação que tava em funcionamento em São Lourenço era a Rádio Vida né?! E isso foi tão importante pelo seguinte, o comando de, da Defesa Civil ficou estabelecido na praça ali a 150 metros da rádio né?! ...e então a gente ia... A gente fez contato com eles né, e pegamos lá, anotados uns procedimentos eu, as pessoas deveriam ter cuidado com as ligações elétricas, a água, não tome água sem ferver, enfim, não saia pra caminhar dentro da água lá, sem, sem alguma coisa nos pés, hã... quem tiver ferimento não entre na água pra não se contaminar com leptospirose, enfim, e aí começamos dar esses anúncios né, hã... na rádio, e...e aí perto de meio-dia mais ou menos nos ligaram pra rádio, pessoal, hã... moradores dos Passos dos Baios, que é uma população expressiva lá, que a ponte tinha caído né?! De acesso e pela BR 116 também tava interrompido o acesso, então eles tavam ilhados e tavam sem luz, sem água né, com extrema dificuldades né, e pessoas doentes lá precisando vim hospital, enfim, pra consulta, tavam estressados né... e aí então uma pessoa de lá telefonou pra rádio usando o celular né, e disse: - Óh, óh, nós tamo apavorado aqui, pede pra vim nos ajudar também, tamo sem água, tamo sem luz, aqui pegou várias casas também, foram inundadas, o pessoal tá sem comida também. E aí então eu me lembro que eu sai correndo da rádio e fui lá no comando da defesa civil e aí reporte pra eles o, essa informação né, e daí uns vinte minutos mais ou menos eles, os helicópteros tavam fazendo um resgate né, de pessoas que tavam sitiadas, ilhadas no alto das casas aí né, e aí uns vinte minutos, meia hora depois eles destacaram o helicóptero pra ir lá no passo dos baios né, pra

levar água e, e mantimentos pras pessoas né, e eu sei que também, quando eles voltaram, trouxeram pro hospital uma senhora que tava passando mal lá, não sei que enfermidade ela, ela tinha ou teve, um mal estar ou alguma coisa, e ela foi resgatada pelo helicóptero, foi a função da rádio e até o outro dia mais ou menos ate o meio-dia, pouco mais assim, a rádio continuou sozinha né, porque a radio São Lourenço ainda continuava alagado lá, ai eles demoraram quase 48hs pra voltar ao ar né, e nós ficamos fazendo aquele trabalho né, e não só no dia seguinte, mas depois também, aquele trabalho de, de solidariedade né, uma campanha, solidariedade, alerta pras pessoas terem cuidado, enfim né.

Juliano: Qual uma perda significativa que tu acha que a cidade teve naquele momento, qual foi a maior perda significativa, foi a luz, foi a...

Pedro: A maior perda foi às vidas né, as pessoas que morreram, isso é superior a tudo né...

Juliano: Na, claro, na época tua ocupação, hã... na rádio era ...

Pedro: Eu era o diretor de programação da radio né...

Juliano: Você teve alguma relação, a rádio teve alguma relação com alguma escola assim, teve alguma, alguma campanha relacionada a isso ou que tu saiba que teve alguma campanha que a rádio fez, ou alguém teria feito né, como tu faz parte da mídia aqui de São Lourenço, tu teve alguma campanha as escolas, as crianças...

Pedro: Sim, sim, claro... a rádio é, a enxurrada foi no dia 11 de março né, aliás, 10 de março de 2011 né...

Juliano: O efeito foi no dia 11...

Pedro: Então, é já no dia 11 né, então todo trauma que houve na cidade retardou o inicio das aulas né, que iam começar logo depois, o carnaval terminou no dia 9 de março né, e as aulas começariam acho que na semana seguinte né, se não me falha a memória, mas ai em função... em, em função do caos que envolveu a cidade as aulas foram, foram adiadas o reinicio né, bem e ai, hã... surgiu a ideia né, na rádio, não me lembro assim quem é que deu a ideia, não sei se eu tive a ideia ou quem é que deu a ideia, alguma coisa assim, não me lembro exatamente como que surgiu, nós fizemos uma, uma campanha né, de, de, pra material escolar, porque quando marcaram o reinicio das aulas, uma boa parte de alunos, moradores nas áreas atingidas né, não tinha nada pra ir pra escola, não tinha... não tinha caderno, não

tinha lápis, não tinha nada, porque eles perderam tudo dentro de casa né, e então nós fizemos uma, uma campanha pra juntar material escolar né, e conseguimos assim, doações em dinheiro de várias pessoas, a rádio mesmo colaborou também e aí conseguimos um entendimento, com um apoiador da rádio, um patrocinador que foi a Risque e Rabisque, uma livraria né, conseguimos assim um preço super-camarada de um kit de material escolar que era uma pasta, uma pasta plástica com elástico assim, com caderno, lápis de cor, caneta, e, e lápis preto, borracha, régua né, e juntamos mais ou menos 300 kits daqueles e aí a rádio distribuiu na, na beira ali da, do rio...

Juliano: Qual escola que recebeu?

Pedro: Não, nós entregamos direto nas casas, onde havia crianças, nós chegava numa...

Juliano: Quais bairros?

Pedro: Na, na zona que chamam de graxeira...

Juliano: Graxeira... Seria a parte da lombaa? Lá de baixo?

Pedro: É, é na beirada do arroio, beirada do arroio é a parte mais atingida ali, então nós chegava, é... ou via já que tinha criança ou perguntava e aí vinha as crianças e pra cada criança nós entregava um kit daquele né, ...

Juliano: E esse kit seria, foi subsidiado por alguém, pela rádio mesmo, como é que?

Pedro: Não, a rádio entrou... A gente fez um chamamento, várias pessoas, um dava R\$ 10,00, um dava 50, uma senhora de Porto Alegre se não me engano ouviu na rádio e foi lá na Risque e Rabisque e deixou lá R\$100,00 lá com o proprietário: - Olha, minha colaboração aqui pra essa campanha lá, tá aqui, aí vocês vejam aí como é que vai ser né. Então fizemos esses 300 kits mais ou menos que deu né e, e aí fizemos então essa distribuição durante uns cinco dias mais ou menos, é... eu e mais duas pessoas, nós fomos passando ali naquelas casas mais atingidas e deixamos os kits, fotografamos lá as crianças com o kits.

Juliano: O fator psicológico te afetou, Pedro?

Pedro: Ah sim, certamente, claro, claro...

Juliano: Nessa, nessa... Com a convivência desse momento aí?

Pedro: Claro, porque é, a gente não só o impacto de ver assim né, uma parte da cidade destruída né, mas depois de, de ir lá pra, pra, hã...verificar as coisa que a

gente, a rádio também fez muita fotografia dos pontos pra divulgar na internet enfim, pra que em outros lugares vissem realmente, a coisa foi muito forte, pras pessoas terem uma visão e, pudessem ajudar, se sensibilizasse, então fizemos muita fotografia, então vimos cenas assim dramáticas e não tem como tu não te abalar, ver as pessoas chorando porque perderam tudo o que tinham do trabalho de uma vida né, enfim e... as pessoas que faleceram também né, ...

Juliano: As pessoas ao teu redor, tu acha que sofreram alguma, com fator psicológico também, foi meio em geral as pessoas no teu meio de trabalho, da rádio que tu conheça, pessoas próximas de ti?

Pedro: Ah sim, claro...

Juliano: Tu acha que é uma coisa meia geral mesmo assim...

Pedro: Nós tivemos colegas da rádio que foram atingidos também, foram vitimas também né, e nós fizemos também, há... uma coleta assim, vamos dizer, nós juntamos uma série de kits de alimento né, e levamos pra varias pessoas né, e ai foi uma coisa mais pessoal minha né, pra várias famílias assim, umas quatro famílias, de amigos assim, nós fomos lá levar um kit básico assim, um arroz, feijão, o café, açúcar, massa né, biscoito né, que é pra pessoa ir pelo menos né, é... eu me lembro que teve um acaso de um colega que tava desolado, o Áurico Centeno né, e bah, ele agradeceu muito assim quando a gente chegou lá com, com aqueles alimentos assim, ele disse: -Bah, mas uma coisa eu vou te, eu vou te pedir, me consegue duas cadeiras, dessas de praia porque nós não temos onde sentar. Né, e ai eu sai direto e fui lá em casa né, e levei as cadeiras né, e, e aí o outro depoimento assim que dava um nível de dramaticidade nas pessoas né, uma casa que a água praticamente tapou assim, chegou a 2 metros e tanto né, na porta de entrada dessa casa né, ai a moradora lá, que é uma família de amigos meus, a moradora é, também agradeceu lá os alimentos que eu levei e tal, e pediu se eu não conseguiria pra ela duas calcinhas, porque ela tinha perdido toda a roupa, tava tudo lá, enlameado dentro de casa né, tu entrava dentro das casas, era tudo caído e cheio de lama né, os guarda-roupa se não tinha caído tava, as roupas lá dentro tava tudo molhado, cheio de lama né, então seria, levaria dias até pra...

Juliano: Tu acha que o impacto foi muito grande na sociedade lourenciana?

Pedro: Foi, foi...

Juliano: Ou houve, ou houve uma diferença de quem sofreu e quem não sofreu?

Pedro: Não, claro obviamente que quem sofreu, o impacto foi muito maior mas mesmo as pessoas que não sofreram diretamente, que não foram vitimadas, que não perderam bens materiais ou familiar né, elas também foram impactadas né, porque isso te dá uma, uma, uma, uma redução de todos seus conceitos assim de, de, de, de inserção do mundo né?! De repente quem tinha uma vida muito tranquila há... como eu falei, eu perdi todo o conceito que eu tinha de tranquilidade de morar em São Lourenço né porque... bom se aconteceu uma vez, poderá acontecer outro, outra vez...

Juliano: Já tinha acontecido algo...

Pedro: Não...

Juliano: Décadas atrás?

Pedro: Enxurrada nunca aconteceu, acontecia as enchentes de 15, 20 anos, as enchentes, normais. Quem mora na beira do arroio sabe que tá sujeito a eventualmente a água...

Juliano: Sim, mas houve uma grande a décadas atrás?

Pedro: Sim, teve uma, mas era enchente, a água vinha subindo tranquilamente, dava tempo das pessoas sair de casa né, a enxurrada é diferente né, então assim o impacto foi muito grande né....

Juliano: Solidariedade aconteceu realmente de fato?

Pedro: Claro, claro, e como eu já tinha...

Juliano: Gente de fora e teve gente...

Pedro: Sim, muita gente de fora, a solidariedade foi enorme e como eu já tinha a experiência, visto e percebido, e ouvido nas minhas experiências de enchente, lá em Pedro Osório, também aconteceu aqui, onde se vê a solidariedade ao lado da esperteza né, a vigarice também, então pessoas se aproveitaram né?! Da enxurrada... do momento de fragilidade, enfim, pra se locupletar de uma outra forma de, há... surrupiando doações, enfim, das maneiras mais...

Juliano: Naquele momento a cidade ficou quase que uma situação de guerra...

Pedro: Sim...

Juliano: Como tu é um cara da mídia assim, tu tem uma ótica diferente talvez das demais pessoas, há... por ser um cara da mídia, por ser um cara que trabalha com a

mídia, que é um cara que visualiza coisa. Daria pra dizer que o pessoal que sofreu a enchente naquele momento, ao mesmo tempo em que recebia a solidariedade, de grande parte da comunidade lourenciana, como solidariedade de gente de fora da cidade de São Lourenço. Também não teria uma outra ótica sobre essas pessoas que sofreram a enchente, como se outras pessoas que passaram assim por esses meios, por esses nichos, por essas famílias, por essas casas que sofreram, como se aquilo fosse uma questão de curiosidade, como se fosse um grande circo? Tu acha que poderia, houve isso, poderia haver isso?

Pedro: Houve muito isso, houve muito isso, é... a gente, é... nesse... trabalho de fazer o registro fotográfico das cenas, da cidade assim destruída, enfim, pra fazer esse trabalho de nível de divulgação, pra que houvesse acessibilidade das pessoas em outros lugares, enfim, nós saímos pra fotografar e a gente sentia às vezes assim uma, uma certa, um incomodo das pessoas que tavam no seu pátio, na frente de casa, fazendo uma limpeza, jogando coisa na rua, é... num sentido assim de que achavam que a gente tava ali por uma curiosidade mórbida né?! – Ah, essas pessoas não tem o que fazer, vem ver aqui a nossa desgraça. Alguma coisa nesse sentido. O nosso caso a gente tava lá por um trabalho né?! Era um trabalho de telecomunicação, mas a gente viu realmente pessoas que tavam simplesmente para ver a tragédia né?! Ou sentir daquele que já tava é...é... fulo da vida porque tinha perdido sua casa, seus bens, era só o que faltava, ainda vem gente assistir a minha desgraça né?! Pessoas que ficavam pela curiosidade de ver o que aconteceu, enfim, passando lá de carro né?! Caminhando né?! Enfim...

Juliano: O governo auxiliou?

Pedro: Sim, todos os governos auxiliaram, inclusive na, na manhã que eu sai a caminhar logo que estourou a... a enxurrada, talvez assim, na manhã que estourou a enxurrada né, nove e meia da manhã eu, a primeira personalidade de governo assim que eu encontrei, que eu vi, tava em São Lourenço, que foi muito rápido né, foi o Vice-governador do estado né?! Que já tinha sido prefeito de São Lourenço, Beto Grill, que eu encontrei ele numa esquina né, há... acompanhando né, já vendo em logo o que que tinha acontecido e já telefonando ali com os assessores dele, telefonando do celular e agilizando a defesa civil do estado, o corpo de bombeiros

pra, pra vim aqui, enfim, realmente depois tava cheia a cidade de helicópteros ai, unidades de bombeiros e ambulâncias, barcos enfim.

Juliano: Tu acha que poderia ser evitado essa enxurrada? Acha que poderia a, de alguma forma ser amenizada todo o impacto que teve?

Pedro: Não, não tinha como ser evitada né, não tinha como ser evitada que a natureza causasse... aquele impacto.

Juliano: Mas, mas digamos assim, pela ótica que somente às onze horas da noite, dia dez, dez horas da noite foi quando estourou a ponte que liga Pelotas a São Lourenço, não seria estranho onze horas da noite acontecer isso, quer dizer no mínimo cinco horas, seis horas antes da, antes do, do evento, não poderiam ter...

Pedro: Neste, neste sentido é o entendimento que eu tenho, não de agora, do dia seguinte vamos dizer assim, porque eu, eu lembro que na noite anterior tinha um programa na rádio que terminava meia noite, ele terminava meia noite, tá certo, e esse rapaz morava no passo dos baios, ele vinha de moto e ele terminou o programa dele, isso ele me contou no outro dia, porque ele me telefonou: - Olha, não vai dar pra, não vai dar pra fazer o programa no outro dia né. E ai ele me contou o seguinte, que ele saiu à meia noite da radio né, a chuva tava mais ou menos, não tava uma chuva forte né, e foi em direção ao passo dos baios, chegou ali a ponte já estava tapada d'água, bem antes já não conseguia, não se havia, não se avistava a ponte, já tinha sido tapada a ponte, ai a solução dele foi dar a volta e sair pela estrada do, do camping, uma outra estrada que tem ai, e passar lá pela fazenda, pela, pela fazenda São João ali, fez toda uma volta né, daí ele conseguiu chegar em casa bem, isso era meia noite, e mais ou menos por volta de uma hora, fui na, fui na, fui na, na rádio e a cidade tava tranquila, tu não via movimentação nenhuma assim, mas cheguei no, no posto de gasolina e o pessoal falou que o ônibus dos estudantes não tinha conseguido, o ônibus que chegava por volta de meia noite e dez aqui na cidade, que vem da escola técnica...não tinha conseguido passar pela BR porque as duas pontes na BR ali, no Passo dos Carros, a pista tava interrompida, nem se via mais ponte mas a pista tava interrompida aqui, era tudo água, bem, então algo de muito grande tava acontecendo né, e a rádio a uma hora, a rádio saia do ar, e até a uma hora não se viu mais nada, a rádio São Lourenço saia do ar, na época umas onze horas da noite né, e a gente sabe, ficou sabendo depois, que desde nove

horas da noite já havia um alerta muito grave de que lá no interior, ali no Passo do Pinto a ponte já tinha caído lá, era grande, um morador ali próximo foi resgatado de cima do telhado, algo inexplicável, porque nunca tinha sido visto, então telefonaram de lá pra cidade pra prefeitura avisando: -Olha, a coisa é muito grande. E ai então se comenta, se soube que ai houve, foi chamado pessoas na prefeitura pra uma reunião, passaram de nove horas da noite, e ficaram lá até depois das onze horas discutindo o que iam fazer, mas que resolveram não lançar um alerta pra não causar pânico na população, e então eu fiquei pensando o seguinte, bem com as rádios no ar, as duas rádios poderiam ter sido requisitadas pra dar um alerta já pras pessoas: -Olha, se preparem que tá vindo ai uma enchente. Não precisava ser: - Olha tá subindo muito o nível, já alagou lá, é, tenham cuidados, fiquem alertas e não durmam, fiquem aguardando.

Juliano: Cidades vizinhas não foram avisadas?

Pedro: Na cidade de Turuçu já tinha havido lá um, um trabalho de, de retirada das pessoas...

Juliano: Horas antes?

Pedro: Horas antes da meia noite, de retirada das pessoas da área ali próxima ao arroio de Turuçu né, e aqui não aconteceu nada né, o que se sabe assim, que eu soube é que, por exemplo, por volta de uma hora né, a água já tava saindo do leito do arroio ali atrás da cooperativa né, aqui bem no centro né, e o pessoal, tava uns vigilante da cooperativa de arroz, tavam em cima da ponte acompanhando e, e pelo que viam né, a quantidade de água que vinha correnteza forte com muito entulho, que ia ser forte a coisa, e já ficaram preparados, e os moradores ali que ouviram as conversas dos vigilantes em cima da ponte, um amigo meu que mora ali perto né, que foi a casa dele bastante atingida né, ficou sobre aviso já na porta, óh o troço vai vir, sempre vem né, na beira do, do rio né?! Mas de resto pra cidade não teve um alerta assim, soube depois que já era irreversível, em cima, na última hora a prefeitura requisitou o serviço de carro de som, quatro horas...

Juliano: As pessoas pensavam que era carro de, de carnaval...

Pedro: Às quatro horas da manhã botaram hã... dois ou três carros de som nas áreas hã... hã... ribeirinhas ali avisando né, as pessoas, pedindo pra ela saírem de casa, mas era muito tarde né?!

Juliano: Quem seriam os maiores culpados com essa enxurrada do dia 10 de março de 2011?

Pedro- Olha, não... culpados, não se pode culpar ninguém é... por um fenômeno da natureza né?! Não sabe porque que choveu tanto naqueles, naquelas vinte e quatro horas antes, desabou o percentual de chuva que seria de quatro meses que choveu em vinte e quatro horas.

Juliano: Vou estender a pergunta. Direta ou indiretamente?

Pedro: Bem aí são todo o fenômeno climático que provoca alguma catástrofe, sempre a nossa tendência é atribuir aos efeitos da, há... da ocupação humana na degradação ambiental, fim, então nesse sentindo né?! Essa tese se poderia dizer então, bom a culpa é do homem que tá destruindo a natureza, que tá desmatando né, enfim... poderia ser por aí.

Juliano: Considerações finais então sobre o acontecido, Pedro. Que que tu poderia dizer assim de considerar dessa enchente, dessa enxurrada em São Lourenço do Sul?

Pedro- Eu, eu tenho uma observação assim que, que há... fantástica assim que eu, aqui em São Lourenço eu vi bem muito claro né, Pedro Osório já, eu tinha visto da enchentes lá mas lá é uma cidade de um padrão mais, vamos dizer assim é um padrão de vida melhor, não é uma cidade de agricultura rica, não é uma cidade com grande número de pessoas ricas né, então a cidade é mais assim média né, é... mas São Lourenço...

Juliano: Aproveitando agora que tu citou isso, desculpa, depois a gente volta essa questão. Tu acha que com a enchente houve uma diferença há... diferença de, ou foi, a sociedade que foi afetada absurdamente no lado material, tu acha que houve, foi mais o lado material que afetou a cidade ou foi mais o lado psicológico ou lado espiritual, sei lá. Qual seria o... tu acha que houve diferença na enxurrada pra antes e depois, tu acha que a maioria das pessoas conseguiram sair bem dessa ou tem gente, há... a maioria das pessoas pobres ainda tão com dividas, tão com resquícios ...

Pedro: Eu ia te dizer assim, uma cidade como Pedro Osório em que a, vamos dizer assim, o número de famílias pobres é muito grande e de famílias de classe média, baixa e alta, classe média é muito grande e é mínimo o número de pessoas ricas

né?! Ah... o impacto, o impacto ele é diferente do que em São Lourenço, onde tu pega uma região, a região que foi atingida, que tinha uma grande quantidade de famílias pobres, mas por exemplo, na região da Barra atingiu famílias de grande, grande números de famílias, de grande poder aquisitivo né, que perderam muitos bens materiais e também as vidas né, mas nessa questão dos bens materiais perdidos, ah... a minha observação que eu vi assim, pelas pilhas de coisas que as pessoas botavam na rua né, que uma, uma descoberta as pessoas, aquelas pessoas que tinham muito dentro de casa, puderam fazer, que elas poderiam viver com muito pouca coisa, que elas não precisavam... que elas não precisavam mais do que cinquenta por cento das coisas que elas tinham dentro de casa, elas não precisavam ter, que eram coisas supérfluas, que as pessoas vão acumulando por consumismo né, é que nem usam mas tava lá dentro de casa, que a gente via, as pilhas né, então assim, claro as pessoas pobres que tem muito pouco, elas perdem muito pouco, numa... elas sobrevivem melhor, elas não tem quase nada mesmo, então quase nada do que elas perder, não representa tanto né, e ai vem o trabalho da solidariedade, elas até ficam numa condição melhor do que tinham antes né... os que tinham, os que tinham muitas coisas, esses realmente, levavam e alguns devem estar até hoje pagando as contas daquilo que tiveram que adquirir depois, porque em muitos casos eram pessoas de, ricas, aposentadas que tinham dentro de casa um acúmulo de coisas referente a uma vida de trabalho, que de repente foi água abaixo né, e agora sem a mesma vitalidade, sem a mesma força de trabalho, enfim, teriam que reconstruir sua vida, remobiliar sua casa, então essas pessoas perderam muito e sofreram mais pra se adaptar, talvez algumas até hoje não conseguiram colocar dentro de casa a metade do que perderam né, ou espero que algumas até tenham se dado conta que não precisariam colocar de novo aquelas coisas, que tinham, muita coisas supérfluas dentro de casa né.

Entrevistada: Janaína Schaun

Entrevistador: Juliano Torres Fraga

Projeto: “A catástrofe ambiental da enxurrada de 2011 em São Lourenço do Sul – vivências e recomeço no tempo presente pela ótica dos professores da rede pública escolar”.

Data: 17/05/2014

Data de nascimento: 24/06/1978

Local de nascimento: São Lourenço do Sul - RS

Experiência com educação (locais de trabalho e cidades): iniciou na escola municipal Luís Antônio, trabalhou em escola multiseriada na região de Santa Galo e agora está na escola Izolina.

Ideologia: Espiritualista

Religião: espírita.

Formação: Pedagogia – UCPEL, Pedagogia habilitação matérias pedagógicas – especialização em psicopedagogia - Educar Brasil.

Residência Atual: Santo Antônio, 567 - Bairro Navegantes.

Residência no dia 10 de março de 2011: mesma.

Onde se encontrava no dia 10 de março de 2011: em casa.

Função Profissional no dia 10 de março de 2011: vice-diretora em um turno, e professora no outro turno.

Local de trabalho no dia 10 de março de 2011: Escola Municipal Professora Izolina Passos.

O que perdeu com a enchente: livros, móveis, roupas, tv, geladeira, fogão, todas as coisas pessoais.

Juliano: O que você lembra da enchente e o que marcou?

Janaina: Eu lembro da ligação da minha mãe que morava numa rua antes, me avisando que eu não acreditei né, que ninguém acreditava. Quando eu sai pra frente de casa, porque era rua que todo mundo achava que não ia pegar, que não tinha perigo né. De tu entrar depois assim e vê tudo destruído, tu não ter mais nada né, aquela sensação de impotência e da solidariedade, muita gente me ajudou assim, muita gente me procurou, me ajudou a limpar a minha casa.

Juliano: Que foi a enchente na sua vida, ela modificou alguma coisa na tua vida? O que?

Janaina: É! Eu tive prejuízos materiais né. Mas que com o tempo eu consegui superar, eu acho as dificuldades, mas me fez dar muito valor assim as... como é que eu vou te dizer, as recordações né, como a gente tava falando das fotos né, das coisas que era uma vida registrada que eu perdi... ã... das coisas que eu tinha até do meu trabalho também né, o acervo que eu tinha né, de livros, de diários de aula e essa parte assim de dar valor assim a... eu não.. eu... eu perdi o hábito de guardar as coisas assim, eu não tenho mais esse hábito, não sei se isso é bom, é negativa ou positiva mas eu não guardo mais assim as coisas, agora se guardar alguma coisa é só na via internet ,eu acho que é um tipo de um trauma, não tem muito.

Juliano: O que interferiu a enchente no teu meio de trabalho?

Janaina: É no início assim, eu tinha sala de aula né, eu acho que prejudicou nos meus planejamentos eu...eu fiquei meio perdida assim né, aí eu comecei a arrecadar coisas dos colegas.

Juliano: Como foi aqueles primeiros momentos?

Janaina: É que a gente fica...eu não sei, eu fique, é...

Juliano: No teu ambiente de trabalho teve colegas que sofreram também?

Janaina: Não lá eu e uma outra colega, só duas... ela, acho que sofreu mais do que eu até, porque tapou a casa dela, ela morava perto do arroio e perdeu tudo também né, não sei, a gente foi muito bem acolhida pelos colegas assim, pessoal sempre preocupado né, tentando ajudar de alguma forma as gurias, hã... eu mesmo eu, eu me lembro que pra voltar as gurias me deram até dias a mais, hã... pra nós ficar em casa pra organizar as coisas né, ai depois quando a gente retornou pra escola né, tinha um carinho, uma atenção especial de todos, mas a gente fica triste né, mas tem que arregaçar as mangas e seguir pra frente assim né.

Juliano: Teve alguma perda significativa pra ti, de alguma coisa ou de alguma pessoa ou algo que te marcou naquele momento?

Janaina: Não, graças a Deus não, acho que o que mais dói na gente é perder uma vida né, aquilo que se foi, foi só material né. Como eu te disse, é uma perda a gente sofre no momento, fica decepcionada, mas a gente consegue com o tempo reaver as coisas, agora assim perda, assim de alguma pessoa ou alguém querido não, eu

escutei historias de São Lourenço, de um menino mesmo, eu cheguei a conhecer o pai dele né, encontrei ele acho que foi ali, ali na igreja navegantes e muito sofrido assim né... não se perde uma vida por causa de uma tragédia tão grande.

Juliano: Como foi se acordar com aquela água?

Janaina: É... Como foi esse primeiro momento? Eu vou te contar que eu acordei com o telefone da minha mãe e a minha Irmã morava uma quadra adiante da minha casa, ela tem duas crianças e eu moro sozinha com meu filho de 12 anos, ai a mãe assustada né, porque ela mora naquele prédio do Probale e o pessoal do prédio tava em movimento e ai acho que alguém trabalhava nessa parte de maquinário da prefeitura né, e avisou os que eram do térreo e ela não é no térreo mas ai acaba, acabou um vizinho levando ela lá pro centro da cidade, preocupado se foram pro centro né, mesmo morando mais pra cima né, no segundo andar e ai ela pediu pra mim avisar minha Irmã e ai eu fui lá né, eu fui lá até a casa da minha Irmã, cheguei lá e disse pra ela assim, acho que tá vindo uma aguinha ai mulher, eu não tinha noção da proporção, ai quando a gente viu assim as pessoas na rua eu voltei pra casa e comecei a levantar as coisas mas levantar assim uns 30, 40cm.

Juliano: Como eram essas pessoas que tu tava enxergando na rua?

Janaina: Eram moradores assim que tavam assim só vendo, eles escutavam as sirenes né...

Juliano: Essas pessoas tavam acreditando que realmente era ou não tavam?

Janaina: Não, não tavam, até um vizinho mais antigo que é pescador ali, disse “capaz menina, não vai vim água nenhuma aqui, nem te preocupa”, ai eu igual foi, eu e minha Irmã, deixamos as crianças na casa dela, a gente voltou e levantou assim uns 30cm as coisas assim, e ai eu comecei a me arrumar, peguei material da escola, que eu ia dar aula aquele dia né, na minha cabeça... Pra ti ver como eu não tinha noção, peguei material da escola, hã... não peguei roupa, não peguei nada assim sabe, nem uma bolachinha, alguma coisa que eu pudesse precisar depois por causa das criança né, nada né... e ai peguei minha bolsa né, e me arrumei, pentei cabelo, botei brinco, botei batom e me fui a casa da Irmã, quando eu comecei a ver aquilo, aquilo, eu ouvi o barulho no banheiro sabe, o barulho aquele que vem a água... e ai a minha Irmã já ficando apavorada, “vamos embora, vamos embora guria” e eu nada bem tranquila, chegando na casa da minha Irmã eu vi a água vindo,

ah me deu um desespero, voltei... voltei sozinha, ai um outro vizinho me ajudou e ai já arrombou... Pegando correnteza, eu sou meio maluca né, a ela ficou furiosa comigo e meu filho disse que ficou chorando, gritando...

Juliano: Que altura mais ou menos da água que estava assim, nesse momento?

Janaina: Ah não sei, acho que uns 70cm acho, é ai eu voltei ai com, ai eu não conseguia abrir a porta da garagem que foi difícil né, mesmo que a água não “estivesse” tão alta ainda né.

Juliano: Ela subiu rápido essa água?

Janaina: Subiu muito rápido, ai quando a gente entrou assim, que eu tenho a garagem e tenho uma porta assim, que nem a tua casa, e ai quando a gente entrou, quando, quando... ai a água assim acho que tomou conta assim, aquilo a gente arrombou a porta da cozinha né, ai virou geladeira, virou tudo assim sabe, faz tipo dum redemoinho né e minha casa não tem fundos... ai a gente conseguiu colocar, ele me ajudou, a gente colocou a televisão em cima do guarda-roupas, o computador, ai eu peguei umas outras coisas né, e me vim embora, mas ai quando eu sai a água já tava um metro e meio mais ou menos assim no meu peito é, ai era difícil, tinha que ir me segurando ainda tentei salvar um cachorrinho no muro, quase me mordeu... ai depois que veio o triste que digo assim, que ai a gente foi lá pra eu e minha irmã e meus sobrinhos, meu filho a gente foi pra z8 né, tava todo mundo acolhido ali né, ai que eu vi assim, a proporção da coisa e eu não tinha um casaco, não tinha uma... como eu te disse, não tinha um alimento, as criança com fome porque tinha sido tiradas da cama de qualquer jeito né, com tudo, com frio, com pouca roupa sabe, eu com meu cachorro no braço, tudo assim, a minha Irmã com o dela, ai depois uma família nos acolheu, ai a gente foi pra casa de uns conhecidos nossos que tinham segundo andar ai lá sim a gente ficou até terminar, baixar, ai o pessoal que tava no centro conseguiu vir né...

Juliano: Sim... então nesse momento tu era professora num turno na escola e no outro tu era vice-diretora na outra? Vice-diretora na escola Izolina?

Janaina: Na escola Izolina...

Juliano: Qual a sua função de ocupação e interação com a escola no sentido assim, nesses primeiros momentos conforme eu te disse assim, qual a tua interação com a escola, a escola teve algum contato contigo, tu teve algum contato com ela ou

simplesmente, como é que foi isso assim te cobraram ou não te cobraram tanto, como é que foi?

Janaina: Faltas, essas coisas tu diz? Não, muitas acho quase tudo tiveram visitando minha casa, minhas colegas, as professoras, a direção né, assim como foram na casa da Rosângela também que a Rosângela que é minha colega que sofreu que eu sei que ela se mudou pra fora pra casa dos pais dela né... me ajudaram né assim, me ajudar na limpeza não, acho que não teve ninguém da escola, mas fizeram cesta de coisas assim, a Ângela mesmo me mandou um edredom, mandou roupa de cama pra mim que eu tava precisando.

Juliano: A Ângela seria a diretora?

Janaina: Na época acho que ela era, ela era diretora é. Ela comprou e mandou pra mim por conta própria e teve o Simussul que mandou eu acho que colchão, uma cesta, uns alimentos né, que eles também me mandaram, mas eu tive mais ajuda assim de familiares, veio gente de Pedro Osório né, que eu conhecia, meu ex-marido me ajudou bastante, há meus primos né de Porto Alegre me ajudaram a limpar e quanto a escola assim, é que foi mais essa acolhida assim deles me procurar né, de querer saber como é que eu tava, de me dar uma força no momento e depois lá durante os horários de trabalho depois que eu retornei né, se via que eu tava triste né, eu, eu me lembro de um episódio assim depois que passou um tempo, que teve uma chuvarada lá na Isolina, lá e eu acho que ficou ali as ruas, os bueiros da Nova Esperança tudo cheio de água né, ... e eu cancelei as aula de tarde e aí a secretária de educação não gostou muito ...

Juliano: Ah não gostou?

Janaina: Não, não gostou assim, acho que ligou né, porque não foram avisados né, mas depois no impulso, pra ti ver como marca essas coisas porque eu achei assim, depois a gente não vai não vai conseguir sair da Nova Esperança que aquele impulso é coisa que te marca e depois tem umas reações diferentes que tu faria antes entendeu?

Juliano: Sim, sim. E a escola que tu trabalhou assim, elas ficaram sem aula assim um tempo ou chegou afetar, chegou a afetar toda a comunidade, assim um tempo ou foi só os professores que eles, que eles não?

Janaina: Não a escola em si voltou a funcionar acho depois de uma semana né.

Juliano: Depois de uma semana?

Janaina: Não lembro, eu acho que foi, eu sei que as escolas que ...O Gautsch é uma, meu filho era aluno do Gautsch, o Gautsch teve toda aquela função que, que ele teve que estudar lá no Padre José um tempo... E aí isso aí foi até uma coisa que mudou né, porque com a função dele ter que ir pro Padre José e eu não tenho carro e é difícil pra mim porque eu trabalho lá na Nova Esperança, eu troquei ele pro Marina Vargas ... Que aí ele ia se locomover de transporte escolar né, e eu não ia ficar preocupada e naquela época, eu acho que logo no início que ele começou no Padre José não tinha transporte.

Juliano: Hã me diz assim, o que que as escolas fizeram pra suprir essas percas materiais, materiais, eles fizeram alguma campanha, fizeram, teve algum movimento nas escolas que tu te lembre, de alguma turma de forma geral?

Janaina: Tá, mas tu diz perdas materiais minha assim, no sentido de...

Juliano: É... é a escola assim...

Janaina: Material escolar, de livros né...

Juliano: Também, tanto pra ti assim também que tipo, te colocaram alguma hora “se precisar estamos aqui a disposição”?

Janaina: Sim, como colegas. Formalmente... Pessoal foi muito solidário né..

Juliano: Não formalmente pra escola, mas entre pessoa então, entre amigos...?

Janaina: Entre amigos, é !

Juliano: E as crianças assim, teve alguma criança da escola chegou a sofrer com isso?

Janaina: Não...

Juliano: E algum outro colega na tua escola chegou a sofrer isso?

Janaina: Uma colega minha.. É, professora é...Que morava na, acho que mais pro lado da lomba, sabe ali as casas onde, as casas do David Baini... Ali, uns apartamentos né, ali ela morava, era alugado.

Juliano: Me diz uma coisa, o fator psicológico chegou a te afetar, de alguma maneira? No começo, um pouco depois...

Janaina: É que eu sou muito positiva né, eu sempre tento ver assim, os problemas... Claro a gente afeta, eu fiquei...

Juliano: Não te acordou mais alguma vez de noite assim, preocupada? Com a chuva...

Janaina: Ah, sim! Às vezes a gente, é é...

Juliano: Meio com medo ou receio?

Janaina: Não, acho que aquele inverno que veio logo em seguida, teve muita chuva né, eu não sei se me marcou e eu sempre tinha um casaco, quando chovia eu botava pra dormir comigo na minha cama e um casaco assim, penduradinho pra mim e pra eles, sempre... Teve momentos que eu fiz uma mala, que eu arrumei assim, porque me marcou muito eu não ter roupa... Eu não tinha nem uma peça de roupa né, eu fui pra casa, eu fui depois pra, eu fiquei uns 10 primeiros dias na casa da minha mãe né, que ela mora no terceiro andar desse prédio que eu te falei. E eu não tinha roupa, isso tudo eu tive que comprar, nem nada assim, nem pra mim nem pra ele, e me marcou o frio... eu não sei se eu andei muito na água, eu tive também problema de pele, que eu andei muito na água, tive que ficar em tratamento, me deu uma micose horrorosa... É, e ficou um tempo assim, tive que ir num dermatologista e depois passou.

Juliano: E esse, e esse mesmo fator psicológico, chegou a marcar algum dos teus familiares ou teu filho?

Janaina: Sim, eu e o Gabriel é... Ele também ficava, eu acho que até meu cachorrinho, se começa a chover muito ele late né, fica nervoso... É, e isso não sou só eu, eu já ouvi falar que outras pessoas que sofreram a enchente falaram que os animais sentem também, ficam nervosos.. E a gente fica, já passou um pouco agora... É, mas eu fico sempre pensando, que a gente tem que tá sempre atendida. Começa a chover muito... De surpresa não me pega mais não.

Juliano: Como assim, na tua opinião assim, como tu acha que a comunidade lourenciana conviveu com essa enxurrada, como tu acha que eles conviveram? Tu acha assim, por exemplo, deixa eu te dar um exemplo... Tu acha que houve duas comunidades lourencianas naquele momento? Seria uma comunidade que sofreu a enchente e essa viu ... viu o terror daqueles dias por um aspecto e a comunidade que não sofreu, que tu acha que se comoveu mais não, entendeu? Ficou mais a parte? Ficou mais a parte. Como a comunidade viu essa enxurrada? Tu acha que conseguiu se adaptar, tu acha que... tua visão sobre isso aí.

Janaina: Cada pessoa é diferente, eu sim, eu vi muitas coisas assim, erradas também... quando a gente via, uma coisa que eu vou te dizer assim... eu acho que eu tenho mais condições, que muitos familiares que me ajudaram, eu acho que eu fui uma vez buscar aquelas provisões que davam né, tinha muita gente que eram de bairros que não eram afetados, que eu reconhecia por causa do meu trabalho, eu moro lá na nova esperança, que estavam recebendo, a gente via isso. Outra coisa também, essa parte das pessoas ficar, a gente tava limpando, trabalhando né, e as pessoas ficar só olhando, passeando de carro né, a gente tá num momento tão sofrido assim que qualquer coisa incomoda né... É um, é tu te sentir impotente e menor até né, porque tu perdeu tudo né, uma vida... tu vai comprando as coisas, vai mobiliando a tua casa, vai, qualquer coisa que tu tem ali foi com esforço, tem uma historia da tua vida né, e aí, aí as pessoas tão olhando aquilo assim, pessoas que tu nem conhece né, ou tu coloca, tu abre uma coisa e coloca na frente da casa, quando vê já tem um querendo pegar e levar, isso, isso eu passei também, a gente sempre tinha que deixar alguém na frente cuidando, porque senão pegava as coisas, levava, teve até um menino, um adolescente, acho que era, meu ex-marido veio e limpou e até hoje minhas televisão funcionam, não sei o que ele fez mas funcionou direitinho, e ai ele deixou acho que secando, passou um produto né, e já iam levar se não tivesse, não tivesse o Gabriel cuidando, eu deixava ele cuidando... Coisas assim que magoam, mas eu também senti muita, muitas graças a Deus, solidariedade assim, pessoas preocupadas comigo assim né, eu sentia assim o sentimento no olhar né, querendo te ajudar no que pudesse né, nem todo mundo tem condições assim de, a gente também não, eu não sou uma pessoa assim de pedir muito ajuda, e isso é uma coisa que eu acho que aprendi também né, eu sempre fui muito assim, independente de querer fazer as coisas sempre tudo sozinha sem precisar da ajuda de ninguém... Nesse momento eu tava totalmente frágil assim, eu não conseguia dar um passo sem alguém me incentivar sabe, ou ta do meu lado, então eu precisei de todo mundo, e ai é uma lição de vida...

Juliano: Hã como você está após esses três anos de enchente aí? Como é que tu ta hoje?

Janaina: Eu to bem...

Juliano: Mudou alguma coisa, diferença daquela, daquela Janaína antes da enchente ou depois, teve alguma diferença?

Janaina: Cada dificuldade acho que a gente passa, a gente fica mais forte, eu me sinto mais forte ...

Juliano: tu assimila mais os fatos de uma forma mais, talvez diferente ou mais assim... Eu sou assim é, eu, eu passo problema, eu choro, eu sou muito chorona mas aí eu acho, aí depois eu boto pra fora e depois eu arregaço as mangas e sigo em frente, eu não sei, eu não me sinto diferente, eu me sinto mais forte, eu acho que cada ano que passa, não só esse, esse problema que eu tive na minha vida mas já tive outros também bem mais difíceis né, e só fazem eu, eu conseguir, sei lá, me sentir melhor, valorizar as coisas da vida né... Eu valorizo muito família assim, convívio, filho. Bens materiais, isso a gente adquire num dia e perde no outro. E aquela tarde mesmo que eu tava muito preocupada com o emprego assim, que é na parte da tarde da docência eu, isso eu não sei, eu penso assim que os livros tudo já tavam aqui ó, tudo dentro da minha cabeça né, então que foi, foi...

Juliano: Quais as marcas da enxurrada para a sociedade lourenciana e o ambiente escolar tu acha que ainda ta presente essas marcas da enxurrada para algumas pessoas?

Janaina: Eu não sei... porque eu, eu não convivo muito com alunos que sofreram né... mas a meu ver assim, eu não vejo que ta presente a não ser quando chove muito né, e aí...

Juliano: Tu acha que o pessoal esqueceu rápido?

Janaina: na frente da minha casa é tudo entupido os bueiro e alaga até hoje, eles andaram limpando, arrumando, trocaram de um lado mas mesmo assim às vezes tem água assim a uns 15 centímetros na frente de casa ...então aquilo aflige né, principalmente as crianças que eu acho que, que, que demoram mais pra assimilar essas coisas ou, eu não sei, acho que ficam mais tocadas com a situação ...e eu vejo assim, que ele já esqueceu, que ele não, que ele é a criança que eu convivo, que ele já esqueceu quanto a aprendizagem dele, eu não sei, eu consegui comprar as coisas de novo e continua, a escola que ele estuda agora não foi afetada né, mas eu vejo que o Gautsch também tá funcionando normalmente ... foi reformado, tá bonito ...

Juliano: O governo numa forma geral na enchente? Nada... Não?

Janaina: A mim não. Até fiquei muito magoada, eu precisava de ajuda... Quem não precisa né... mas não me ajudou em nada a não ser, assim em material de limpeza, pego, eu acho que pegaram e aquela vez que eu fui ali e peguei, eu acho que no São Lourenço alimentação uma vez ... mas assim como sei de outras pessoas que ajudaram e veio verba né, a mim não. Nem sei se eu teria direito como professora... a função da geladeira também, que eu perdi minha geladeira, minha geladeira era antiga né, e aí eu queria, eu queria uma que eles tavam dando né, ... eu tinha que comprar outras coisas, não tinha mais nada dentro de casa, perdi tudo né ... aí me disseram que era só pra quem tinha, aquele auxílio, cadastro né, aí como tem Bolsa Família, tem que ter cadastro né.

Juliano: Essa geladeira não era por questão da CEEE? É. Era pela CEEE né?

Janaina: É, aí eu não pude receber e comprei a minha Graças a Deus.

Juliano: Na tua concepção poderia ser evitada essa enxurrada? Tu acha que poderia em algum momento ser evitada de alguma forma?

Janaina: A gente escuta tanta coisa, não sei, avisar na minha rua não passou carro de som avisando, eu não escutei pelo menos, eu durmo, eu tenho o sono pesado, sono pesado, mas evitado, que a gente, eu, não tenho como te dizer isso assim ó, eu escuto muita coisa que já sabiam num tempo de antecedência né, que as pessoas podiam ter sido avisadas, claro que se eu tivesse ficado sabendo um pouco antes a proporção né, mas como eu conversei com pessoas ali da rua que são pessoas pescadores que nem eles assim tão acostumados com a função do arroio, de outras enchentes acho que teve uma só, que nem essa né... Antiga né? É, e eu não sei a, eu não posso te dizer se eu ia acreditar, ou se eu ia tirar as coisas tudo de dentro de casa, porque a gente é muito acomodado, acho que em alguns fatores, a gente não imagina que vai vir uma coisa tão grande, uma proporção tão grande...

Juliano: Quem seriam os maiores culpados dessa enxurrada do dia 10 de março e 11 de março, colocaria alguém como algum culpado ou acha que não?

Janaina: Se é uma fatalidade? Não sei...

Juliano: Como tu vê isso?

Janaina: É questão do meio ambiente, do lixo né? Que eu vejo que influência muito, então a gente é o maior culpado né? O governo também claro, porque... essa parte

de, de acomodar, de acomodar o lixo, eu sou muito revoltada... Como eu te disse, agora minha rua tá entupida e alaga né... Então tem culpados, agora, as pessoas tem que fazer, eu acho que de uma certa forma foi esquecida essa situação, então, tá tudo como era antes né, nada foi modificado, eu não vejo melhoria, tantas melhorias né, então ninguém fez um planejamento pra que não volte a acontecer, eu não sei também a função dos açudes que arrombaram, tanta historia a gente escuta...É, é então assim, eu acho que teria sido feito uma avaliação do governo né, e ser modificado pra que não aconteça de novo.

Juliano: Me diz uma coisa, considerando considerações finais agora, o que que tu poderia dizer a mais assim, da enchente ou algo que tu gostaria de acrescentar, ou algo que realmente te marcou, ou alguma imagem ou algum momento, ou alguma coisa que pra ti foi...

Janaina: Pra mim acho que foi as pessoas, essa união assim até da minha família, das pessoas virem de longe pra me ajudar né, me apoiar, colocar a mão na massa, pra limpar, isso é uma lição de vida que eu acho que até, até me fez pensar não ser tão individualista e também ajudar assim sabe, não que eu não ajude mas, eu me desacomodar quando alguém tá de longe, precisando eu também e essa questão também de, não sei, de dar mais atenção assim, a não só os bens materiais... E essa parte do governo ficou, eu, eu fiquei preocupada por ter falado, a gente tava conversando e eu fiquei pensando, que nada foi feito, tá tudo igual né, então a gente sempre fica com aquela ansiedade que aconteça de novo, eu não quero, acho que existiu um erro e esse erro deve ser revisto né, e planejado pra que não aconteça de novo né.